

3.000
1939 - 13 / 14
22

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1939 – ANO: VII - Nº 13-14

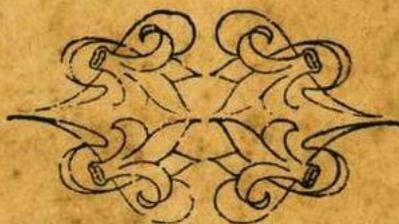
Revista da Academia Mattogrossense de Letras

Anno VII

1939

N.ºs XIII e XIV

Vol. único



CUIABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
1939

SUMMARIO

Gonçalves Dias — (discurso) — *D. Aquino Corrêa*

Os Pardaes — *Cesario Prado*

O romance cuiabano e o Snr. José de Mesquita — *D. Martins de Oliveira*

Centenario de Machado de Assis

De Livia a D. Carmo (these) — *José de Mesquita*

Machado de Assis e Renan — *V. Corrêa Filho*

O humorismo na obra de Machado de Assis — *Gervasio Leite*

Poesias

À beira do Lemano — *D. Aquino Corrêa*

Rhythmos novos — *José de Mesquita*

Ante a queimada — *Maria de A. Müller*

Sonetos — *Lamartine Mendes*

Pobre? — *Otavio Cunha*

Um grande amplexo entre o Sul e o Norte

Discurso do Prefeito de Campo Grande, Dr. Eduardo Machado

Resposta do Presidente da Academia

Palavras do academico Cecilio Rocha

Ecoss duma visita amiga

Saudação do Presidente da Academia

Agradecimento do academico Lamartine Mendes

Tres sistemas ortográficos — *Severino de Queiroz*

Poesias

Sonetos — *Rosario Congo*

Pé de garrafa — *Ulysses Cuiabano*

No album de Verinha — *Franklin Cassiano*

Biografia do Poeta segunda edição de Cristo — *Lobivar de Matos*

Poesias — *Walkyria Neves Goulart*

Violino Magico — *Laurindo de Brito*

Aproximação continental — trechos de discurso — *Christovão de Camargo*

Fé, Sciencia e Patria — discurso — *Francisco Mendes*

A questão ortográfica — *Flavio Guimarães*

A Patria e a Cultura — discurso — *Isac Póvoas*

Velhas Imagens — *Oscarino Ramos*

Discipulo de Ibsen — *Estevão de Mendonça*

Chico Simplicio — *Mario Serra*

Páginas dos Mestres

A Carolina — *Machado de Assis*

Porto Celeste — *Afonso Celso*

Páginas Esquecidas

Canto de amor — *José Thomaz*

Páginas dos Novos

Poema da minha terra — *Glorinha Novis*

Crepusculo — *Guy de Mesquita*

Holocausto — *Benildo Moura*

Dia da Patria — discurso — *Rubens de Mendonça*

Cupido vence o coração — *Vera Corrêa de Almeida*

Fico às vezes pensando no porquê — *Maria Santos Costa*

Relatorio de 1937-1938

Actas das Sessões da A. M. L.

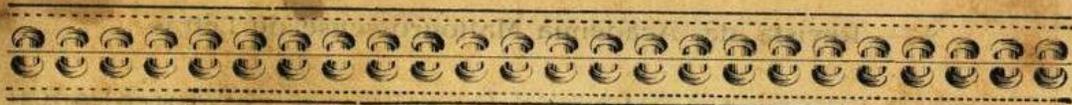
Bibliografia:

Caboclo d'agua — *D. Martins de Oliveira* — *J. de Mesquita*

Caminhos de minha vida — *Laurindo de Brito* — *Nilo Póvoas*

Manoel Alves Ribeiro — *J. de Mesquita* — *Raimundo Maranhão*

Publicações recebidas



Gonçalves Dias

Palavras de D. Aquino Corrêa na Academia Brasileira,
a 3 de Novembro de 1938

Transcorre hoje o anniversario da tragica morte de Antonio Gonçalves Dias, o poeta maranhense, que ha 74 annos, em dia como este, naufragava e perecia nos mares da terra natal, sem que pudesse avistar, nem de longe sequer, pela ultima vez, as palmeiras da patria, aquellas mesmas «palmeiras, onde canta o sabiá», pelas quaes tanto suspirara outrora, no lyrismo saudoso da sua «Canção do exilio».

O mar, a quem dedicara elle uma das mais inspiradas poesias, que jamais me emolgaram, hymno que tem a majestade biblica dos psalmos, esse

*Oceano terrivel, mar immenso,
De vagas procellosas, que se enrolam,
Floridas rebentando em branca espuma,
Num polo e noutro polo,*

esse mesmo mar serviu-lhe alfim de sepulcro, tumulo mais grandioso que todos os mausoléus, para que, de

anno a anno, nesta ephemeride, em que se entrelaçam o cypreste e o louro, pudessem as ondas das nossas praias repetir-lhe o canto funebre do poeta:

*Dorme entre perlas a cabeça altiva,
Em que fulgira tanta luz brilhante:
Dorme ao murmur da vaga fugitiva,
Nos braços d'um gigante outro gigante.*

E a Academia Brasileira, cujo fundador comecei a conhecer exactamente através da nostalgica nenia, com que fez chorar as virgens da mata, annunciando-lhes a perda irreparavel de Gonçalves Dias, naquelle pathetico estribilho, que repercutiu, lado a lado, pelo Brasil a fora:

*Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros,
Virgens da matta, suspirae commigo!*

a Academia, que guarda com carinho uma grande e suggestiva reliquia da immensa tragedia, que foi o desaparecimento do poeta, isto é, um fragmento da prôa e do nome da nau «Ville de Boulogne», em que succumbiu, a Academia faz bem de avocar a si a missão de mystagoga gentil do culto á sua fulgida memoria.

Nem é sem profunda emoção que me associo, seja embora com tão pouco, a esta elegantissima tertulia academica em homenagem ao classico e popular aédo da nossa gente. Porquanto, senhores, falar de Gonçalves Dias é evocar a manhã de sol e de flores, em que a nossa adolescencia entrou pela vida, cantando-lhe os versos maviosos, de envolta com os de Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella.

E se alguns destes o excederam talvez, desgraçadamente, no alor e na furia poetica, com que celebraram as paixões da mocidade e o pessimismo romantico da época; se o «poeta dos escravos» póde disputar-lhe a palma, quanto á influencia social da sua lyra condoreira, e o autor do «Evangelho nas selvas», quanto á inspiração religiosa da sua harpa sagrada, nenhum delles, entretanto, pode competir com Gonçalves Dias, no equi-

librio do temperamento literario, que o torna, dentre todos esses, o melhor e mais perfeito modelo a ser proposto á nossa juventude estudiosa.

Os demais foram poetas, na significação integral do termo, mas, por isso mesmo, eivados de não poucas das extravagancias que elle comporta, desde a vida ao sabor dos caprichos, a reflectir-se nos estudos e na obra poetica, até á morte prematura, a ponto de se abrir um capitulo, em nossa historia literaria, a essa malfadada «escola de morrer moço», que não é, por certo, um programma para o nosso patriotismo.

Gonçalves Dias, ao contrario, soube ser poeta, sem esquecer a vida, tal como ensinava o bom senso de Boileau, preparando o candidato ao Parnaso: «Ama a virtude, diz elle, e della nutre tua alma; não sejam os versos a tua eterna tarefa; cultiva os amigos; sê homem de fé; não basta ser encantador num livro, é preciso tambem saber viver e conversar o mundo».

*Aimez donc la vertu, nourrissez-en votre âme...
Que les vers ne soient pas votre éternel emploi;
Cultivez vos amis, soyez homme de foi;
C'est peu d'être agréable et charmant dans un livre,
Il faut savoir encore et converser et vivre.*

Bem se pudera traçar, com esses alexandrinos singelos e claros da «Arte Poetica», o perfil moral do nosso poeta. Exemplo de estudante, conseguiu formar-se em Coimbra, á custa de não pequenas humilhações e sacrificios. Dedicado, como, em geral, os seus conterraneos illustres, a essas humanidades classicas, que valeram á capital da sua provincia o epitheto honroso de «Athenas Brasileira», não deixou, comtudo, de cultivar com esmero as linguas modernas e outras materias, estudando sempre, e tornando-se mesmo um erudito em assumptos historicos e ethnologicos brasileiros. Pôde assim desempenhar missões publicas e importantes, prestando ao País os mais preclaros serviços.

Nesta hora, porém, em que o Brasil se orienta com tanta firmeza, para o ideal dum nacionalismo sadio e fecundo, é principalmente como poeta nacionalista que Gonçalves Dias deve ser apresentado á admiração do nosso povo. E tres amores parecem-me integrar o seu nacionalismo: a lingua, as tradições e a religião da nacionalidade.

Desnecessario dizer-vos que não entendo por lingua nacional isso, a que se chamou lingua brasileira, no sentido desse dialecto ou «surrão» já surrado pelo nosso Ruy Barbosa, «surrão amplo, onde cabem á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua lingua, todas as escorias da preguiça, da ignorancia e do mau gosto».

Refiro-me, sim, á veneranda e nobre lingua portuguesa, essa, que «com pouca corrupção se crê que é a latina», hoje tão nossa, pelo menos, quanto de Portugal, e que, transplantada para os céus dos tropicos, desabrochou naturalmente em flores novas, á semelhança das orchideas, dos cactus e das passifloras. Esta é a lingua de Gonçalves Dias, comparada por Bilac a jovem dama de madeixas brancas, lingua, que enflorada embora do viço tropical dos vocabulos indigenas, é sempre a mesma, e tem as raizes no humus classico dos mestres de antanho. Daqui a belleza vernacula do seu verso, que sobresahiu desde logo em meio ao poetar do tempo, á feição de veio crystallino e cantante a derivar das fontes mais puras do idioma. E como se isso não bastasse, quis dar-nos ainda prova mais cabal nesse curiosissimo ramilhete de lôas, solaus e lendas, que se diriam mimosas flores de herbario, resuscitadas por milagre da sua arte, nas «Sextilhas de Frei Antão», que, escriptas em portugês archaico, bem revelam a profundez dos seus conhecimentos da lingua patria.

Outra manifestação sympathica do nacionalismo de Gonçalves Dias foi o seu amor ás tradições, isto é, a tudo que é brasileiro, e o levou a preludiar os «primei-

ros cantos» da sua musa com aquellas «poesias americanas», tão originaes e tão lindas, que encantaram, como sabeis, a propria critica sisuda de Herculano.

Tanto amava a natureza da sua terra, que «minha alma, escreve elle, não está commigo... lá está a espreguiçar-se nas vagas de São Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurar nos leques das palmeiras; lá está ella nos sitios, que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o pau d'arco coberto de flores amarellas. Ali, sim, ali está ella, desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras, desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo»...

Assim se fez elle corypheu do indianismo, escola esta genuinamente nacionalista, que, após a independencia politica, lançou as bases da nossa autarchia literaria. Assim iniciou elle a sua carreira poetica, e assim se pode dizer que a concluiu, sabido como é, que passou os ultimos annos a compor o seu poema «Os Tymbiras», o maior monumento, infelizmente inacabado, que pretendia levantar ás tradições do nosso passado, como se vê do titulo e da introdução, que se abre ao rhythmo destes decasyllabos sonoros:

*Os ritos semibarbaros dos piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem,
Donde, como dum throno, emfim se abriram
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas e batalhas mal sangradas
Do povo americano, agora extincto,
Hei de cantar na lyra!*

A cruz de Christo, abrindo os braços sobre a terra virgem do Brasil, lembra-nos o terceiro elemento do nacionalismo de Gonçalves Dias, que foi a religião, essa religião, cujo sopro divino perpassa pelos seus carmes,

ora subtil e suave, como aroma de incenso, ora forte e vibrante, como as harmonias mais imponentes do órgão nas abóbadas de ouro duma basilica.

Assim pôde elle cantar :

*Tenho uma harpa religiosa,
Toda inteira fabricada
De madeira preciosa,
Sobre o Libano cortada.
Foi o Senhor quem m'a deu,
De santas palmas coberta,
Que as notas suas concerta
Aos sons do psalterio hebreu.*

É d'elle, aliás, no prologo dos «Primeiros Cantos» este bellissimo conceito da poesia: «Casar o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, a idéia com a paixão; colorir tudo isto com a imaginação; fundir tudo isto com a vida e com a natureza; purificar tudo com o sentimento da Religião e da Divindade, eis a Poesia, a Poesia grande e santa, a Poesia, como eu a comprehendo, sem a poder definir, como a eu sinto, sem a poder traduzir».

Por isso, na ultima estrophe de «O Gigante de Pedra», enlaçando indissolvelmente a fé e o patriotismo, exclamava elle num arroubo poetico:

*Porém, se algum dia, fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar!*

Bem hajam, pois, os promotores desta commemoração anniversaria!

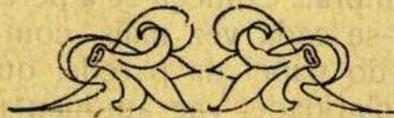
Bem hajam aquelles, que, de preferencia a outros, apontam como exemplar e patrono ás novas gerações o grande bardo nacionalista, que foi Gonçalves Dias! Bem hajam todos, enfim, que procuram manter sempre viva e gloriosa a memoria do vate patriota e crente, a

quem Deus corôe no céu, tal como o festejamos sobre a terra, premiando assim aquella grande esperança christã, que lhe ia na alma, quando solennemente apostrophava o oceano nestes magnificos versos, com que fecho em ouro os europeis desta palestra:

*Mas nesse instante, que me está marcádo,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre,
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonoro rugido.*

*Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará num relance o circolo estreito
Do finito e dos céus!*

*Então, entre myriades de estrellas,
Cantando hymnos de amor, nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
Mordendo a fulva areia!*



OS PARDAES

Cesario Prado

Muito antes que a ridente Aurora venha tingir de ouro, violeta e rosa as minhas vidraças, com aquelles seus dedos magicos e suaves, eternamente decantados pelas letras classicas, já sei que o sol não tardará, rutilo e jovial, a romper as trevas nocturnas, porque oiço a voz da criação que se levanta no meu jardim... Ainda o quarto está mergulhado em densa escuridão que a pouco e pouco vae-se attenuando e esbatendo. Começa a fazer-se meia luz e meia sombra... Começa-se a perceber o contorno dos moveis e a distinguir-se cada vez mais com melhor nitidez os objectos, os desenhos do papel da parede, quando, á mesma proporção da crescente claridade, vae augmentando, vae se multiplicando aquelle pipilo de começo debil e terno e que depois ouve-se aos grupos com forte estridencia, doido ruflar de azas e estridulos de algazarra endiabrada: já sei—é o alegre bando dos pardaes!

Nuncios do dia, eu vos abençoo, oh! meus bons amigos alados! Vós me gritaes, em clarinada matinal, que vae se acabar a minha longa, penosa vigilia e que si não vier novo alento á minha exhaustão, ao menos algum alivio para o meu cansado coração, ha de trazer-me a viva luz da manhã.

Assim, si a ignorancia do poeta, de que não sois graniveros, fez o velho padre cura maldizer-vos deprecando aos ceos a razão por que vos criou, lançando-vos a calumnia de que, de

parceria com os melros, lhe comieis e roubaveis as sementes e os grãos, nós é que não podemos vos odiar nem maldizer, e, ao contrario, bemdizemos, louvamos cheios de gratidão, a lembrança do velho Francisco Passos, feliz lembrança de vos impcitar para povoar de sonora alegria os céos cariocas, os seus jardins e as suas praças, com a vossa barulhenta grazinada...

Vêde: ha tanto tempo eu suspirava pelo dia! Parei o relogio de cabeceira para não lhe ouvir mais o monotono tic-tac. De que vale isso? Cá temos dentro do fatigado peito o isochrono pendulo do proprio coração, apostrophando aquelle outro como no bello soneto de José de Mesquita:

« Maior, porem, que o teu é o meu padecimento,
pois, tu, ao menos, tens um circulo restricto,
e eu vivo a divagar de infinito a infinito,
sem siquer descansar um rapido momento... »

— Ergue-te, pobre corpo! Levanta-te, sús, ó alma desanimada, eis o que me dizeis oh! queridos pardaes, antes que as cores da madrugada e o alento de seu almo calor me tenham dito: agora se acabará a tua dyspnéa, vaes ter vida nova. anda, re-surge!

Rejubilo-me com a vossa communicativa alegria e não resisto ao desejo de descer ao jardim para saudar comvosco as rutilas, auriflammadas fchas que o verão carioca estende com pompa e fulgor pela ampla aboboda do céu de nacar. Nenhum galicanto mais festivo, nenhuma alvorada mais jocunda, nem a dos clarins dos quartéis da visinhança, nem a dos sinos das igrejas de perto, resoa para mim em sonoridade tão animadora, tão vibrante e metalica como a vossa, ó pequeninos pardaes!

Vendo-vos nessa alacre revoada, nesse alvoroço de bicos e azas irriquietas, creio que bem razão assistia a São Francisco de Assis quando ingenuo pregador, vos dirigia sua santa e amavel palavra:

— Meus irmãos, passaros, deveis louvar muito o Creador e amal-o incessantemente, porque elle vos deu pennas, azas e tudo quanto vos é necessario. Deus vos fez nobres entre todas as creaturas e vos deu, por morada, a limpidez dos ares. Não semeaes, não ceifaeis, nenhum cuidado tendes na vossa existencia, e todavia Deus vos protege e vos nutre.

Desço ao jardim e quedo-me extasiado a contemplar o revô dos pardaes, tão pequeninos, trefegos e expertos! Com a plumagem de lamentavel pobreza de cores, — apenas um pardo aguado de tintas, ou riscas de tom negro tambem desbotado, os pardaes são

talvez os passarinhos menos bellos de toda a criação. No mundo ornithologico creio que só o nosso bem-te-vi ou o nosso amassa-barro, como mendigos de belleza, é que lhes ficam em escala inferior. Ostentam todavia a graça leve do porte miudo e salvam-se tambem nelles, embora sem rithmo, sem compasso e sem musica, esses garganteios estridentes e esse incançavel voo doído, esse bater e ruflar de azas em estrepito e em rumo que não se póde acompanhar com a vista. Com effeito, são como pequeninas flechas volantes, ou petardos disparados por mãos invisiveis. Fito os olhos em dois delles que pousaram num ramo verde e loução de um ficus-benjamim: eis que voaram para o carramanchel de bougainvilles vermelhas. Olho o bando que parte para o lado das roseiras que durante o anno enfeitam de petalas rubras e trescalam de aroma o meu palmo de terra: eil-o que já fugiu para o renque de samambaias altas e crespas ou para as tufosas moitas de brancos jasmineiros... Não, não é possível acompanhar-se o alado mundo na inconstante e rapida direcção, como é impossivel seguil-o no festival hymno de gloria ao eterno luzeiro que flamba o grão de poeira, este globo em que vãmente nos movemos e agitamos...

Bemditos pardaes! Desprendendo o vôo da longinqua barra da Tijuca, onde as ondas morrem em preguiçoso marulho; soltando as azas das mattas silenciosas de Irajá; revoando sobre os morros de Cachamby ou sobre os descampados da zona rural de Inhauma, viestes, em gazil bando tão numeroso, tão infinito, que coube até ao meu desgraçoso jardim receber-vos em boa parte... Entre tantos parques de argentarios, medidos e traçados a primor, não esquecestes o meu pequeno jardim de samambaias e flores communs e quisestes vir até elle, trazendo-me um pouco da vossa ruidosa alegria... Porque aqui estão as mesmas flores das vossas mattas... Talvez só por isso... porque, como o *Poverello*, «amaes acima de tudo essas queridas florinhas, entre as hervas escondidas, que na sua pobreza não têm nome.»

Deus é bom! Si resolveu diminuir-me a vida, prolonga-me as horas nesta morbida insomnia de toda a noite... Mas na dolorosa vigilia a vida já assim se me afigura assaz longa, vã e penosa...

Louvados, pois, sejaes vós, ó meus trefegos e queridos pardaes, que quando a claridade se ergue por sobre os tectos adormecidos, com o barulho das vossas azas me levantaes a alma abatida para novo dia de luta, de esperanza e fé; como para uma vida tambem Deus nos ha de erguer, cremos, como pobres e desvalidas e fracas creaturas de suas mãos omnipotentes...



O ROMANCE CUIABANO
E O SR. JOSÉ DE MESQUITA

D. Martins de Oliveira

(Ensaio lido na hora litero-musical do
Centro Matogrossense, do Rio,
a 26 de novembro de 1938)

Nesta festa da poesia do sr. José de Mesquita, no Centro Matogrossense, eu me comprometi a ler uma crônica já retardataria a respeito de seu último romance "Piedade".

Assim como a intenção poética floresceu nas páginas desse livro, também não me parece destoante falar do romance, quando o autor nos apresenta "Ritmos novos". Realmente, a primeira dominante de "Piedade" é a poesia de que é envolvida a obra, do começo ao fim, no que andou bem o autor para suavizar a tragédia desenvolvida, começada no velório da velha mãe preta Roberta, passando logo ao caso doloroso da tísica de Glo-

rinha, mais adiante desdobrada na súbita loucura de Alvaro, e terminando com a morte dos dois personagens centrais, também por doença pulmonar. Mas o sr. José de Mesquita, apresentando esse drama de saúde, não deixa predominar a atmosfera de um pequeno hospital. Antes, o que o autor sugere é a fraqueza da carne, a transitoriedade do homem sobre a terra, a passagem rápida da vida, galvanizada pelo amor.

Dostoievski queixava-se a um amigo de que se deixava arrebatado pelo *élan* poético no desenvolvimento de seus romances, achando que isso prejudicava-lhes o conteúdo. Talvez ele tivesse suas razões para lamentar esses arrebatamentos que comprometem a simplicidade, a clareza, a realidade do entrecabo.

Comtudo, entre nós, sendo a predominante de nosso espírito de povo jovem o gênero poético, o romance é também uma variedade da forma poética, uma outra maneira de fazer poesia. Quem mais reagiu contra isso no Brasil foi talvez Machado de Assis, um pouco menos, Aluizio de Azevedo, porque Macedo, Alencar, todos os novos romancistas, com menos intensidade, Graciliano Ramos, esse abafado, mesclam poesia ao drama de seus personagens, ora vinda dos estados de alma, ora dos derrames da paisagem, ora da atitude das figuras, do aprimoramento dos heróis e da divinização das heroínas.

O sr. José de Mesquita lança poesia no livro pela paisagem dessa candida capital matogrossense, na sua simplicidade repousante entre montanhas, de quintais e charcaras e correios e festas populares. Aliás, nessa parte, não carrega nas tintas. É, principalmente, com a frase poética, a metáfora e as diversas figuras da retórica que enfeita o seu volume. Há certas palavras isoladas que só entraram para a língua ou só são lembradas pelos poetas insaciáveis de sonoridade, de rimas, pelos malabaristas do som articulado.

O autor de "Piedade" não resiste ao prestígio so-

noro que certas expressões aprendidas e usadas no verso lhe despertaram e carrega-as para dentro do romance: *glauco, gelosias, côma, achamolatado, precinta, azul, campa, vulgívago, farfalhar, diluculo, vespéral, reixas, lucivelo, etc.*

Agora, um exemplo de como o desejo de bem apresentar um personagem, a "Flôr das morenas", arrebatou o romancista aos dominios da arte poetica:

« O seu todo arisco de veadinha, os seus gestos brejeiros como os dos saguis, o seu andar balanceado na cadencia das jaguatiricas novas, a sua cutis morena como o jambo e macia e pubescente como as folhas de malva, as suas mãositas irriquietas como dois beija-flores, as suas cômas negrissimas tal a plumagem do anum, os seus labios que eram duas pitangas maduras, o seu seio de pomba-rola, a sua voz langue e pausada como o canto da jaó, no entardecer, os seus olhos que dardejavam lumes como as lagôas ao sol da alvorada — tudo respirava para o moço a magia da natureza tropical, o sentido profundo das cousas nunca vistas, a formosura virgem e intemerata da terra ainda mal esflorada pelo contacto humano. »

Mais adiante, lemos, referindo-se a outra personagem e fazendo um verdadeiro poema romanesco:

« A fileira alvissima dos seus dentes, lindos e pequeninhos, como as perolas que lhe cingiam o pescoço alvo de neve. »

.....

« Esta tinha o seu condão no sorriso unico, imprescrutavel, lindo e fatal como talvez, o de Mona Lisa, que Leonardo tentou perpetuar na sua tela. »

.....

« Estendeu-lhe a nivea mãosinha, delicada como uma flôr, alva carmelia quintipetalar aromada a Coty... »

.....

Mas não será verdade que a poesia cabe em toda parte e seria despropositado aconselhar-se o seu afastamento completo do romance, como prescrever-se que a poesia, deva ser feita pura e simples, sem auxilio da

ciencia, da teologia ou da sociologia? Como propinar-se a um romancista ou a um poeta o processo de sua expressão? Não faço objeção á maneira do snr. José de Mesquita. Apenas constato que a sua forma de expressão é principalmente a poetica. O que se tornaria intoleravel seria a vulgaridade e o logar comum, inadmissiveis em qualquer escritor que se prese.

Outra questão a esclarecer é se "Piedade" é um romance moderno.

O autor de "A Cavallhada" já havia transigido com os novos em "Espelho de almas", seu romance premiado pela Academia Brasileira de Letras, mas transigido, apenas, em parte, no romance como na poesia, pela superficie, não no todo, e com o cuidado de não abandonar o seu caminho de humanista, traçando á margem de sua obra uma paralela dita "modernista".

E' do proprio romance "Piedade" que tomamos de seu personagem central — Paulo — um conceito que transparece o pensamento do autor:

« Via-a ligada, por elos de uma cadeia invisivel, mas que se fazia sentir imperiosamente, a todas as recordações mais gratas do seu passado distante ou proximo. E o passado mesmo quando não o queiramos, exerce um papel importante e decisivo em nossa vida. Ninguem consegue furtar-se-lhe á influencia bôa ou nociva e, por mais frio e prosaico, que homem haveria que se esquive de todo ao poder dessa força imperiosa da evocação? »

O romance não tem intransigencia gramatical com os barbarismos, mas é vasado em linguagem tanto quanto possivel castiça e os personagens são na sua quasi totalidade gente ilustrada, que fala filologicamente, sem o pitoresco do modismo popular.

Alguns, porém, como Cardoso, o acaciano e cretino Ricardinho aparecem no romance para ridicularisarem pelos proprios os excessos do purismo classico, usando êste uma linguagem preciosa e arrebitada, embevecido

deante das coleções de quinhentistas, mas com um remoque nos lábios para os renovadores.

O Sr. José de Mesquita mostra, assim, que conhece o segredo de saber transigir, que não é possível viver só do passado, escrevendo e sentindo á antiga, indiferente á evolução do tempo e ás influencias do espaço.

Tão ridiculo é o homem que só concebe o mundo ancestral, como o moço que já supõe viver exclusivamente o futuro, porque nessa questão de tempo tudo se transforma á nossa revelia.

A verdade é que vemos muitos dos mais modernos renovadores já pregarem a volta ao classico, ao humanismo, arrenegando-se da hora anarquica em que vivemos, nos dominios de um verdadeiro medievalismo, entregues a todas as correntes individualistas do pensamento.

O sr. José de Mesquita é assim, dos mais novos, sem ter se afastado do seu ponto de vista de amigo do presente, mas tambem do passado, para poder ser expressão logica do futuro.

De qualquer modo, o ilustre poligrafo matogrossense consolidou a intenção de realisar um ciclo de obras cuiabanas com o seu livro "Piedade", romance de familia; dos casamentos, portanto, de multiplicação da prole; de interior do lar, no que ele tem de mais suave, de mais solidario, de mais estimulante da celula difusora da vida brasileira.

Personagens feitos a carvão, sem muito luxo de detalhes somaticos ou psicologicos, historia em ritmo curto de resumo, essas mansas e heroicas esposas como Maria da Piedade; mães cheias de dedicação e amor como a velha preta Roberta e a prolifera mãe branca— D. Francisca, servem para sugerir toda uma multidão de figuras da nossa vida quotidiana. Por isso o papel do Sr. José de Mesquita é hoje marcante na literatura brasileira: êle fez o romance cuiabano, tanto mais quanto

não parou neste livro a sua atividade novelesca e nos promete obras mais definitivas.

O material é de primeira qualidade, denso, assoberbante, mesmo, exigindo paciência, método, talento para realizações solidas, e o sr. José de Mesquita possui as melhores armas para tratá-lo.

Constata-se, ainda aqui, em Mato Grosso, como a poesia antecede os movimentos artisticos e sociais, e os inspira: Tolentino de Almeida, o creador da "India Rosa", D. Aquino Corrêa, autor do "Terra Natal"; Lamartine Mendes, autor de "Aguas Passadas"; Ulisses Cuiabano, Franklin Cassiano, Oscarino Ramos, Alirio de Figueiredo, quasi todos os poetas regionais, terminando no mais novo de todos — Lobivar Matos — receberam da natureza matogrossense, embora mais ou menos influidos pelo parnasianismo, o fogo da renovação, correspondendo ao advento da literatura nativista de todo o país. Em seu Estado, juntaram-se aos poetas os demais trabalhadores intelectuais como um Ferreira Mendes, uma D. Maria Ponce, de Arruda Müller, uma D. Maria Dimpina, um Alcindo de Camargo, um Cesario Prado, um Cesario Neto, para não falar nos adventicios, enamorados da grandiosidade da terra e do sentimento do povo. Logo, as grandes figuras que vinham preparando a eclosão da paisagem historica, descortinada por um Estevão de Mendonça, um Virgilio Corrêa Filho, um Philogonió Corrêa, um Frederico Rondon ...

Em todos êsses setores da intelligencia, José de Mesquita foi sempre o mais ativo e entusiasta, o mais joven e o mais tolerante, fundando Academias, mantendo revistas ou jornais, promovendo reuniões, trabalhando incessantemente pelo engrandecimento intelectual do seu Estado, sem esquecer as suas atividades scientificas na Justiça e na Religião, sendo êle, nesse terreno, uma especie de Tristão de Athayde matogrossense.

E' êle quem vem trazer, ainda, para o atual movimento de obras ciclicas do Brasil — êsse balanceamen-

to de regiões — a sua contribuição sincera da novela matogrossense e que se somará definitivamente ao esforço de esclarecer e confundir num só todo o sentimento nacional.

Nêsse movimento iniciado pelos romancistas do Norte, avultam, sem duvida, grandes defeitos de construção da obra de todos os autores, mas na realidade não se fez ainda, de conjunto, nada de mais basico para a nossa literatura, e de tão seguro para nossa independencia intelectual.

Os livros do Sr. José de Mesquita, obedientes a essa corrente, tambem não escapariam aos defeitos dos demais, por que êles são elaborados com o desejo de prestar um depoimento sincero, sem o falso escrupulo de esconder nossos proprios vicios, erros ou deformações profundas. O que por exemplo em "Piedade" possa parecer um defeito—grave—o de citações impertinentes no romance: de Mona Lisa, Leonardo, Wilde, Coty, Machiavel, Tayllerand, Lamartine, Baudelaire, Renoir, Anatole, Sthendal, Lemaitre, Bocage, Tolentino, Castilho, Herculano, etc. etc. — espelha o gosto da erudição no ambiente do romance.

A verdade, contudo, é que "Piedade" é um romance que atingiu ao seu modesto fim, e vale como uma mensagem do talento matogrossense, realisada pela expressão maxima de sua intelectualidade contemporanea — José de Mesquita.

Por isso, Mato Grosso fez do seu autor o embaixador de sua inteligencia no Congresso das Academias de Letras, como o faz, agora, ao Congresso de Historia Nacional.

Ninguem como êle mais credenciado para tais deputações da inteligencia do grande Estado, como D. Aquino Ccrrêa, é o seu senador na "Academia Brasileira de Letras", se assim me posso exprimir, sem malícias e sem atender aos colapsos das assembléas politicas da atualidade...

CENTENARIO DE MACHADO DE ASSIS



DE LIVIA A DONA CARMO

(As mulheres na obra de Machado de Assis)

José de Mesquita

These offerecida ao 2º Congresso das Academias
e dos Intellectuaes do Brasil

I

Ha nos *Fragments d'un journal intime* do subtil e doloroso Amiel, uma pagina em que o artista e pensador genebrino descreve, ás oito e meia da manhã do dia 2 de setembro de 1863, a sua impressão dum desses sônhos que não parecem sônhos e sim pedaços de vida arrancados á realidade: « Colinmaillard dans le vide, cache-cache du destin malicieux, comment nommer l'insaisissable sensation qui m'a persecuté ce matin, dans le crépuscule du réveil? C'était une reminiscence charmante, mais vague, sans nom, sans contour, comme une figuré de femme entrevue par un malade dans l'obscurité de sac hambre et dans l'incertitude du délire. J'avais le sentiment distinct que c'était une figure sympathique rencontrée quelque part e qui m'avait ému un jour, puis retombée avec le temps dans les catacombes de l'oubli. Mais tout le reste était confus, le lieu, l'occasion, la personne même, car je ne voyais pas son visage ni son expression. Le tout était comme un voile voltigeant sous lequel serait cachée l'enigme du bonheur. Et j'étais assez éveillé pour être sûr que ce n'était point un rêve » (I, pag. 173).

Essa pagina de Amiel parece escripta para retratar, ao vivo, a impressão que me causam as figuras da galeria feminina da

obra de Machado de Assis. Tudo ali está, num flagrante admirável: — «reminiscencia encantadora, mas vaga, sem nome, sem contorno», e aquella «figura de mulher entrevista por um doente» «cabra-cega no vácuo, esconde-esconde do destino» mas «figura sympathica, encontrada alguma vez e que me commoveu um dia e depois cahida com o tempo nas catacumbas do esquecimento.» Aquelle resto «confuso, o logar, a occasião, mesmo a pessoa, de que se não via o rosto nem a expressão» espelha de forma admirável esses typos machadianos que vão da *Livia* do *Resurreição* á *Dona Carmo* do *Memorial de Ayres*.

E sobretudo, ellas todas nos apparecem sob esse «véu voltiante que parece esconder o enigma da felicidade», véu mysterioso que envolve todas essas deliciosas criações dos romances e dos contos do delicado estylista das *Reliquias de casa velha*. Porque o segredo da arte machadiana está nesse meio-tom, que não é luz nem treva, e sim penumbra discreta, sombra de alma, leve, fluida, imponderavel, que fica em nós após a leitura dos seus livros. As suas personagens são quasi incorporeas. Elle não se preoccupa com descrever o physico das suas heroínas, muito ao contrario dos romanticos, á maneira de Macedo e Alencar. Interessa-se mais pela physionomia moral, pelo retrato interior, e si, uma que outra vez, allude aos traços exteriores, é para, em duas pinceladas, frisar a harmonia psychica e apparente.

Assim é que, em *Resurreição*, ao nos dar, como costuma, em leves palhetadas, o retrato da protagonista, o que o preoccupa mais é assignalar que «na testa lisa e larga, parecia que nunca se formára a ruga da reflexão», mas logo após é elle mesmo que accentua «não obstante, quem examinasse naquelle momento o rosto da moça veria que ella não era estranha ás lutas interiores do pensamento.» E conclue dizendo: «Sentia-se que ella olhava *com o espirito*.»

Yáyá Garcia — outra das hercinas da primeira phase machadiana — «era leve, agil, subita — com um pouco de destimidez; ás vezes aspera, mas dotada de um espirito ondulante, esguio e não incapaz de reflexão e tenacidade». «Nisto — veja-se bem a mentalidade do autor nesta phrase — podia ficar o retrato da meua.» E insiste na expressão do olhar «que ameaçava ou penetrava os refolhos da consciencia alheia» e si fala da bocca é para realçar que «a expressão usual era outra, meiga ou indifferente, e mais de infancia que de juventude» e que os labios eram finos e *energicos*. Mas o melhor retrato é o que nesse mesmo romance elle nos dá de Estella com «certo ar de resolução que lhe transparecia do rosto quieto e pallido» e com os «olhos grandes escuros, com uma expressão de virilidade moral, que dava á belleza o principal caracteristico.»

Si das primeiras criações de Machado passarmos á phase que se costuma chamar definitiva da sua obra, verêmos ainda mais apurar-se o seu gôsto e pendor pela descripção das heroínas através menos do seu physico do que das suas características psychicas. De Maria Cora — uma das mais impressivas figuras da galeria machadiana—nada se diz mais do que isto: «O sentimento geral é que era pessoa de fortes sentimentos e austeros costumes. Accrescentae a isto o espirito, um espirito agudo, brilhante e viril.»

A Virgilia do Braz Cubas tem, como elle mesmo o diz, em poucas linhas, «o retrato physico e moral»: — clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos mysteriosos; muita preguiça, alguma devoção,— devoção, ou talvez medo, creio que medo » (pag. 91).

A bella Sophia, que encantou a Rubião, merece-lhe mais demoradas tintas, por ser «d'aquella casta de mulheres que o tempo, como um esculptor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias.» Mas ainda assim ao realçar-lhe os dotes lhes appõe superlativamente «attitude e gestos escolhidos» que fazem óptimos os hombros, mãos e braços melhores.

E que dizer então da impressionante Capitolina, a Capitú do *D. Casmurro* a figura mais desconcertante da obra machadiana? Toda ella ahi está naquelle capitulo XXXII—Olhos de ressaca—ou «traziam não sei que fluido mysterioso e energico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia...»

Para nos dar a vêr a filha do casal Baptista, a enigmatica Flora, do *Esáu e Jacob*, Machado começa dizendo que «nem a paixão de D. Claudia, nem o aspecto governamental de Baptista distinguira a alma — a alma sempre em primeiro lugar — ou a figura da joven Flora.» E pinta-lhe «os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe, nem o apagado do pae, antes mavioso e pensativo...»

Mas onde mais se afinam as linhas da arte subtil do estu-
pendo pintor de almas, é no retrato que nos offerece o *Memorial de Ayres* da senhora Aguiar, a bôa D. Carmo. Sem quasi uma referencia objectiva, nós ficamos como que "vendo" e "percebendo" nitidamente o perfil da excellente creatura. «D. Carmo possui o dom de falar e viver por todas as feições, e um poder de atrair as pessoas, como terei visto em poucas mulheres ou raras» (pag. 19). «Nella a intensidade parece estar mais no sentimento que na expressão» (pag. 33). «Mas ainda uma vez notei que pareciam antes irmãs, tal a arte de D. Carmo em se fazer moça com as moças» (pag. 127 e passim).

E' para notado que a qualquer concretização ou debuxo de fôrmas, a arte machadiana prefere, ao nos dar o perfil duma das suas magistraes criações femininas, a delicadeza dum traço moral que define vagamente — e quasi nunca define — a pessoa.

A Fidelia, a perturbadora viúva Noronha, do *Memorial de Ayres*, não está toda ella nestas duas phrases?— « O que naquella dama Fidelia me attrae é principalmente certa feição de espirito, algo parecida com o *sorriso fugitivo*, que já lhe vi algumas vezes » (pag. 50). Esta Fidelia *foge* a alguma cousa, si não *foge a si mesma* » (pag. 171). Sempre o thema da evasão...

II

Foi Alfredo Pujol que notou, em suas Conferencias, a indulgencia, a piedade do autor de *D. Casmurro* pelas mulheres. Depois de frisar que a Machado de Assis faltava a malicia de Merimée para com o outro sexo, faz vêr que « a sua ironia contra as mulheres é sempre branda e quasi innocente ». Ha um preconceito que se espalhou por ahi fazendo crêr que as criações femininas de Machado de Assis são todas « creaturas sem ternura, mulheres hesitantes e perfidas » (Peregrino Junior — Doença e Constituição de Machado de Assis, pag. 155). Nada mais injusto, nem menos acertado. Ao contrario, com uma ou outra excepção — como aquella protagonista do *Singular occorrença*, que lembra, com tons menos carregados, o *Carro da Semana Santa* de Paulo Barreto — as heroínas machadianas são timidas, discretas, sensatas e, no mais das vezes, até virtuosas. Ternas e delicadas — bem se póde dizer da penna que as tracejou, sempre em leve *sfumato*, que ella foi casta, sempre alerta e em respeito ao pundonor feminino — como muito bem accentuou Cesario Prado no seu magnifico ensaio *Um pouco de Machado de Assis*.

Que figura de linhas mais nobres e puras ostentam as nossas letras do que essa D. Carmo, em que o autor do *Memorial de Ayres* retratou a propria esposa, no seu « suavissimo poema wagneriano da saude », de accordo com a phrase feliz de Arape Junior? E criações suaves, doces, quasi vaporosas como a Flora do *Esau e Jacob*, a Maria Regina do *Trio em lá menor* — ambas irresolutas e ansiosas, acabando no sacrificio da sua propria indecisão, a Helena, encarnação subline de amor de filha,

Guimaraes, Estella, a D. Conceição, da *Missa do Gallo*—passam, em grande copia, pelos contos e romances de Machado de Assis. Mesmo as peccadoras, como Virgilia e Capitú, elle as envolve dum halo de discreção e vela de suavidades os seus deslises, que como que prepara, em torno dellas, um ambiente de indulgencia... Sophia, a linda Sophia que enlouqueceu ao velho Rubião e encantou ao moço Carlos Maria, parece, ainda assim, uma creatura normal, de fundo honesto, que se revolta ante o pensamento da falta. Capitú, no capitulo CXXX, do *D. Casmurro*, fala com uma ternura capaz «de commover as pedras».

Certo que não lhes falta, a ellas, um pouco daquella Adriana do *Primas de Sapucaia* que, quando pensativa, parecia «cheia de Eva, namorada do demonio, que lhe sussurra de fóra o que o coração lhe diz de dentro».

Um ponto que Machado de Assis realça muito é a vaidade, feminina—velho truismo, aliás, para usar expressão delle mesmo. Ha dois contos seus girando em torno do mesmo thema—*Uma senhora* e *O segredo de Augusta*—que são inspirados no mêdo de envelhecer, de ser avó. «A idéa de ser avó é horrivel» põe elle na bocca duma das suas criações dos *Contos fluminenses*. D. Jacintha, de *Um erradio*, com a sua paixão intellectual pelo marido, que a desillude; a Yayá Lindinha, do *Eterno!* a Eugenia, do *Confissões duma viuva moça*—são irmãs pelo espirito, desenganado, mas honesto, talvez inquieto, nunca perfido, porém, nem estonteado.

Onde, na galeria machadiana, mais vivo esponta o typo da mulher brasileira, serena, bôa, carinhosa, amiga do lar e dos seus, prompta a todos os sacrificios, é naquella Natividade do *Esáu e Jacob*, que «cria deveras, esperava, rezava ás noites, pedindo ao céu que os fizesse (a seus dois gêmeos) grandes homens».

Lucia Miguel Pereira, que nos deu, com a sua fina sensibilidade de mulher e de artista, um dos melhores estudos acerca do grande escriptor, diz que foi Carolina, «a companheira, a amiga, a confidente, a alma irmã» que lhe inspirou não só a figura central do *Memorial de Ayres*, mas ainda «veladamente embora, o grande carinho do romancista pelas mulheres puras e bôas, pela mãe do Bentinho, pela Natividade de *Esáu e Jacob*, por todas essas mães e esposas admiraveis, que são, nos seus livrôs, a encarnação e o penhor da dignidade humana» (*"Machado de Assis"*, pag. 200).

Bastariam essas meigas criações—de Natividade e da D. Gloria, para imprimir á obra machadiana um cunho profundamente humano e um alto sentido de equilibrio e nobreza moral.

III

Em Dona Gloria, a mãe de Bentinho Santiago, a figura materna encontra a sua mais completa exaltação. Ella pertence, como accentuou, com felicidade, Mario Casasanta, « ao lar mineiro, pela sua piedade, diligencia, equilibrio e simpatia humana » ("Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis", pag. 70).

Num livro amargo, em que se pode dizer o travo da desillusão se mistura ás emoções mais fortes e doces, perpassa, envolta num halo suave de bondade, de ternura, de dedicação, esse vulto de mãe que redime a especie humana das suas erronias e descaídas. A penna de *D. Casmurro*, que se embebeu no amargume do desengano, para retratar outras figuras do romance, que se pode dizer o subtil e envolvente rythmo da perfidia feminina, distilla, entretanto, dulçores ineffaveis quando se refere á bôa D. Gloria. Já no III capitulo é ella quem por primeiro se nos depara, sendo mesmo o dialogo inicial aberto com o seu nome:

—D. Gloria, a senhora persiste na ideia de metter o nosso Bentinho no seminario?

E' José Dias quem fala e incute no espirito da bondosa senhora a noção do perigo que offerencia a gente do Padua, vizinho da casa, os pais da enleante Capitú. Já aqui D. Gloria se revela em defesa do filho e manifestando a sua natural bôa fé, cheia de simplicidade e de franqueza. E quando, mais ao diante, o mano Cosme procura dissuadil-a da promessa de fazer o filho padre, ella, na sua tremenda luta entre o espirito de crença e fidelidade aos compromissos e o seu apêgo ao filho, começa a chorar, provocahdo ao irmão a exclamação:

—Mas que é isso, mana Gloria? Está chorando? ora esta! Pois isto é cousa de lagrimas?

Está apresentada, numa scêna impressiva, a primeira do livro, a personagem que, através das suas paginas todas, passará, num leve bosquejo de delicadeza e ternura, symbolizando os mais doces sentimentos da mulher brasileira.

O retrato de D. Gloria vem no capitulo VII, que tem o seu nome: começa, como é do feitio machadiano, nos dando antes o desênh moral, os traços espirituaes das pessôas: « Minha mãe era bôa creatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um annos de idade e podia voltar para Itaguahy. Não quiz; preferiu ficar perto da igreja em

que meu pae fôra sepultado.» E descreve-lhe, depois, o physico, em traços leves, como sóe fazer, preocupado, ainda aqui, mais com os gestos, com a indumentaria, com as cousas e circumstancias que se prendem antes á expressão e ao lado moral e psychico: «Era ainda bonita e moça, (aos 42 anos) mas teimosa em esconder os saldos da juventude, por mais que a natureza quizesse preservá-la da acção do tempo. Vivia mettida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um chale preto, dobrado em triangulo e abrochado ao peito por um camafeu. Os cabellos em bandos eram apanhados sobre a nuca por um velho pente de tartaruga; algumas vez trazia touca branca de folhos.»

E quando se refere, logo depois, aos retratos do casal, na parede, si, a respeito do pae desce a pormenores somaticos— os olhos redondos, a cabelleira grande, a cara raspada — de D. Gloria o que diz é apenas isto: «O de minha mãe mostra que era linda. Contava então vinte annos e tinha uma flôr entre os dedos.» Sempre o véu mysterioso que prefere suggerir antes que fazer ver, nas suas deliciosas criações femininas.

Si os traços materiaes assim se fluidificam, em ligeiros esboços, a alma, o retrato interior, esse avulta, nitidiza-se, á medida que a novella avança e os acontecimentos se precipitam. Mas—é bem de ver—sempre pelo mesmo processo, quasi intuitivo, de penetração, dando-nos, ás vezes, num simples gesto todo um drama intimo. No capitulo XI, final, D. Gloria está toda, na sua immensa ternura, espelhada numa simples phrase: «Minha mãe ficava muita vez a olhar para mim, como alma perdida, ou pegava-me na mão, a pretexto de nada, para apertá-la muito» (pag. 32). E é sempre assim. Quando começa a transigir com a vida, accetando, mal a seu grado, a desistencia da promessa, elle diz: «Minha mãe sorriu para mim, cheia de amor e de tristeza» (p. 108).

Naquelle capitulo que é uma obra prima de observação — A audiencia secreta — em que mãe e filho debatem a questão do seminario, D. Gloria nos apparece em todo o esplendor da ternura maternal. Quer reprehender o filho, que se obstina contra a vocação imposta, mas «a voz lhe tremia» e «tinha os olhos humidos». Logo depois, reprehende-o «sem aspereza», para falar-lhe «gravemente e longamente sobre a promessa que fizera.» O fundo crente e honesto do seu sêr se reflecte nas palavras com que defende os seus compromissos: «Nosso Senhor me acudiu, salvando a tua existencia, não lhe hei de mentir nem faltar, Bentinho...» (pag. 128). No capitulo L nova pincelada nos descreve D. Gloria, diante do assedio envolvente de Capitú: «Minha mãe era de natural sympathico e egualmente sensivel; tanto se doia como se aprazia de qualquer coisa» (pag. 151).

Vem a despedida, ao partir para o seminário. Ainda a mesma discreção, que, nas obras de Machado de Assis, embelleza e enobrece as grandes dôres. «Minha mãe apertava-me ao peito.» E' só. Mas, logo após, através da descrição do José Dias, a saudade do «maior dos corações»: e assim pinta «a tristeza de minha mãe, que falava de mim todos os dias, quasi a todas as horas» (pag. 180). Numa das suas saídas, Bentinho relata a solicitude de D. Gloria nestes termos expressivos: «Minha mãe depois que lhe respondi ás mil perguntas que me fez sobre o tratamento que me davam, os estudos, as relações, a disciplina, e se me doía alguma cousa, e se dormia bem, tudo o que a ternura das mães inventa para cançar a paciencia de um filho...» (pag. 193).

D. Gloria adocece e Bentinho é chamado para vê-la. Têmos aqui um outro passo impressivo do romance, em que o amor materno parece constituir um *leit-motif* sentimental: «... debruçado sobre a cama, ouvir as palavras ternas de minha mãe que me apertava muito as mãos chamando-me seu filho. Estava queimando, os olhos ardiam nos meus, toda ella parecia consumida num vulcão interno» (pag. 201).

Traços do character e do temperamento de D. Gloria enchem todo o livro e longe iria si me pusesse a respigal-os. Aqui é a referencia ás suas praticas religiosas de mulher «temente a Deus» e á «fé pura que as animava» (pag. 231). Ali é o seu apêgo ao lar, á casa, aos velhos escravos, na palestra com Escobar, concluindo pelo conceito deste da «belleza moral que se ajusta á physica», para definil-a como um «anjo dobrado» (pag. 264). Typo de mulher brasileira, á antiga, «exprinia bem a fidelidade aos velhos habitos, velhas maneiras, velhas idéas, velhas modas» (pag. 250). Sua ternura transparece a cada passo, dando-nos, nesta novella da doblez, a impressão viva de que o amor feminino se redime e se sublima pela maternidade: «Minha mãe beijava-me com uma ternura que não sei descrever» — conta-nos Bentinho, ao narrar o seu regresso, formado, e resume a emoção materna em uma phrase: «Tu serás feliz, Bentinho!», que é a epigrapha do Capitulo C.

Não contente de taes desvelos, ainda quis revelar a dedicação de D. Gloria pela nora, quando foi do nascimento do filho (pag. 305) e, rasgando a ponta do véu que vai mostrar a tragedia final, descreve D. Gloria «um tanto fria e arredia» com Capitú (pag. 324). Quando, no epilogo doloroso do drama, Bentinho se dispõe a uma loucura, é na casa de D. Gloria que vai encontrar socego, e recapitula a sua impressão nestes conceitos: «Passei uma hora em paz. Cheguei a abrir mão do projecto. Que era preciso para viver? Nunca mais deixar aquella casa, ou prender

aquella hora a mim mesmo...» (pag. 395). E, finalmente, ao registrar a morte de D. Gloria, discretissimo, é na inscripção que lhe fez gravar sobre a lapide, que condensa «todas as virtudes que a finada possuiu na vida». Não lhe põe nome nem individuação alguma. Duas palavras a definem e valem pela mais elevada, sublime biographia com que este desilludido pessimista proclama a grandeza e a belleza moral da mulher—*Uma Santa*.

IV

Como D. Gloria, embora sem a precisão de contornos psychicos, a Natividade, do *Esáu e Jacob*, realiza o typo materno, numa delicadeza de traços que a dualidade opposta dos filhos vem pôr ainda em maior flagrancia. Tambem ella «cria deveras, esperava, rezava ás noites, pedia ao céu que os fizesse grandes homens» («Esáu e Jacob», pag. 29).

Como a outra, ella vivia para o lar e para os seus. Referindo-se ao seu perfeito entendimento com o esposo, á comprehensão reciproca que entre ambos havia, assim conceitua Machado de Assis: «Longa vida conjuncta acaba por fazer da ternura uma cousa grave e espiritual». O mesmo carinho, a mesma solitudine pelos filhos; não precisaria mais de que lêr aquele capitulo *Penultimo* que é o resumo de todo o amor desta pobre mãe que, ao sentir que morria, pede aos filhos gêmeos e contrarios «um favor grande e unico», o de serem amigos, «amigos para todo sempre». E acrescenta: «Sua mãe padecerá no outro mundo, si os não vir amigos neste».

Parecerão banaes, muito terra-a-terra, taes expansões de sentimento. Mas é preciso vêr que, como conceitua o proprio Machado de Assis, pela penna do Conselheiro Ayres, no *Memorial*: «Na mulher, o sexo corrige a banalidade; no homem, aggrava». A psychologia feminina é feita mais de intuição, de ternura, dessas delicadas meias-tintas, que põe o auctor das *Reliquias* no tracejar a paisagem interior dos seus personagens.

Outra asseveração que cai pela base, á simples observação, é a que dá as criações machadianas como tristes, enfesadas e muito sem communicação com a vida externa. Peguêmos, por exemplo, da Mana Rita que apparece no *Esáu e Jacob* e, mais de perto, no *Memorial de Ayres*. Mana Rita é uma creatura bôa e alegre. Assim nol-a apresenta o Conselheiro desde quando diz, no cemiterio: «A mana é bôa creatura, não menos que alegre» (pag. 6 do *Memorial*). Apparece sempre risónha, transpira bom-humor, saúde e vivacidade, pesar da idade. Quando Ayres lhe

queixa do reumatismo, ella «que a principio não queria crer, e ria» acaba convencida e contristada, para logo depois trocar muitas palavras amigas e doces, *algumas alegres*. No anniversario do irmão vem jantar «com a *alegria do costume*» e o registo do diario de 17 de outubro se encerra com estas palavras: «Ri-me e fômos para a meza, que estava posta. Ao centro, um ramo de flores, ideia della, que o mandou trazer ás escondidas, e como eu lhe perguntasse si era das que Fidelia encommendara, riu-se tambem. Agradecei-lhe a lembrança, exprimindo-lhe todo o meu affecto, comemos *alegremente*, recordando aneddotas de infancia e da familia » (pag. 172).

Bem visto está que, longe de constituir uma galeria de «anormaes, creaturas sem ternura, mulheres hesitantes e perfidas», as criações femininas de Machado de Assis offerecem aos nossos olhos admiraveis typos de belleza moral, de virtudes domesticas, de nobres e altos attributos que exornam a alma da mulher brasileira. Para uma Capitú, dissimulada e obliqua, ou uma Virgilia, que conciliava o seu amor peccaminoso com a consideração publica, quantas Dona Carmo, Natividade, Dona Gloria, Rita, Helena, Estella e outras mulheres que amam, e soffrem, e vivem, num mundo de equilibrio moral, e para as quaes, como para a bonissima esposa de Aguiar, «bordar, cozer, trabalhar, enfim, é um modo de amar». São essas, seguramente, as criações de Machado de Assis que, usando phrase sua, foram tecidas com o coração. Ficam valendo como symbolos extraordinarios da bondade e da pureza feminina. Desenhadas com aquella arte de velaturas que o nosso grande romancista possuia como bem poucos, ellas passam, reflectindo a alma ondulante e vaga da mulher, nos seus contornos vagos e imprecisos, mas deixando em nós a doce impressão de serenidade e de doçura que as heroínas romanticas nunca poderão produzir.

V

O homem que Augusto Meyer definiu finamente como «uma colonia de almas contraditorias» ("Machado de Assis", pag. 108) foi, realmente, uma figura unica e singular nas nossas letras. Discreto, num país de derramados, casto, numa literatura impregnada de erotismo, vivendo profundamente a «vida interior», em meio a uma natureza empolgante e imantadora, Machado de Assis revela-se-nos tambem inconfundivel na sua conceituação antithetica da alma feminina. Algumas das suas criações, por isso mesmo, perturbam e deixam-nos na mente esse enleio mysterioso

das esphinges. E em todas ellas se sente, sob o véu, «o enigma da felicidade», de que nos fala a pagina de Amiel referida no começo deste ensaio.

Typicas, entretanto, ficam sendo, no genero, a Flora, do *Esau e Jacob*, a Sophia, do *Quincas Borba* e a Capitú, do *D. Casmurro*. A primeira é a hesitação — o thema predilecto e a constante, pôde-se dizer, da obra machadiana — aquella inhibição diante da vida e dos seus problemas, o receio de escolher, de decidir, fazendo perder as melhores oportunidades. *Combien de gens ratent leur vie par nonchalance!* — exclamava, num dos seus magistraes trabalhos, o grande novellista Guy de Maupassant. Os personagens de Machado de Assis pertencem, geralmente, a essa especie de tímidos, que, devido á sua constituição mental, dominada pela ambivalencia, ficam á margem da existencia, preferindo ao papel de actores a situação de simples espectadores.

Nessa galeria, encabeçada pela Flora, se enfileiram aquella *D. Benedicta*, que ouvia, no sonho, o «casa... não casarás...» e a heroína do *Trio em lá menor*, a Maria Regina, symbolo da «alma curiosa de perfeição» e desse «oscillar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá...»

Sophia, essa é a mulher que vemos a cada passo, de que a sociedade offerece innumerados e variados exemplares. Vaidosa, conscia do seu dominio, frivola, guardando, entanto, o seu renome, essa convencional honestidade, que nem sempre condiz com a do espirito, mas, em todo caso, recatada. Ante a investida de Rubião e a semi-complacencia do Palha — ella toma aquella attitude tergiversante do capitulo L — que se poderia dizer o capitulo das reticencias... Com Carlos Maria, o romance, iniciado, se balda, devido á intervenção do casamento. Mas lá estão, no cap. CV, «as acquiescencias faceis, os perdões antecipados, os olhos com que o buscava, os apertos de mão tão fortes». Toda ella está naquella «trintona fresca e robusta» que, inaugurando os seus salões de Botafogo, «ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espaduas». Vaidade futil, honestidade que se defende, menos por principio que por simples conveniencia...

Chegamos a ultima das tres — a alliciante Capitulina, em que o romancista encarnou, melhor do que em nenhuma outra das suas criações, a Eva diabolica e tentadora, trazendo do berço o estigma da seducção, aquelle poder irresistivel dos seus «olhos de ressaca», em que parece haver um pouco da fatalidade das leis cosmicas, a que se não pôde fugir. E' de notar, porém, a delicadeza com que passa, na trama subtil do romance, a falta de Capitú, de que só se apercebe o proprio leitor através da se-

melhança do Ezequiel com o pai. Sempre a velatura, o meio tom, a levêza do véu mysterioso, tão em contrario aos repugnantes processos em voga do naturalismo, aprazendo-se em cruas e torpes descripções, daquellas que elle censurou nos livros de Eça de Queiroz, como de um «realismo sem condescendencia» que faz talhar as mulheres «pelos aspetos e trejeitos da concupiscencia» ("Critica", pag. 69).

VI

A mulher que resáe da galeria machadina, numa impressão de conjuncto, que diremos sêr a *media feminina* por elle estabelecida, não será, pois, jamais essa creatura viciada, artificial, impregnada de frivolidade em que «o erotismo domina mais do que se devêra esperar» — como o proprio Machado de Assis se referiu ao romance *Flôr de sangue*, de Valentim Magalhães accentuando, com a opinião de Lucio de Mendonça, que jamais «tal vida fosse a da nossa sociedade» ("A Semana", pag. 402.)

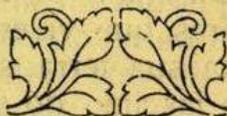
Certo, não romantiza nem espiritualiza as suas heroínas, pois as copia da vida, qual ella nol as offerece, com o claro-escuro das paisagens humanas e os altos e baixos do panorama interior. O seu juizo acerca das mulheres está todo elle naquella phrase do Valentim, da comedia *O Caminho da Porta*, quando, respondendo á interpellação de Carlota. — «Como pensa a respeito das mulheres?» — affirma: «Aí é mais difficil. Penso muito e não penso nada. Não sei como avaliar essa outra parte da humanidade extraída das costelas de Adão. Quem pôde pôr leis ao mar? E' o mesmo com as mulheres. O melhor é navegar descuidadamente, a pano largo.»

O que não padece duvida é que o artista que, como poeta, nos herdou aquelles encantadores *Versos a Corina*, conservava, a despeito de todas as suas duvidas e negações, uma attitude de respeito, se não que de piedade, pelas fraquezas femininas, procurando, por outro lado, enaltecer o lado nobre e sympathico da mulher. Teve o cuidado, que se não dissimula em toda as suas obras, de pôr sempre, lado a lado de cada uma dessas criaturas enigmaticas ou perfidas dos seus romances, outras de alma franca e aberta, como que salvando ou redimindo a especie humana,

Em meio aos aclives tortuosos e ingremes da paixão, elle faz surgir mulheres puras e rectas, da estrutura moral de uma Natividade, de uma D. Gloria e, principalmente, de uma D. Carmo — cujo modêlo lhe forneceu o proprio lar — e nas quaes parece ter procurado fixar a verdadeira interpretação da sua alma em face do eterno feminino.

Mas—é claro—a arte machadiana, como a de nenhum outro escriptor, não poderia confinar-se apenas ás imagens collidas na sua ambiencia familiar. Reflectindo a vida, nas suas arestas variadas, teria, por sem duvida, que apanhar, tal como o lago, tanto a belleza do céu, como as nuvens escuras que, por vezes, lhe fazem o sombrêjo. Censural-o por isso fôra o mesmo que criminal o autor dessa amalgama de que se faz o sêr humano, espirito luminoso aprisionado dentro da argilla fragil—participante, a um só tempo, da nostalgia da lama, de que foi feito, e dos impulsos superiores desse sôpro divino que o anima e o dignifica entre os demais sêres da crêação.

(Cuiabá, Abril, MCMXXXIX).



MACHADO DE ASSIS E RENAN

N. Corrêa Filho

Quando, ha um século, surgiu Joaquim Maria Machado de Assis, em berço humilde, já recebia Ernesto Renan os conselhos de Dupanloup, que o levariam aos seminários de Issy e de Saint Sulpice, onde, por decisão materna, deveria ordenar-se.

Aparentemente nenhum traço de semelhança justificaria o confronto dos dous escritores, que viveram bastante, para, na velhice gloriosa, cada qual na sua terra, sobrancear a multidão dos contemporâneos, presos ao fascínio do seu estilo encantador.

Nascera, o mais velho, na Bretanha, que as lendas praieiras povoam de idilios risonhos e tragedias reais, uma das quais lhe arrebatou o pai, a quem as ondas revoltas adormeceram para sempre. Não obstante, encontrou no carinho materno, embebido de piedade bretã, e, mais ainda, na dedicação inegalável de Henriqueta, que se aprazia de servir-lhe de segunda mãe, relativa compensação à perda que lhe afogara a infancia na orfandade.

Sem que percebesse os sacrificios, de que era causa, não lhe faltaram excelentes colégios, em que pudesse cultivar a aguda inteligência, que se aprofundava nos problemas de erudição pura, sem nada perder em clareza e transparência.

E quando lhe chegou a vez de, em definitiva, prestar o compromisso que o encadearia a alguma ordem religiosa, a assistência espiritual da irmã fortaleceu-lhe o ânimo para resoluta deserção.

Mimado pelo afeto feminino de duas abnegadas criaturas, desconheceria as asperezas brutais a que se acham em geral expostos os engeitados da sorte.

Por isso, apesar das crises, mais intelectuais do que de sentimento, por que passou, ao contramarchar nos estudos, para combater a mesma religião, de que se preparara para ser um dos mais fervorosos paladinos, considerou-se feliz, e apologista irrestrito do otimismo.

Machado de Assis, ao revez, não poderia ufanar-se de proceder de clara linhagem, nem de despreocupada iniciação escolar.

Em criança, era-lhe mais necessário trabalhar do que procurar professores.

A ancia, porém, de progredir, serviu-lhe de conselheira esparta, que o fez utilizar-se de todas as oportunidades para se ilustrar. Com o talento proprio, supriria a mingua de estudos regulares, bem como dispensáveis credenciais de pureza racial.

Meio de vida, mais do que vocação, a igreja da Lampadosa requisitava-lhe o dócil concurso.

Sacristão, encaminhar-se-ia, por ventura, para a vida religiosa, caso o demônio da literatura já não o estivesse habilmente seduzindo, como ao seminarista bretão.

A adolescência expande-se-lhe em pleno fastígio do byronismo e sua influencia satânica.

Machado de Assis embebeda-se da poesia em moda, e, acaso, em lembrança de Byron, empreende estudar-lhe o idioma, que o aproxima dos escritores ingleses.

Por eles, afina a acuidade observadora, que irá aplicar ao exame da sua gente, do mesmo passo que se deixa avassalar pela influencia dos melhores interpretes do humour britânico.

Não se apressa, todavia, em patentear o resultado de suas leituras.

Longa seria a jornada pela vida, que lhe abriria azo de evidenciar a seu tempo quanto lhe aprazia o convívio com os romancistas vitorianos.

Quando, de modesto funcionário público, se transfigura em novelista, a caminho de ultimar romances de maior folego, já teria firmado as qualidades dominantes, que lhe constituiriam a personalidade literária.

Ao arcabouço, por assim dizer, não mal assentaria o rótulo "made in England", si não o modificasse o próprio temperamento mestiço, com a herança de duas raças.

A modelagem, porém, das feições com que se apresentaria ao público, trazia a inconfundível marca do neto espiritual de Voltaire, que lhe era tão do gosto.

Só não lhe esposaria a maneira risonha de encontrar o mundo, nem o incongruente diletantismo da ultima fase.

No mais, emparceirar-se-ia com Anatole France em plasmar criaturas capazes de agir conforme os ensinamentos do estilista empolgante, que transformou a Vida de Jesus em obra d'arte de vasta repercussão.

Com ele aprendeu a cuidar melhormente do frasear, de que negligenciaram os primeiros guias de transbordante romantismo.

Expunham a própria pessoa, com os sentimentos mais intimos, as idéas, os vícios, à curiosidade pública, ufanos de seu individualismo avassalador.

Ensinou-lhe, ao contrário, Renan, a dosar as confidencias, insinuadas mais do que expressas, mediante reticencias e afirmativas diluidas em contradições.

A forma elegante realçaria o conceito, isento de cogitações religiosas, a que ambos se tinham devotado na infancia.

O discípulo não acompanharia o modelo em suas investigações eruditas pela historia e filosofia, por mingua de cabedais apropriados.

Mas o meneio das idéas gerais, repassadas de voltaireanismo dinamizado, a maneira de considerar a vida humana, através do cepticismo ironista, e, sobretudo, a paixão pela arte de bem escrever, caracterizam a influencia exercida pelo incrédulo bretão em seu fervoroso admirador brasileiro. Egressos ambos da sacristia, entendiam-se às maravilhas.

Tão grande se manifestou, e por prazo tão dilatado, que emudecido o mago da frase, dedicou-lhe Machado de Assis os mais rasgados gabos, que não ocultavam, como lhe era do costume, o entusiasmo admirativo.

Mais do que simples critica, teceu verdadeira apologia do prosador, a quem laureou de mestre.

Começa por evocar poética lenda legada pela Grécia.

«Um espartano, convidado a ouvir alguém que imitava o canto do rouxinol, respondeu friamente: já ouvi o rouxinol. O mesmo dirás tu, si leste Henrique Renan, a quem quer que se proponha falar desta senhora que tamanha influencia teve no autor da Vida de Jesus.

A diferença é que aqui ninguem te convida a ver imitar o inimitável.

Renan é o próprio rouxinol, ninguem poderá dizer nada depois do estilo incomparável e da grande emoção daquelas páginas.»

Assim dizia Machado de Assis, de entrada, antes de se enfileirar entre os discípulos do escritor bretão.

«Os renanistas da nossa terra, — afirmava como si interpre-

tasse o pensamento dos confrades, — são como todos os devotos de um espirito eminente, não lhe amam só os livros e atos públicos, mas tudo o que a ele se refere, seja goso íntimo, ou tristeza particular.

De um sei eu, que talvez por vir também de seminário, é o mais absoluto de todos. Esse se estivesse agora na antiga Byblos iria até á aldeia de Amschit, onde descançam os restos da irmã querida do mestre. Sentar-se-ia ao pé das palmeiras para evocar a sombra daquela nobre criatura.»

Descontada a ficção literária, pois que Machado de Assis nem se aventurava a excursões, por menores que fossem, nem necessitava da paisagem exterior para rememorar o vulto admirável da modeladora da personalidade de Renan, o que rompe de suas confidencias é a influencia, que lhe causou a obra literária do estilista de quem se confessou discípulo.

Já grangeara nomeada de escritor, cuja glória derivava de romances apontados como inexcediveis modelos de boa linguagem e fina psicologia, bem que enevoada de amarga ironia, quando proclama a realeza do mestre, com quem aprendera a vasar as idéas e sentimentos em linguagem precisa e elegante.

Todavia, não o seguiu às cégas, em todas as afirmativas.

Nem lh'o consentiria a índole singular, mais semelhante à da irmã sofredora a quem distribuiria opiniões, de que não destruiriam as suas proprias.

«O cepticismo optimista de Renan nunca seria entendido por ela; temperamento e experiencia tinham dado a Henriqueta uma filosofia triste que se lhe sente nas cartas.

Todos conhecem a confissão geral feita pelo autor dos "Souvenirs d'enfance et de jeunesse". Renan afirma ter sido tão feliz que, se houvesse de recommençar a vida, com direito de emenda-la, não faria emenda alguma. Henriqueta, si tivesse igual sentimento, seria unicamente para servi-lo e ama-lo, e, caso pudesse, creio que usaria do direito de eliminar, quando menos, as molestias que padeceu.»

A apreciação literária, com que Machado de Assis enalteceu a homenagem de Renan consagrada à sua abnegada irmã, serve-lhe ao mesmo tempo de autobiografia pelas referencias em que mal se disfarça.

Entre ambos, encadeia-se a um pelo brilho da prosa, que se lhe afigura inimitável, mas é ao genio da outra que mais se afeiçoaria a sua «filosofia triste», decorrente, em parte das «doenças que padeceu», e dos sacrificios, desde a infância, para galgar situação social superior à sua classe originária.

A diferença apenas se aponta na applicação.

Emquanto ela apagadamente se martirizou para proporcionar condições propicias de estudo ao irmão adorado, que se lhe confessou devedor de grande parte da sua glória literária, Machado de Assis como que fundiu em si as duas existências bretãs.

Porfiou, sem temer trabalhos, sofreu caladamente, conheceu a face má da vida, mas, ao cabo, era ele mesmo o beneficiário de tamanho sacrificio.

Por isso, compreendeu às maravilhas o mais sincero por ventura dos escritos de Renan, mediante cuja apresentação, repassada de ternura, conheceu Henriqueta, que lhe despertou recordações da longa infância esquecida, pela semelhança dos respectivos destinos.

Rio, Fevereiro de 1939.



O HUMORISMO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Gerônimo Leite

Exmo. Sr. Prefeito da Capital

Exmo. Sr. Desembargador Presidente da A. M. L.

Sr. Presidente do grêmio literário Alvares de Azevedo,

Minhas senhoras. — Meus senhores.

O humorismo é uma condição de vida. É uma atitude essencial para se resistir aos choques traumatizantes do cotidiano. Sinal de decadência encanta pela descrença e entristece pela tragédia. Como a vida é indefinível, e por ser uma condição vital é universal, pois os homens são sempre os mesmos em todos os quadrantes. Vital e universal, o humor é, no dizer de Fialho d'Almeida, o riso tirado da caveira de Yorick, aquele Yorick da tragédia shakespeariana que fez uma corte gargalhar, mas, que morto, não tinha o menor sorriso na boca fechada para troçar da sua caveira horrenda. O verdadeiro "sense of humour" é um sentimento do contrario, ou melhor, é a vida vista como realmente ela é. Humorismo é veneno, e, talvez seja loucura. Mas é profundo, é denso, é humano.

À luz da Psicologia é um fenómeno de intoxicação, cultural ou social; enfim, um caso patológico. É Swift com a sua antropofagia, escrevendo um livro com o seguinte título: "Modesta proposta para impedir que os filhos dos pobres na Irlanda pensem sobre seus pais ou sobre o país, tornando-os uteis ao público", onde propõe simplesmente que se coma a carne dos re-

cem nascidos, que além de aplacar a fome é adocicada. E' Carlyle com a filosofia dos porcos. E' Machado com o emplastro genial de Braz Cubas, que podia ser imposto por Cromwell ao povo inglês. Velhas atitudes paradoxais que escondem perturbações psíquicas, mas que no fundo retrata o drama da procura do sentido da vida. O humorista critica princípios aceitos. Sua posição é definida. Abandonar-se ao impulso do rio da vida é vulgar; nadar contra a corrente é fatigante. O melhor é ficar comodamente á margem dos fatos observando o rolar eterno do rio do ridículo humano. Passam tolices, algumas velhas, respeitáveis, solenes. O humorista redu-las ás suas verdadeiras proporções. Vem uma sandice peso-pesado, consagrada; a navalha do humorista desbasta-a. De um modo feroz, quasi sempre trágico.

O humorista fica proporcionalmente distante do cómico e do sisudo. Êste último é o moralista vesgo, zangado e solenissimo, defensor perpetuo dos principios ôcos e antiquados. O cómico abusa da vida. Indiferente aos principios dos moralistas, fica na superficie. Não se aventura ao sub-solo onde aqueles também não vão. Afinal ficam á flôr da terra, o cómico rindo e os outros pretendendo reformar o mundo. O humorista tem uma posição diferente. Humano, êle zomba. Mas, zomba da vida e não dos seus efeitos, como o cómico. Zomba cientificamente, matematicamente, vitalmente, descendo ao sub-solo para investigar os "porquês". Assim hûmor está também distante da ironia. Ironia e hûmor — lembra Afranio Peixoto, são as duas feições intellectuais do riso. A ironia é um fenómeno da intelligência desenganada na realidade do quotidiano — apanagio dos imaginativos — Eça de Queiroz. Os sensitivos sofrem a ação do "humour" que se revela pela intelligência desenganada, também, na realidade — Machado de Assis. Ironia e hûmor são duas atitudes risonhas. Na primeira o sorriso fere a epiderme, no segundo caso, o sorriso é dilacerante, fere profundamente. Cômicos, clowns, palhaços fazem rir. Mas é um riso immediato, esfrolante, anedótico. O sorriso que o hûmor desperta é raciocinado e permanente.

O humorismo de Machado de Assis é interior. Ridiculiza aqueles sentimentos humanos para os quais o tempo nada vale, aqueles velhos sentimentos trogloditas que a Psicanálise descobre num gesto, numa attitude. São vicios e erros do homem, mais do que do meio social que Machado observa e sobre êles que exerce o seu hûmor. «No fundo o amargor, no meio o desdém e exteriormente o sorriso piedôso» de quem sabe ser a vida uma serie de sentimentos e atos imutáveis. Compreendendo isso Machado não se precipita, num gesto quixotesco para combater moinhos de vento. A vida repete. E' melhor sorrir. Lamentar nun-

ca, pois lamentar é uma forma de inferioridade. O homem superior vinga-se pela ironia ou perdoa com o humorismo, visto ser o humorismo uma forma de perdão, perdão sui-generis.

A mania de comparação que é muito nossa—o lembrête é de Gilberto Amado—leva-nos frequentemente a comparar Machado com outros humoristas estrangeiros. E' um erro. Machado é um fenómeno demasiadamente particular. Os instrumentos comuns para o estudo dos humoristas não servem no caso Machado de Assis. Lembra Viana Moog que o "humour" é um sinal de decadência. «Surge quando os velhos ídolos se retiram e desaparece com a vinda dos novos. E' Luciano no fim da antiguidade clássica; Cervantes na decadência da cavalaria; Voltaire no crepúsculo do absolutismo. Em Machado o método não póde ser aplicado *in totum*, pois afastado do século e do meio — sem tempo e sem patria êle não fez humorismo de aplicação imediata... Além disso, diz o autor de "HERÓIS DA DECADÊNCIA" que uma vez serenada a confusão decadentista os humoristas desaparecem. Ora com Machado dá-se um fenómeno oposto. Quanto mais o tempo corre mais sua obra é lida, mais interessante ela se torna.

Machado é um caso único. Os outros são facilmente explicados; êle, ainda é um caso a espera de resolução.

Vejamos: Anatole France sacrifica a profundidade pela superficialidade, para não prejudicar o seu lema—*toujours la clarté*—preocupação bem francesa. Nele o que encanta é o que define como ironia piedosa. O seu estilo que, de resto é a grande força estabilizadora da sua obra é um estilo polido, pomposo e amavel, daquele estilo gentil que Eça de Queiroz tão brilhantemente ridicularizou. Sua ironia, como deve ser a ironia é exterior, vale mais pelo brilho da frase. Acresce que Anatole não foi totalmente um cético. Era demasiadamente diletante, e, consequentemente poseur. Ainda podemos assinalar que os seus personagens são fantoches, meros locutores dos seus paradoxos. Na obra de Machado os personagens vivem. E' por isso que—lembra Nelson Werneck Sodré—a revolta de Anatole não foi a do mercador real. Revoltou-se de um modo estilizado, polido, elegante, literário. Na sua vida ou somaticamente não se encontra nada que possa explicar o seu desencantamento. Casou-se com a cosinheira. Mas foi um modo de ficar no cartaz. Sua obra—é o traço que fundamentalmente difere da obra machadeana—é uma reportagem em torno da decadência que pairava no ar no final do século XIX. No mais é claridade, luminosidade. Representa com Rabelais a graça, a leveza, essa coisa indefinivel e aérea que é o espirito francês. Lembra Ronald de Carvalho no "Rabelais et le rire de la Renaissance" que no riso do autor de Pantagruel há tolerân-

cia e piedade, tolerância e piedade do autor de "Le Lys rouge". «O riso de Rabelais não tem a perversidade florentina do Decamerone, nem a elegância geométrica de Luciano, nem, ainda, a crueldade mordente de Jonathas Swift.» Não sendo um riso de literato é um riso humano, «que triunfa da realidade pela disciplina da alegria». É o traço que define o espírito francês de Rabelais a Molière, deste a Voltaire, até as facécias singulares de Tristan Bernard. Ora Machado está no outro lado. Na sua obra não encontramos sinais de influência francesa. Fundamentalmente não foi um escritor claro. Na sua obra há trechos que são verdadeiros enigmas. A ironia é elemento de constituição do espírito francês. Machado não foi um irônico. Só em Eça de Queiroz encontramos as características marcantes do espírito gaulês. «O ceticismo de Eça—escreve Vianna Moog—como o dos franceses é todo feito de contrastes nitidos, acessíveis, palpáveis. O de Machado de Assis, como o dos anglo-saxões, é tecido de percepções, onde por vezes domina o claro escuro da profundidade e dos longos vagos nebulosos e indefiníveis.»

É necessário assinalar, no entanto, a simpatia que Xavier de Maistre despertou em Machado. De tal modo que no "Braz Cubas" encontramos passagem do "Viagem á roda do meu quarto". Eram irmãos no pessimismo.

Dos humoristas ingleses Machado teve apenas leitura, nunca influência escravizante. O seu humor é mais profundo, mais trágico e sobretudo mais humano, ao contrário do britânico que sendo mais horroroso é quasi diabólico. Swift, que no dizer de Carlyle foi o maior homem do seu tempo «longe muito longe dos outros homens», foi um amargo, um sarcasta. O sarcasmo póde ser definido como a sublimação do odio, e o autor de "Viagens de Gulliver", como disse amava apenas Tom, Dick e Harry, mas, detestava o gênero humano. Orgulhoso e odioso Jonathas Swift isolou-se dentro do seu amargor produzindo apenas caricaturas. O autor de "Quincas Borba" era um desencantado da vida, um desiludido, mas demasiadamente delicado para violências repulsivas do sarcasta inglês. Swift, a frase é de Paul de Saint Victor, encarna todos os pecados capitais da sua raça e do seu país. Machado colocou-se num plano mais reservado. Esteve muito longe dos defeitos nacionais. Era visceralmente contra os inconvenientes. A sua obra caracteriza-se principalmente pela limpeza. Além disso — opinião de machadeano — acho que o fundo trágico do humor de Machado é infinitamente mais denso, mais sangrento do que o do humorismo britânico. Note-se ainda, neste último, uns tons clownescos desagradáveis. Na obra do autor de "Dom Casimiro", ao contrário,

há seriedade e profundidade, e, sente-se que o humor longe de ser uma atitude meramente literária representa uma condição de vida. Machado não é escritor para rir. Conhecedor profundo da alma humana, experimentado pela dor e pelo estigma de uma doença cruel êle ainda sorri, desdenhosamente quasi com amargor, mas em todo caso piedosamente.

Pessimista, não foi impiedoso; cético, não deixa de aconselhar, ainda que os seus conselhos não sejam da mesma bitola dos moralistas de momento. Felizmente! Afinal êle nos ensina a viver neste mundo. Estúpido será querer apontar veneno nos seus livros esquecendo-se dos venenos da Vida. Dela veio a sua obra e com ela, virtudes e defeitos. Seu trabalho, que não precisa ser justificado — não se julga obra de arte de acôrdo com os canones da Moral — encontra na sua vida motivos fortes. Doente, tímido, mestiço não podia escrever Evangelhos de otimismo, nem tomos de moral. Teve a coragem de ver a vida com os seus proprios olhos e o pudor de não mostra-la como ela é, ou de embuça-la para não ferir suscetibilidades. Sua arma devia ser naturalmente o humor. Por isso não fez obra para a multidão. Baldado será querer entendê-lo como se entende obras de Dely. Exige reflexão. Ao lado do artista o pensador. Eis como definir Machado de Assis.

A prova do seu humorismo está neste trecho de “Memórias Póstumas de Braz Cubas”.

IN EXTREMIS

— AMANHÃ vou passar o dia em casa do Viégas, disse-me ela uma vez. Coitado! não tem ninguém...

Viégas caíra na cama definitivamente; a filha, casada, adoecera justamente agora, e não podia fazer-lhe companhia. Virgília ia lá de quando em quando. Eu aproveitei a circunstância para passar todo aquele dia ao pé dela. Eram duas horas da tarde quando cheguei. Viégas tossia com tal força que me fazia arder o peito; no intervalo dos acessos debatia o preço de uma casa com um sujeito magro. O sujeito oferecia trinta contos. Viégas exigia quarenta. O comprador instava como quem receia perder o trem da estrada de ferro, mas Viégas não cedia; recusou primeiramente os trinta contos, depois mais dois, depois mais tres, enfim teve um forte acesso, que lhe tolheu a fala durante quinze minutos. O comprador acarinhou-o muito, arranjou-lhe os travesseiros; ofereceu-lhe trinta e seis contos.

— Nunca! gemeu o enfêrmo.

Mandou buscar um maço de papeis á escrivaninha; não tendo forças para tirar a fita de borracha que prendia os papeis, pediu-me que os deslaçasse: fi-lo. Eram as contas das despesas

com a construção da casa: contas de pedreiro, de carpinteiro, de pintor; contas do papel da sala de visitas, da sala de jantar, das alcovas, dos gabinetes, contas das ferragens; custo do terreno. Êle abria-as, uma por uma, com a mão trémula, e pedia-me que as lesse, e eu lia-as.

— Veja: mil e duzentos, papel de mil e duzentos a peça. Dobradiças francesas... Veja, é de graça, concluiu êle depois de lida a última conta.

— Pois bem... mas...

— Quarenta contos; não lhe dou por menos. Só os juros... faça a conta dos juros...

Vinham tossidas estas palavras, ás golfadas, ás silabas, como se fossem migalhas de um pulmão desfeito. Nas órbitas fundas rolavam os olhos lampejantes, que me faziam lembrar a lâmparina da madrugada. Sob o lençol desenhava-se a estrutura óssea do corpo, pontudo em dois logares, nos joelhos e nos pés; a pele amarelada, bamba, rugosa, revestia apenas a caveira de um rosto sem expressão; uma carapuça de algodão branco cobria-lhe o craneo rapado pelo tempo.

— Então? disse o sujeito magro.

Fiz-lhe sinal para que não insistisse, e êle calou-se por alguns instantes. O doente ficou a olhar para o teto, calado, a arfar muito! Virgilia empalideceu, levantou-se, foi até á janela. Suspeitara a morte e tinha medo. Eu procurei falar, de outras cousas. O sujeito magro contou uma anedota, e tornou a tratar da casa, alteando a proposta.

— Trinta e oito contos, disse êle.

— Am?... gemeu o enfermo.

O sujeito magro aproximou-se da cama, pegou-lhe a mão e sentiu-a fria. Eu acheguei-me ao doente, perguntei-lhe se sentia alguma cousa, se queria tomar um calice de vinho.

— Não... não... quar... quaren... quar... quar...

Teve um acesso de tosse, e foi o último; daí a pouco expirava êle com grande consternação do sujeito magro, que me confesso!! depois a disposição em que estava de oferecer os 40 contos; mas era tarde.

Eis o verdadeiro e profundo humorismo. Página arrancada da vida, página sangrenta onde o trágico mistura-se, confunde-se com o riso. Um miseravel ás portas da morte preocupando-se, ainda, com o dinheiro.

Pouco porém, meus senhores, é o tempo para vos mostrar o meu entusiasmo pela obra do Mestre. Se tanto vos fatiguei pouco disse, e melhor seria calar-me, pois, há certas homenagens que se engrandecem com o silencio.

A' BEIRA DO LEMANO

D. Aquino Corrêa

da Academia Brasileira

*Olho o lago Lemano que dormita,
O velho lago assim, todo azulado,
Tão vestido de gala e tão catita,
Que é mesmo um primor de arte, lado a lado.*

*Olho as lindas cidades que o guarnecem:
Que passeios! que praias deliciosas!
Sob a mão do homem, como ahi florescem
Dalias, zignias, gladiolos e rosas!*

*E a alma encantada com tão ricos mimos,
Nem olha os Alpes, a montanha enorme,
E o Monte Branco, que entre os altos cimos,
Como um urso polar, no gelo dorme.*

*Olho os bosques, e vejo hirtos pinheiros,
Cuja coma penteada além farfalha,
Escalarem os cumes altaneiros,
Qual exercito em ordem de batalha.*

*Olho os campos de trigo tão dourados,
E tão symetricos como um desenho,
E as avenidas e os vergeis e os prados,
Tudo a florir, com tanto estudo e engenho.*



*Mesmo as aves a vôar, tão familiares,
Pardaes e melros, rouxinões e gaios,
Dir-se-ia que antes de gorgear nos ares,
Já fizeram na escola os seus ensaios.*

*Vejo tudo isto, e sonho a minhu terra
Tão virginal, ao sol, que a beija e doura,
Desde us cristas selvaticas da serra,
Até á campina, onde a boiada estoura.*

*Sonho a vasta e magnifica desordem
Das aguas a tombarem nas cascatas,
Formando os rios barbaros, que mordem
O humus profundo e secular das mattas.*

*Sonho a floresta, onde se assusta o bando
Dos passaros bravios, multícôres,
E orchideas bravas erguem-se bailando
Naquella orgia bacchica de flôres.*

*Sonho, e d'aqui, desta gentil paisagem,
De tantas graças e de enlevos tantos,
Eu suspiro por ti, torrão selvagem,
Em toda a bruta flôr dos teus encantos.*

*Que a natureza, aqui civilizada,
Fala-me do homem, só me fala da arte;
Mas tu, ó terra virgem e sagrada,
Tu me falas de Deus, em toda parte!*



RYTHMOS NOVOS

José de Mesquita

O MEU POEMA. PARA S. PAULO

Venho rever-te, novamente,
— depois de quanto tempo! —
São Paulo da minha saudade...
E és tão outra, tão diferente e tão a mesma!
Cresceste em todo o sentido e em todos os sentidos.
A São Paulo-menina
que conheci, tímida e meiga,
balbuciando ternuras
numa lingua que era exotica salada
de português, de brasileiro e de italiano,
que frequentava o Radium e o Iris
nas sessões chiques de sabbado,
e fazia o curso na Avenida Paulista
e brincava na Cantareira, no Bosque e na Aclimação
e andava de boina, singela, pelo Triangulo,
sob a garôa fina
e leve
e fria,
e fluida...
hoje é essa São-Paulo-mulher-feita magnifica
que anda de auto de luxo pela avenida São João,
ostenta joias caras e sumptuosas vestes,
como os seus jardins cosmopolitas até nos nomes:
jardim-europa, jardim-america, jardins de todos os paises...
mas brasileira até a medulla,
(a avenida-brasil é a mais bella de todas...)
e as fabricas do braz e o parque industrial
da cidade-dynamic incomparavel...
São Paulo trepidante de progresso
mas sempre a mesma, recolhida, melancolica

e suggestiva,
como, talvez, nenhuma outra cidade no mundo,
doce, sob a garôa,
mas exibindo, magestosa,
ao sol claro
e diaphano
e lucido
e macio

a sua floresta de chaminés gigantes,
com o seu formidável Martinelli,
na trepidação das suas ruas e alamedas...
terra mystica e dolente

com o seu espirito impregnado da mansuetude chris-
[tan de Anchieta,

que nós levamos dentro de nós
na sonoridade ineffável e suggestiva
do carrilhão de São Bento...

São Paulo que conduziu té minha terra distante
o sentimento da brasilidade

e a quem, no retorno cyclico das bandeiras,
nós-outros, matto-grosenses,

goyanos, mineiros ou gauchos,

trazemos a oblata deste affecto atávico e profundo.

São Paulo, yankee da America-do-Sul

mas, ao mesmo tempo, a terra mais romantica do mundo,
berço de Alvares de Azevêdo, o Byron brasileiro,
cujas noites de garôa e cujas bellas filhas
inspiraram o genio de Castro Alves...

São Paulo, como te quero,

intimamente, religiosamente,

Bruges-la-Morte a esperar teu Rodenbach,

terra mais triste do mundo

mas, tambem, a mais ineiga...

São Paulo da minha saudade...

Dezembro de 1938.

EM FRENTE A CORUMBÁ

José de Mesquita

Armo a minha rêde em frente á prôa.
A noite deslisa no asphalto escuro dos céus
seu Roll-Royce de rodas de velludo negro,
té que a manhã chegando
com sua limousine ataranjada e rosa
a obriga a entrar de marcha-a-ré
para a garage do Poente ...

O Paraguay é um rio somnolento,
sua agua é morna, feita de languidezas,
e parece ter mormaço dentro das ondas.
Corumbá, cidade brasileira,
participa, devido á vizinhança,
dos costumes da gente castelhana.
Faz sesta. Fala guarany. Accorda tarde.
Mas ainda assim, o porto é, de manhan, movimentado.
Acabo de vêr, dentro de poucas horas,
tres machinas de vôar sahirem do seu pouso:
uma, cêdo, para o Oéste mysterioso,
rumo ás terras por onde se estendem
os contrafortes da Cordilheira,
á Bolivia de nomes pittorescos,
Santa Cruz, Oruro, Cochabamba ...
outra para as extremas do norte,
para o Acre longinquo,
passando Cabíxi e o Principe-da-Beira
—quem sonharia, jamais, a não sêr um vidente,
vêr estes aparelhos formidaveis,
milagres do engênho humano,
pairando sobre o fortini colonial
de Luiz de Albuquerque

e sobre as solidões immensas da Rondonia ?
e, finalmente,
outro para as plagas bandeirantes,
subindo o grande rio
dos paiaguás ferozes,
rumo á cidade recondita,
a Cuiabá — flôr trigueira e perfumosa
que se abre ao fundo dos sertões distantes. . .

E da rêde, encantado,
no meu extase de homem do meu tempo,
ouço ruidos de motores trepidando,
e vejo, ao largo,
navios de luzes accesas,
cheios de vida e movimento,
embarcadistas rijos, bronzeados
ao sol de muitos climas . . .
Terra de feição cosmopolita,
a cidade-branca, alva como uma garça
pousada em pleno pantanal,
cintada, ao fundo, pelos morros do Urucum
e vendo o rio a lhe collear em frente,
como que sem coragem de deixal-a . . .
aparece ao meu sonho
— num grande surto de brasilidade —
como o estuario dum continente,
maravilhoso entreposto
do Brasil, da Argentina,
Paraguay e Bolivia, Equador e Perú,
e Uruguay;
— Metropole ligando sete povos
e dois oceanos, num amplexo amigo !

Fevereiro de 1939.

RELOGIOS

José de Mesquita

Transpondo o Paraná,
todos atrazam duma hora o seu relógio.
É o rythmo da vida
que se altera.
É um outro mundo que se abre
— em vez da trepidante
vida dynamica e ruidosa e célere,
das metropoles, onde,
na febre tumultuosa em que decorrem,
os dias passam como horas
e as horas vôm como instantes —
a existencia serena, a pausa, o lento
fluir da vida provinciana,
agua de tanque, quieta, entre margens silentes...
O proprio coração bate mais devagar...
A mente como que custa mais a pensar...
— Anda, atraza o teu relógio!
dizes, e tornas a dizê-lo.
Mas eu sempre me esqueço
e fica o meu relógio, muito tempo,
marcando a hora encantada,
doce e bella,
em que me sinto ainda viver.
Até que um dia o meu relógio para.
Para, como a chamar-me á realidade,
para que o acerte pelo rythmo da vida...

(MCMXXXIX)

O QUE DIZ A CRUZ

José de Mesquita

Não fugirás jamais ao meu imperio.
Por onde quer que os olhos voltes,
has de encontrar-me.
Quantas vezes,
no silencio das noites de vigilia,
não me viste no céu, velando a tua angustia,
— cruz de estrellas, em que se mesclam, sem que o
[saibam,

todos os pensamentos dos que soffrem,
todas as maguas dos incomprehendidos?
Outras vezes, sozinho,
ao passo tardo do animal cansado,
de repente, á luz frouxa
da tarde merencoria,
me vês, á beira do caminho,
triste lembrança duma vida extincta...
No alto do campanario
de ricos templos, dominando
a maré das metropoles ruidosas
viste-me, quantas vezes...
e outras, — tão suggestiva! —
nas capellinhas rusticas da serra,
nas festas com que a crença primitiva
celebra a « santa cruz », ao doce encanto
das primeiras friagens...
Mas onde mais nos entendemos
é quando, á flór das campas mudas,
— chantada ao solo, que é o teu leito eterno,
— a haste indicando o céu, teu ultimo destino,
me encontras, silenciosa,
lá onde apenas restam
— marco da fé, entre dois mundos —
os meus braços abertos,
num gesto de perdão e de serenidade,
no unico amplexo que jamais se extingue...

(MCMXXXIX)

X

LUZ

José de Mesquita

Fatigado de tanta claridade,
fecho os olhos, descanso
minhas pobres retinas
— fócios por onde passam,
dia e noite,
visões das mais diversas
e extranhas.

Canso-me de fitar tanta paisagem,—
e a paisagem humana
que é mais interessante
do que as da Natureza.

Mas vejo que assim mesmo,
cerrados os meus olhos,
uma luz exquisita
— luz que não é bem luz, e é mais do que ella—
me aparece...

Nesse flambeio fulgurante
de quem por muito tempo
fitou de frente o sól e guarda
sua lucilação dentro dos olhos...

Luz mais viva
que todas as luzes vivas...

Luz que a gente vê,
talvez, depois que morre,
luz do outro mundo...

.....

Busco esquecer-te, Amor,
descarregar meu sentimento saturado.

Mas como?
És para mim a luz que a gente vê de olhos fechados...

(MCMXXXVIII).

VIVER

José de Mesquita

Vive.

Não ha cousa mais séria,
maior encargo, nem mais grave
do que viver.

Não vegetar improductivamente
nem tampouco
andar buscando a van notoriedade...

Viver é ser util,
— é ser bom.

Sol — dar calor aos que tiritam na penuria.

Arvore — produzir sombra e agazalho.

Ser — para os que soffrem —
amor, amparo, affecto, amizade, assistencia.

Viver

é arrancar do seu seio a herva má do egoismo,
para deixar crescer a fronde da Bondade.

Vive

como si cada dia
fosse o primeiro de uma vida nova

— da tua vida constructiva e bôa,
mas vive, igualmente,

como si todo dia

fosse o final da tua vida

— o ultimo dia aproveitado

para fazer o bem, embora apenas cõlhas
ingratidões, aleives e injurias.

Vive e sê Homem.

— Homem significa

o sêr que sobe,

buscando a luz suprema

que ascende sempre

longe do barro e mais perto da essencia.

E's mais Homem

quanto mais sentires

diminuir no teu intimo

essa nocividade esteril e culposa

e crescer a infinita

ternura humana

feita de comprehensão e de indulgencia,

de sympathia universal

por todos os sêres e cousas creadas...

Vive.

Mas vive como si cada hora ou momento que passa

fosses serenamente,

escrevendo a tua propria biographia...

Março, MCMXXXIX.



ANTE A QUEIMADA

Maria de Arruda Müller

Em julho, a matta toma a côr dolente
Da agata sombria e misteriosa.
Sua vida intensa torna-se latente,
Desde que falta a chuva generosa.

A macega hontem verde, perfilada,
Quaes columnas de porphiro e metal.
Dobra-se triste, deschlorophilada,
Espectro da ardente vida vegetal.

O chão tão resequido, atormentado,
Nos meses de verão impiedoso,
Desfaz-se em leve pó, imponderado,
Que o vento remoinha, descuidoso.

Escuta-se uma supplica, um lamento,
Té as entrânhas profundas do solo. . .
De sêde ou angustia, martyrio incruento,
A matta e os sêres punge sem consolo.

Nessa phase afflictiva, dolorosa,
Em esgares de monstro, estralejando,
Os ramos contorcendo, pavorosa,
A queimada este horror vem sublimando,

Sobre a macega, como um mar de fogo,
Num esto doido, impetuoso, pando,
Mordendo os galhos nús, em desafogo,
Qual si do Apocalypse escapando.

O calor traz a flux toda a humidade
Que a terra guarda sob os seus arcanos
E em consequencia a exhala. Mas o que hade
Produzir este mal, annos e annos ?

Tornará a terra sáfara e calvosa,
Tambem nas cinzas levará o vento
Para dotar região mais venturosa
O rico *humus* que hoje é o seu alento.

Terra ! gleba fecunda ! Tanto susto
Sinto e extremoço ao ver-te comburida,
Presas das chammás, como o solo adusto
Da Lybia pelo atroz *simum* despida.

Crianças ! Homens de amanha ! Ouvi :
Transmittam-vos meus versos esta dôr
Da terra castigada, que senti,
Clamae, para cessar tamanho horror !



Fé, Sciencia e Patria

Discurso em nome dos amigos do Arcebispo D. Aquino Corrêa, Presidente de honra da Academia, no almoço que lhe foi offerecido, a 23 de abril de 1939, na "Casa Barão de Melgaço", pelo academico Francisco Mendes

Exmo. Sr. Representante do Sr. Interventor Federal.

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo D. Aquino.

Meus Senhores:

Na festa de cordialidade, que ora nos congrega e fraterniza num só espirito—homenagem á cultura e á intelligencia, homenagem ao talento e ao caracter de um dos mais renomados exponentes das letras patrias em nossa terra—honra insigne é esta que me conferistes, de interprete do sentimento, que ora nos congreça.

Pena é que a deficiencia irremediavel dos meus conhecimentos, venha contrastar com a harmonia cordial das vossas intenções, e com a auspiciosa significação deste ágape, neste ambiente evocador de gloriosas tradições.

Defrontando o vulto do principe das letras em Mato-Grosso, o excelso orador e poeta, cujas produções são joias purissimas,

que enriquecem o escriptorio da nossa lingua patria, eu experimento neste instante, associado ao constrangimento natural da minha timidez, e á commoção de minh'alma, o grande, o ineffavel prazer de falar ao filho dilecto de que mui justamente se orgulha a terra cuiabana, e a cuja amizade de raiz, confiante, vae se agasalhar a minha ousadia, tal um faminto á porta do tecto hospitaleiro, implorando a indulgencia de um pão.

Exmo. Sr. D. Aquino

Este preito que hoje vos tributamos, nesta ephemeride que assignala o «Dia do Arcebispo»—marco significativo do vosso brilhante apostolado,—impunha-se necessariamente, de modo a deixar bem frisante a grande estima que nos inspira a vossa veneranda personalidade, e a alta conta em que temos os vossos reaes serviços, com devotamento prestados á causa de Deus, da Patria e da Sociedade, como imperterrito vexillario da religião catholica, lidimo propugnador das grandezas da terra natal, infatigavel defensor da nossa tradição e da nossa gente.

A vossa vida, repleta de benemerencias á causa da Patria, já vos levou á consagração unanime dos vossos conterraneos.

A Patria, Sr. D. Aquino, foi sempre o assumpto das vossas magnificas producções literarias; a Patria constituiu, em todos os momentos, os anseios do vosso coração de bispo; pela Patria tem sido a fé catholica que vos inspira e que vos faz approximar cada vez mais de Deus; pela Patria, o vosso amor pela humanidade, o fervor das vossas orações tão repassadas de espiritualidade.

E se é o idioma patrio, na vibrante affirmação de Latino Coelho—«a eloquente revelação da nacionalidade e independencia dum povo»—cultuando a nossa lingua patria, essa “linda flôr do Lacio”, como tendes feito, com todo o valor da vossa fé e do vosso invejavel talento, vinculastes a grandeza da terra á grandeza do ideal, integrastes a familia na communhão da paz, e com a harmonia da vossa lyra mystica, entoastes a elevação superna e cada vez mais fecunda da nossa unidade nacional.

E a vossa crença e o vosso patriotismo e a vossa cultura engrandeceram tanto a nossa Patria, que os lindes mattogrossenses se tornaram pequeninos para encerrar o vosso nome, que se dilatou para além das fronteiras nacionaes, atravez do vosso renome e da vossa fama, como uma das glorias fulgurantes da terra extremecida.

Certo, Sr. D. Aquino, já sentistes muitas vezes o travo das desillusões e na defesa do bom nome mattogrossense, já sentistes voejar sobre a vossa fronte veneravel, a sombra iniqua da injustiça e da ingratição, pois que são essas fraquezas humanas

Se o ceu fizer de ti fraca velhinha
 Sempre serei a mesma creancinha
 A que, em teu collo, davas teu calor,
 Por quem soffreste, mãe, por quem choraste,
 E a quem, soffrega e alegre, aviventaste
 com a tua seiva e a tua propria dôr.

Ou ainda, alma alojfrada em pranto, Coelho Netto modula,
 "Ser mãe é andar chorando num sorriso!

Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!

Ser mãe é padecer num paraíso!

Na psychologia de Eurico de Oliveira ha mais um detalhe mi-
 moso. Eil-o: o outomno desapareceu. Agora é um jovem timido e
 enamorado, esparzindo a graça do seu sonho de mocidade, em que
 immerge e, demoradamente, se banha num lirismo suave e aprasi-
 vel. Lembra Guilherme de Almeida, ou melhor a Vicente de Car-
 valho. No mar grosso, da duvida, que o leva, aos boléos, por
 modo a perde-lo do pharol da esperanza, agora cai, do alto, uma
 calmaria risonha. Ha psalmos. Ha perspectivas de paisagens encan-
 tadoras. Já não é o desespero encastoadado leve nas rimas, mas
 doce murmurio de ondas mansas, lavanco a praia branca batida
 de sol, onde os cantos dos namorados que se despedem enchem
 o ar de saudade, e, entre elles, molhados de lagrimas, dos len-
 ços brancos acenando ao longe:

Psychologia da Despedida

Qual dos dois corações o que mais sente

A agonia lethal da despedida?

O que parte? O que fica? Ou igualmente

A saudade entre os dois é bipartida?

Poderá responder quem consciente

Passou pelos dois transees nesta vida?

Se a magua de quem fica é tão pungente:

Se a dor de quem se vae abre ferida!

Ficar, com a tortura da saudade,
Partir, com a saudade que tortura,
Coração preso á dor da soledade.

Á tristeza claustral de um velho monge. . .

E entre os dois, aumentando a desventura,
Dois lenços brancos acenando ao longe.

Mas, a tristeza da saudade, que se aperfeiçoa na desesperança, agumenta.

Sóbe, aviva-se o tom lyrico no violino magico do artista. Foi-se, virou-se a ultima pagina da ardente mocidade. A agua, cheia de canções primaveris, passou. Por trás dos montes afastados, coroados de névoas, o sol, ensanguentado, tombou. Ha, agora, na imponderabilidade do ambiente, uma agonia deluida, esmagando a alma soffredora. Nas frondes, ninhos pendem, mudos e silenciosos. Nenhum gorgeio. Nenhum pipilo de ave. Deserto, nos galhos mirrados, uma ou outra penna, restos de um romance extinto, apenas tremem á passagem das auras vespertinas. Conta a alma dos velhos ninhos abandonados:

VELHOS NINHOS

Quanta tristeza ao ver abandonados,
Tristes, aquelles pobres velhos ninhos,
Outr'ora povoados de carinhos,
De amôr, de sons, agora desprezados,

Desfeitos quase, á beira dos caminhos!...

Antes, entre gorgeios embalados,
Hoje estão só de pennas habitados...

Fizeste o que fizeram os passarinhos...

E no meu coração — ninho deserto,
Jamais encontrarás um pouco certo,
Jamais! Voltaste muito tarde, apenas

Resta meu coração, teu ninho antigo,
Que sempre procuraste como abigo,
E que hoje não abriga senão penas.

Mas o poeta não se deixa subjugar tão só pelas theses de ordem sentimental. Desborda, vai além, entra os domínios mais vagos, rasga-se nas púas do sofrimento heroico. Philosopha, então.

O pessimismo o invade. Dir-se-ia Antero de Quental ou Camillo, bonzos scoticos, cruxificados em angustia suprema. Ouvi:

Qual estava do tempo infinito
Momentos de alegria;
Tu vives a marcar a hora das horas,
Como a marcar eu vivo as horas de agonias.

CARYATIDE

Apraz-me ver-te assim, sob a cornija

(ornada de relevo e de acrolitho:

Só mesmo carneação tão dura e rija,

Feita de pedra ou feita de granito,

Supportará sem que o cansaço afflija,

Sem uma imprecação, sem um só grito,

Peso de torres que á arte se lhe inflija,

Altas tocando as nuvens, o infinito...

Quão semelhantes somos, minha amiga!

A minha alma á tua alma hoje se liga

Pela dor que a deixou empedernida.

Se supportas pesado monumento,

Eu tambem como tú, sem um lamento,

Supporto muito mais! Supporto a vida!...

Artista afeito a modelar os estados, os mais fugitivos e profundos da alma, Eurico Olympio estuda, versa a alma das coisas. Com ellas convive, fal-as suas companheiras e amigas. Identifica-se mesmo, num pantheismo singular, com os objectos que o cercam, supprehendendo o sentido supremo e eterno que ellas inspiram.

Não é mais um ser á parte, destacado, méro colleccionador de emoções raras, mas em anseios philosophicos, integra-se no todo, vivendo, por assim dizer, a vida integral. Sente, por isso, nos pendulos que oscillam nas palpações metalicas do seu velho relógio, um amigo e companheiro, como se, naquella vida mecanica, pulsasse tambem um coração igual ao seu.

Que admiravel poeta se accentua no soneto "Meu velho Relógio", construcção delicada e subtil, em que percorre um fris-

son, uma faísca, especie de santelmo revelador que aniquila todos os sonhos e todas as vaidades do homem.

O vale, aprehensivo, em torno do grande mysterio:

MEU VELHO RELOGIO

Qual escravo do tempo ingrato, rememoras
Momentos de pezar, momentos de alegria;
Tu vives a marcar a agonia das horas,
Como a marcar eu vivo as horas de agonia.

Tão identificado estou, que si demoras,
Parado, vem-me logo o tédio, a nostalgia...
Nessas palpitações metálicas, sonoras,
Sinto meu coração pulçando noite e dia.

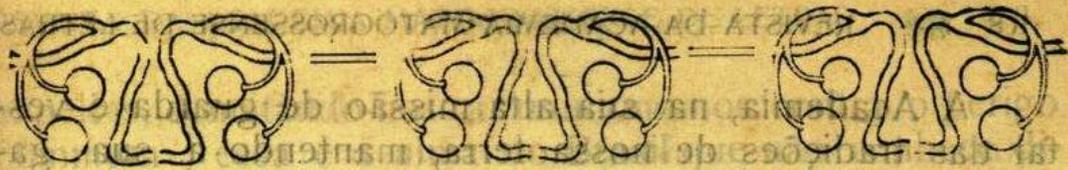
Muitas vezes a sós, philosophando a esmo,
Julgo ver dentro em ti, minha alma e pensamento,
Que sou parte de ti, que és parte de mim mesmo...

Ah! mas qual de nós dois estacará primeiro?
Serei eu a marcar teu ultimo momento,
Ou marcarás o meu momento derradeiro?...

Eis, exmas. senhoras, aqui vos trago uma esbatida visão dos panoramas illuminados do poeta, que hospedamos. Predominam nas suas concepções, o tom nostálgico e ascetico, repassado de belleza verbal e de imaginação vigorosa, não raro solenne. E sobretudo a pureza das emoções ainda mais as eleva no conceito das boas letras. A qualquer luz que se examine o canto do belletrista que apresentamos, ha, sempre, um poeta elevado do pantano do subconsciente, nem uma nota menos digna sobe que o possa macular.

Pertence, por todas estas razões, ao grupo de artistas de interior equilibrado, embora lhe falte essa jubilação íntima e transbordante que só a crença pode fornecer. A sua visão da belleza das coisas não se deforma; é exacta, constante e, por isso mesmo, fica fiel ao programma de verdadeira arte. Não inutilizou o talento nas execrandas innovações que, a estas horas, morrem já, vitima do seu proprio ridiculo.

E como rematar? Como concluir esta apreciação? Concluo, senhores, fazendo minhas as palavras dirigidas a um dos nossos mestres do verso: Furico, tu tens talento para o diabo que o carregue!



COUTO DE MAGALHÃES

DISCURSO PROFERIDO PELO OCCUPANTE DA CADEIRA Nº 3, ACADEMICO JOSÉ DE MESQUITA, NA INAUGURAÇÃO DO RETRATO DE COUTO DE MAGALHÃES, NA GALERIA DOS PATRONOS, A 21 DE MAIO DE 1933.

Distinctas Senhoras e senhorinhas,

Meus Senhores,

Presados confrades:

A "Academia Mattogrossense de Letras" inaugura hoje, em seu salão nobre, o retrato do patrono da cadeira n. 4, o General Dr. José Vieira Couto de Magalhães, cabendo-me a honra e a satisfação de dizer-vos algumas palavras a respeito desta solemnidade, como occupante que sou da mesma poltrona.

Quero, Senhores, destacar duas circumstancias muito para referidas nesta hora, e das quaes devemos tirar conclusões opportunas e ensinamentos uteis e eficazes.

A Academia, na sua alta missão de guarda e vestal das tradições de nossa terra, mantendo a sua galeria de paranympfos, que são assim como uma espécie de numes tutelares da nossa cultura, conservou entre elles essa figura impressiva e inconfundível de Couto de Magalhães, a cuja sombra augusta me honro de haver entrado como um dos doze fundadores do "Centro", de que a "Academia" é legitima sucessora.

Notae, entretanto, em primeiro lugar, que Couto de Magalhães, um dos maiores servidores de Matto-Grosso, na guerra e na paz, na administração e nas letras, não era um mattogrossense, tendo nascido na cidade de Diamantina, o antigo arraial do Tijuco, de gloriosas evocações na Historia das Minas. Adoptando-lhe o nome como um dos seus 24 patronos e exalçando-lhe a memoria por tantos titulos veneranda, inculca a Academia a noção do verdadeiro nacionalismo, da pura e sanbrasilidade, que não conhece fronteiras sinão as que nos separam dos paeses estrangeiros, e que vê no Brasil um todo uno e inseparavel, aquelle feixe symbolico de que falava o Rei-Cavalleiro, e que nada, nem ninguem, poderá jamais separar.

As divisões geographicas ou politicas entre os Estados, obedecem á tradição historia ou á conveniencia administrativa, sendo, como é, a propria Federação um imperativo politico, que a nossa vastidão territorial e a nossa evolução historica exigem. Mas não ha, para os brasileiros conscientes e dignos, mais do que um Brasil, e não 20 Brasis parcellados e rivaes entre si: uma affinidade atavica de lingua e de crença, de costumes e tradições, liga e funde, amalgama e integra, na unidade nacional indissolúvel, nortistas e sulinos, homens do centro e do litoral, do nordeste e dos pampas, num nome unico, num só patriotismo, numa fraternidade apenas— a communhão brasileira. Essa alma da patria, una e indestructivel, que Affonso Arinos, outro grande mineiro, via tocando a rebate «no sino de cada uma de nossas

capellas, concitando-nos a reunirmo-nos contra o perigo commum»; essa é a alma do Brasil que não conhece divisas nem barreiras inter-estadaes, sinão para efeitos de pura administração; essa é a alma da nossa terra que canta o mesmo cantico de fé e de esperança, na mesma lingua doce e meiga, que é o portugûes do Brasil, quer seja nas solidões dos igarapés amazonicos, quer nas bellas fazendas paulistas, quer nos rudes "galpões" onde o "fogo" da peonada gaucha sussurra os seus hal-lalis guerreiros...

Couto de Magalhães é tão nosso como se houvesse nascido neste predestinado valle cuyabano, é nosso porque deu á nossa terra o seu talento e a sua cultura, o seu amor e a sua dedicação, é nosso como o P. Ernesto, cuja effigie ali vêdes, patrono tambem de uma cadeira, como Melgaço, Ricardo Franco, Taunay, e tantos outros, patronos e guardas amigos deste sodalicio venerando! Essa a grande licção que a Academia parece que er inculcar na inauguração deste retrato, licção que se resume em banir de vez esse estúpido "bairrismo", que nega valor ao que não é mattogrossense, só porque procede de além-Paraná ou de além-Araguaya... Claro que não se trata de excluir esse natural e justo pendor todo particular, que nos merece aquillo que é nosso, e que, em igualdade de condições, nos leva a preferir a "prata de casa" a todo o ouro alheio, muitas vezes de quilate suspeito: mas, a par dessa explicavel preferencia pelo que é particularmente nosso — convem insistir neste ponto — precisamos criar e desenvolver, no espelho de vidas como a de Couto de Magalhães, o verdadeiro e alto nacionalismo, que se não compadece com bairrismos estreitos.

A segunda licção que esta glorificação nos suggere é a de que se deve confiar profundamente e serenamente na justiça da posteridade e jamais se abater diante dos golpes desferidos pela calumnia, pela má vontade, pelo odio gratuito dos contemporaneos.

Ninguém foi mais atacado, offendido até nos seus íntimos melindres, do que esse varão egregio cuja effigie ora vemos exornando a galeria plutarchiana da nossa Academia de Letras. De tudo o accusou a paixão partidaria, cega e sem peias, não poupando um dos seus actos publicos siquer. A proterva injuria dos pasquins fez d'elle o alvo predilecto, durante muito tempo, vendo nos seus gestos mais dignos intenções culposas. Em pleno fastigio da carreira gloriosa, em que apenas visava trabalhar pela Patria, conheceu essa bateria da detracção, assestada nos prelos ignobeis, que vivem para a volupia do doesto e para o sadismo das demolições!

Mas a tudo venceu, gallhardamente. As sordicias dos pamphletos em que o injuriavam ob a irresponsabilidade do anonymato ou dos zoilos, cujo nome é ninguém, onde param a esta hora? No enxurro de lama de que vieram e para onde vão todos os que fazem da penna o triste instrumento dessa arte aviltadora que com a mesma inconsciencia com que bajula os potentes, quebra os dentes, impotente, na lima das reputações formadas. São desses de que dizia Ruy, outra grande victima do jornal-torpedo, que a gente limpa se mostra mais receosa dos seus gabos que dos seus ataques, os mesmos que não se pejaram de accusar o Patriarcha da Independencia Americana, o grande Whashington, de haver sido a maior vergonha de sua Patria! Taes vozes ainda e sempre se erguem, no coaxar dos batrachios e invertebrados, ou no determinismo inevitavel das suas psychoses. A progenie bastarda do filho da cortezan de Arezzo não se extinguiu, nem se extinguirá tão cedo. Mas, o seu fadario confina-se na geração que a produz, quando chega a vencer uma geração. Salva-se ainda pelo talento, quando o tempo que nem sempre acontece. As suas victimas preferidas, porém, quasi sempre ficam vivendo, nas suas obras e nos seus trabalhos, que o futuro reconhece e consagra, quando as arengas dif-

famatorias já se calaram no silencio dos tumulos.

Toda a gente ainda hoje lê "O Selvagem" e a "Viagem ao Araguaya" obras velhas de mais de meio seculo, nas quaes ficou estereotypada a capacidade de trabalho, a cultura do nosso egregio patrono. Seu nome enche mais de uma pagina da Historia de Matto-Grosso e do Brasil. Quem ahi se lembra, entretanto, das torpes assacadilhas em que era o seu vulto austero comparado ao bandido *Cama Quente*, sinão para, enojado, incriminar taes invectivas,, cujos auctores desapareceram na valla commum do desprezo e do esquecimento? Bem dita licção esta que nos ensina a Academia, exaltando, num preito sadio, as individualidades maximas do nosso Pantheão historico e literario! Licção salutar e encorajadora, que aos de hoje mostra o exemplo dos de hontem e aponta as esperanças de amanha!

Continuemos, senhores academicos, a trabalhar por Matto-Grosso unido no Brasil unido, sem bairrismos criminosos e sem desanimos nocivos. Que as grandes individualidades desta galeria, em que Couto de Magalhães hoje penetra galhardamente, sejam mais do que méros retratos encaixilhados em bellas molduras, verdadeiros retratos moraes em que nos espelhemos para proseguir desassombradamente na cruzada em que nos empenhamos—por Matto-Grosso e pelo Brasil!

Estou a ver a sua alegria quando lhe annunciei a minha renuncia aos planos que horas antes lhe communicara.

Dois dias mais e eu era passageiro do "Amazon", rumo a Buenos-Ayres.

Coincidencia: Fred... gizou, por assim dizer, o meu destino, e... a escaldada magnifica da immortalidade, ainda e... beneficia a cujo clirão lerei de descobria em mim mesmo energias novas para manter bem alto a sua cathedra gloriosa.



Recem-formado em Direito pela Bahia, chegara eu ao Rio em Abril de 1910. Convencido da philosophia do proverbio de que "ninguem é propheta em sua terra", trazia as vistas voltadas para Minas, cujas tradições veneráveis de civismo, de liberdade, exerciam sobre mim um fascínio irresistivel.

Aguardava a solução de referencia a uma promotoria que me havia sido promettida na terra heroica dos montanhezes, quando Frederico, que me suppunha em marcha para os nativos pagos, em um encontro fortuito de bond, me inquire cheio do mais vivo interesse:

— Você ainda por aqui?

Disse-lhe redondamente a que estava. Replicou-me com um escachoar deslumbrante das grandezas de Matto-Grosso. E concluiu:

— A nossa terra muito e muito necessita da intelligencia dos seus filhos. Confio em que V. lhe não negará a sua collaboração.

E promettcu de voltar ao assumpto.

No mesmo dia, á noite, procurou-me. Não podia se conformar com a minha resolução.

Que grande entusiasta foi elle das cousas da nossa terra!

Estou a ver a sua alegria quando lhe annunciei a minha renuncia aos planos que horas antes lhe communicara.

Dois dias mais e eu era passageiro do "Amazon", rumo a Buenos-Ayres.

Coincidencia: Frederico Prado, gizou, por assim dizer, o meu destino, e, agora, nesta escalada magnifica da immortalidade, ainda é elle a luz benefica a cujo clarão terei de descobrir em mim mesmo energias novas para manter bem alto a sua cathedra gloriosa.

Venho succeder a João Cunha, disse. Circumstancia de relevo é esta que nesta data em que tantas vezes lhe cultuamos o coração bonissimo nas festas alegres da familia, commemorativas, do seu natal, hoje lhe cultuemos a memoria nesta festa não menos expressiva em que o seu espirito espalha sobre nós a doce consolação de que elle nos assiste e sempre nos assistirá atravez das fulgurações da cathedra que tanto dignificou nesta Academia.

João Cunha heis um nome que, posto sempre fosse uma clava a prol das boas causas matogrossenses, não dá a impressão, entretanto, de aresta ou cuntendencia. Lembra, sim, um padrão authenticico de honra, de visceral honestidade, de que é melhor attestado a pobreza sem macula em que deixou a familia por que tanto estremecia.

Principe do jornalismo, como era entre nós considerado, por longos annos mourejando na imprensa, tendo atravessado periodos angustiosos de politica agitada em que os odios escabujam todas as infamias, ferindo, retalhando, na ancia de saciar seus depravados appetites, — a pena de João Cunha nunca foi temida por peçonhenta ou irreflectida, pois que jamais baixou do campo das idéas, onde, então, enfrentava com elegancia o mais dextro adversario.

Argumentava com arte, patriotismo e cultura, demonstrando sempre accentuada dedicação ao *metier*.

Não se limitava a tão só escrever os eruditos editoriaes, muitos dos quaes marcaram epocha no periodismo regional.

O jornal a que elle emprestasse o brilho e o vigor da sua solidariedade tinha em João Cunha além de um redactor assiduo e deveras efficiente, quem lhe attendesse ainda ás mil necessidades. Do artigo de fundo ao noticiario, com escala pela chronica ligeira e fas-

cinante, era por elle acudido com solicitude e interesse. A revisão, a paginação, elle as assistia com carinho e em pessoa, o que fazia com que os amigos nunca deixassem deserta a redacção, desejosos da sua companhia, de escutar-lhe a palavra sempre amiga, leal, serena, alem de brilhante, ponderada e culta.

João Cunha tinha de longo tempo um amigo inviolavel que o seguia com admiração e respeito: era eu.

Nunca, porem, uma oportunidade se nos havia deparado para uma approximação que nos revelasse um ao outro. Nem mesmo no governo Mario Corrêa, de que eramos ambos immediatos auxiliares, essa oportunidade se offereceu, capaz de nos trazer um perfeito e mutuo conhecimento.

Foi só com o apparecimento do jornal "O Momento", em 1931, na estreita camaradagem e reciproca confiança de uma avançada opposicionista, animada pelo ideal sagrado da grandeza da terra commum, que bem nos conhecemos.

A minha admiração por João Cunha só encontrou azo para crescer e avultar mais e mais á medida que os dias decorriam.

De uma feita em que, alta madrugada, fomos os ultimos a deixar a redacção do "O Momento", tive a fortuna de ouvir daquelle grande espirito, daquelle grande amigo, daquelle grande "exemplar humano", como lhe chamaria Amadeu, estas palavras generosas que eu guardo no fundo do coração com justificado orgulho e amôr: — Você não avalia quanto eu sinto só agora ter tido occasião de conhecê-lo bem".

Parece que aquelle excellente coração presagiava de curta duração a bella amisade que nascia.

Designio de Deus, resigno-me á dura perda.

Na saudade, porem, do que partiu, na sentida recordação das horas de verdadeiro encantamento que me

proporcionou o seu brilhante espirito, hei de encontrar mais forte estimulo para que mais decididamente possa servir o jornalismo em nossa terra, repetindo com fé os versos do poeta dos Rubis”:

Não sei que de maior gloria terrestre
Que triumphante de tão nobre liça
Sahir quem soube ser tão grande Mestre.

Goulart de Andrade, em discurso proferido junto á herma de Mestre Valentim, no Passeio Publico, do Rio de Janeiro, o genio da goiva e do escopro, se refere ás palavras por elle proferidas, já nas vascas da agonia, e que bem significam a profissão de fé do grande artista — “Não temo a morte, mas prézo tanto a minha arte, que ainda depois de morto, quizera poder alçar o braço do tumulo para executar os desenhos que me pedissem”.

João Cunha, por igual amante de sua arte, poderia reproduzir os votos de Valentim para traçar ainda hoje os magistraes artigos que tantas vezes fizeram vibrar de orgulho e entusiasmo a alma dos conterraneos.

Quando bem o conheci empunhava elle pelo “O Momento” a penna victoriosa a prol da constitucio-
nalisação do Paiz.

Pois bem. Principe do nosso periodismo, coberto de louros alcançados em prélios memoraveis da imprensa regional, bem poderia limitar-se á feitura dos editoriaes ou notas de relêvo em abono da bandeira patrioticamente desfraldada.

Mas, não. Elle era companheiro modesto e simples que se contemplava na distribuição de toda e qualquer materia, desde o artigo de fundo á simples corrigenda

dos annuncios. Descia á “cosinha” do jornal numa anxia incontida de tudo prover e attender, por amor á sua arte, a “mais complicada das artes”, como elle a chamava.

E tinha razão, pois Medeiros e Albuquerque em “Pontos de vista” diz: “O jornalismo que tudo põe em contribuição e tanto divulga a musica como a eloquencia, tanto um bello quadro como uma formosa poesia, — o jornalismo, que é a arte da vida moderna entendida de um modo integral — é das bellas artes a mais perfeita e a mais completa”.

E quanta delicadeza, quanta finura de sentimento revelou João Cunha no manejar a penna!

Julio Dantas, recebido na Academia Brasileira de Letras, quando em visita ao nosso Paiz, assim começou o seu famoso discurso:” Um dia, recebido nos jardins do Academio um discipulo de Platão, coroadado de violetas, pisando timidamente o chão com as suas sandalias douradas, perguntou ao mestre como deveria agradecer a honra que lhe concediam. Platão olhou, e disse-lhe apenas: Amigo, com simplicidade”.

João Cunha dès que penetrou a arena da publicidade se não mirou n’outro espelho. O conselho de Platão fel-o a figura grandemente acatada que todos veneravamos, creando-lhe aquelle halo de sympathia em que nos habituaramos a vel-o sempre affavel, simples, communicativo.

Aqui está, por exemplo, um seu trabalho de trinta annos atraz: — “No album de Emma Aurora”

E’ um retalho da alma de João Cunha, filigrana dourada do seu espirito e que põe de realce a delicadeza do seu bonissimo coração.

Leio-o com prazer, tanto nelle se reflecte a pureza do sentir do seu autor.



Reparastes, certo, a modestia, o quê de acanhamento com que buscou se excusar da amavel solicitação e, por fim, o voto altamente expressivo — por que fizesse Deus a gentil possuidora do album tão feliz quanto já a fizera formosa.

Não lhe desejou glórias nem fortuna. Fez votos por sua felicidade, a felicidade que constitue o ideal por que tanto estremece o coração de uma menina.

Elle que nunca teve ambições, que nunca cultivou a vaidade, não poderia ter imaginação outra felicidade áquella moça senão a felicidade do lar, a felicidade do coração, essa que jamais fallece quando amparada na dignidade e no amor. Desejou-lhe o summo bem, fortuna que com todas as véras d'alma desejaria ás proprias filhas cujos carinhos lhe povoaram a vida de sorrisos.

Eu disse que João Cunha não cultivou a vaidade.

Disse mal? Não cultivou porque, guarda-livros ou Secretario de Estado, posição a que foi entre nós por tres vezes conduzido, ninguem lhe percebeu nunca qualquer variação nos hábitos ou maneiras de tratar. Era sempre o mesmo Cunha amigo, leal, sincero, bom e generoso. Nenhuma jactancia no fastigio, nenhum lamento na adversidade. Vida emersoniana: modesta e igual para não ser pomposa e desigual.

Em "Espelho d' Ariel", Ronald de Carvalho escreve: — "Cultivemos a nossa vaidade já que a não podemos dominar com mão segura, mas cultivemo-la discretamente, sem os despropositos do orgulho mal educado que é uma das formas mais sensiveis da nossa estupidez. Lembremo-nos que somos esphemeros, e que tudo quanto nos cerca participa do mesmo defeito, ou possivelmente, de igual virtude".

Bem pode ser que assim, discretamente, sentisse alguma vez João Cunha os effluvios da vaidade; certo é,

Eil-o:

“O album é um escrínio avelludado onde os amadores de raridades e exquisitices colleccionam e expoem ás vistas curiosas dos visitantes, as amostras intellectuaes, ricas ou pobres, arrancadas aos minerios do pensamento.

Para adornar um album, pois, não basta que lhe possamos trazer flores mimosas e perfumadas cujo aroma suave em breve se evolaria e as petalas resequidas se haviam de desprender e rolar esparsas pelo chão; é necessario incrustarmos-lhe bem fundo, nas paginas alvissimas, o que de mais raro e limpido e puro tenhamos descoberto entre as perolas d'alma geradas e as crystalinas gemmas do coração.

Estas preciosidades, senhorita, onde irei buscal-as, eu que não possuo o thesouro inexaurivel da intelligencia, o veio do genio, a intuição artistica do bello, d'onde manam em dulcissimos caudaes as fontes divinas da inspiração?

Bem sabeis, senhorita eu sou pauperrimo...

De meu, — nada possuo; nem este coração que aqui trago oculto, já me não pertence mais, vós bem sabeis, senhorita!

E era essa minha unica riqueza!

Hoje me restam — desejos, desejos, vagas esperanças e algumas illusões...

Se, entretanto, me permittis que entre aquelles eu vos dedique o melhor que possa formular, digno de figurar nas paginas alvissimas deste album, ahí o tendes:

— Que Deus vos faça tão feliz quanto lhe aprouve-vos fazer formosa”.

Simples, tudo que ha de mais simples as impressões de João Cunha no album da senhorita Emma.

porem, que nunca permittiu a quem quer que fosse lhe apontasse “despropósito de orgulho” nem bem nem mal educado.

Organização superior, se tinha forças para supportar o ostracismo o mais rude com a serenidade de um justo, melhormente se preservava de excessos quando no poder.

Honesto, visceralmente honesto, não se lhe accusa um deslize em toda a longa vida publica.

A revolução de 30 veio afastal-o da Secretaria de Estado no governo Annibal de Toledo, de quem era ainda 1º vice-presidente. Dessas alturas, onde realmente brilhava pelo prestigio do seu saber e pela respeitabilidade do seu character, pobre, pauperrimo, rolou para o ostracismo, retomando as occupações de guarda-livros num escriptorio commercial desta capital, d’onde tirava, quando a morte o colheu, a subsistencia da familia.

Quanta resignação, quanta energia naquelle nobre coração!

No trabalho buscava o esquecimento ás suas maguas, sem deixar reflectir uma nuvem de tristeza.

Certa vez, em que lhe elogiavam a rija enfibratura respondeu: — “Não tenho o direito de contaminar aos outros minha desventura”.

Era uma expressão offuscante de uma superioridade irreprochavel.

E ninguem supponha, pelo que aqui fica dito, que João Cunha, com aquelle temperamento de excepção, fosse uma alma fechada, natureza de casmurro, ares de misantropo.

Nada disso. A sua alma era assim como uma casa em festa: toda claridade, toda sorrisos e alegria. Accessível, franca, sem rebuços suspeitos nem sombras desconcertantes.

No seio da familia ou em rodas de amigos era sempre o mesmo espirito jovial, brincalhão e encantadoramente communicativo.

Prova-o "Garça viuva", a chronica scintillante em que Cunha dá copia bem definida do seu invejavel bom humor.

Nella o autor descreve com graça e arte requintada a historia de uma garça muito alva, pura, sem nódoa, nem a mais leve mancha, que lá estava, todas as manhãs e todas as tardes, á beira da mesma lagôa, longamente immovel, como mergulhada em profundo meditar, ou tomada de tristeza immensa; e outras vezes, inquieta, desesperada, como se procurasse inutilmente algum quasi apagado vestigio, ou signal incerto do objecto amado que ali perdera...

De um lado para outro andava, perquiria, investigava, scismava. Não foi aqui... Seria ali? Aquem? Alem?

Contaram-lhe, afinal, a historia tristissima da garça solitaria.

Um mercador de pennas, avido de lucros, assassinara ali, de um tiro certo, da garça o companheiro.

Era, assim, "ali o cemiterio em que todos os dias vinha ella carpir", até que, de outra vez, o mesmo caçador impiedoso, junto delle a matou".

E conclue:

"Ah! Mas quando ellas souberem como vós, oh adoraveis garças de collo de alabastro, que será possível um novo casamento..., quando ellas souberem..."

Numa serie de pensamentos, verdadeiras sentenças de irrecusavel philosophia, Alberto Rangel, em "Papeis pintados", insere: "Para tirar a força ás arraias corta-se-

lhes a cauda. Expurgar a sinceridade de seus extremos é reduzi-la a cousa nenhuma”.

Era o que eu teria a responder se increpado, fosse de, neste elogio, me haver resvalado pelos extremos da amizade que a João Cunha me prendia.

Nem assim, porem, se lhe teriam diminuido os meritos ou lhe offuscado a gloria.

Esta não repousa nos “extremos da minha sinceridade” mas se assenta no pedestal grandioso da sua inegualavel bondade.

Ruy Barbosa, a quem Coelho Netto chama o “homem forte que, elle só, como um novo Atlante sustenta nos hombros toda uma Patria, levantando-a tão alto que todo o mundo a vê e, vendo-a, admira-a, enlevado em sua belleza”, esse augusto predestinado assim se expressou em discurso memoravel de collação de gráo:

“Por distinctos, porem, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a fronte de coroas, e o nome se vos grave entre os privilegiados da fama, não seja nenhum de vós confiado da sua sufficiencia.

Porque só ha uma gloria verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba nem a fatuidade.”

Senhores: Que digam se eu exaggéro as saudades, as doloridas saudades em que estamos todos a recordar neste momento o grande e bondoso amigo que perdemos.

Ainda ao baixar ao tumulo, disse-lhe o honrado e culto presidente desta Academia: “Dizem que foi o coração que te matou. E’ por elle, de resto, que morremos todos, mas no teu caso, alem da diagnose da sciencia, fala o testemunho dos que te conhecemos. Viveste pelo coração e é justo que por elle viesses a morrer.”

Essa é a sua verdadeira gloria e que ninguem lhe apoucará.

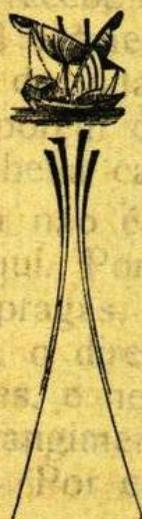
Discurso

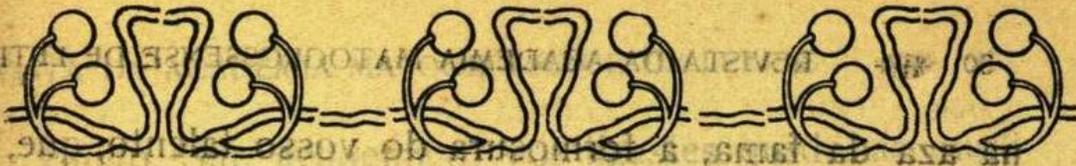
de recepção

pelo

academico

Olegario de Barros





NÃO, Sr. academico Amarilio Novis, A vossa duvida é apenas um receio sem fundamento, producto da phantasia de vossa imaginação. E a certeza amavel do vosso merecimento, como homem de letras, está na significação expressiva deste scenario esplendido, luxuoso e palpitante dos applausos que ainda agora provocastes.

Cabe-vos, permittí que vo-lo diga, 'ão só a vós, a a culpa deste deslocamento, no tempo, da apotheose com que vos recebe a Academia Mattogrossense, de Letras, na qual entraes, não como uma vergontea fraca e suspirosa de vida, que precisa enfolhar-se para depois prcduzir, porém como um cerne alto e magestoso em cuja umbella canta a harmonia da arte.

Mas, ainda não é tarde, se bem que ha muito vos esperavamos aqui. Porque não vos faltou, desde que, mão grado as pragas, fomos levantando, com fé ardente, este templo, o direito de, por vosso proprio merito, nelle penetrardes, e nelle tomardes o vosso assento sem o menor constrangimento ou desconfiança. Já vos muito conheciamos. Por estes porticos simbolicos percorria

na aza da fama, a formosura do vosso talento, que, lá em baixo, toda cidade admira, seja vestido na prosa jovial dos sueltos, na polichromia do vosso verso, ou, e sobretudo, no discreto aroma intellectual, perfume seductor e irresistivel, como a luz, que o vosso humorismo espalha.

Sim crêde no que vos affirmo, ao vos estender, neste momento, a mão amiga no limiar destas sagradas arcadas. As vossas galanterias já haviam, dominadoramente, seduzido a bella dama que ora conquistaes e, por isso, repito-vos, deveis culpar tão só á vossa timidez de esquivo namorado a demora desta solennidade consagradora.

Senhores!

Nem sempre ficamos acorrentados ás seducções do ambiente. Nem sempre as forças componentes do momento em que prevalecem os traços incoerentes das tendencias economicas possuem o imperio sufficiente para nos esmagar, asphixiando-nos. Contra o despotismo desses choques descarregados sobre o nosso espirito, muita vez, levanta-se, reagindo decisivamente, um idealismo talhado em outras formulas mais suggestivas que corrigem, felizmente, a imposição desse fatalismo material.

E a prova de que é possivel essa reacção do homem fascinado por um ideal mais apurado, quem no-la dá é o academico Amarilio Novis. Exactamente. Reagiu e triumphou, precisamente quando chegara á terrivel encruzilhada donde partem as variantes que nos conduzem á derrota ou á gloria.

A força envolvente, que, por varios annos, empolgara a vida norte mattogrossense não teve o feitiço, o magnetismo capaz de domar a inquietação instinctiva e rebellada do seu espirito.

Então, Snr. academico, vos fizestes surdo ás supplicas e ás exhortações mais respeitaveis. Do vosso proprio lar partiram, tentando seduzir-vos, repetidos conselhos que vos apontavam, no futuro, uma vida talvez luxuosa e confortavel, na gerencia de um escriptorio commercial.

A industria extractiva da borracha era como uma preocupação visceral. Desenrolou-se, aos olhos dos que viviam no Norte do Estado, um novello azul. A phantasia dos milhões, como nos contos de fadas, cegava. Bastava, ao homem, sangrar as arvores. E quando dormia, a rede estirada entre dois galhos por onde a hostia do luar, transpondo o ceu sereno, lhe abençoava o somno, a caudal das libras inglezas, tinindo, vinha, cascadeando, desaguar nas suas algibeiras profundas. A febre alastrou-se. Os municipios da Capital, Rosario, Caceres, e Diamantino constituiram uma vastidão theatral em que se moviam centenas de actores rusticos sob a copa luxuriante e esbelta das nossas seringueiras. Pellas estradas, mosqueando o chão calcinado e batido, os cascos das alimarias, em longos cordões, carregadas de mercadorias, quando iam, e, de borracha, quando voltavam, retiniam nas pedras, galgando chapadões, descendo valles, vadeando ribeirões, óra á sombra, óra á luz, sob a serenidade dos nossos amplos céos tropicaes. Afinal chegavam. E todo esse mundo botanico, enquanto o exercito, aurisedento, lhe feria em cutiladas curvas o tronco virgem, pojando o seio fecundo, aos gorgolões quasi, o leite de prata, todo elle era uma festa, um hymno immenso de esperanças. Era a victoria da seringueira. Todo o Norte maravilhoso gravitava em torno dessa arvore abençoada, obsidente. Ao seu docel teciamos o nosso futuro, e organizavamos o nosso Estado, nutrin-do todos os seus recantos, com a vida que ella nos dava. Tudo, tudo, então, estava condicionado, quasi exclusivamente, ás suas raizes, que traçavam, na potencia da sua assimilação, o diagramma da nossa existencia, a

gloria da nossa abastança e a grandeza do nosso destino.

Pois bem, meus Senrs., contra essa força preponderante reagiu Amarilio Novis. E resistiu a rogos os mais persuasivos. De nada valeram as razões de ordem pratica com que os seus amigos e parentes o seduziam.

E' que, na complexidade do seu ser, havia, sobrepujando a simples sêde do ouro, uma fagulha divina a crépitar, processo conciliador que corrigia os excessos numa formula instinctiva de creações mais estheticas, que não mata, antes, accende e dá maior brilho e belleza a chamma pura do ideal. Modelava, assim, numa visão do subconsciente, o seu sonho de artista. E o sonho, meus amigos, talvez ainda seja a unica realidade que valha na vida. Aloysio de Castro o affirma:

Do que o mundo me dê, pompas, gloria ou fortuna

Tudo se extinguirá, ou seja cedo ou tarde;

O barco que a singrar galerno vento enfuna

Se abysma em temporal sem porto que o resguarde.

A' manhã segue o dia, a noite á sobretarde...

Como faz e desfaz o vento a mobil duna,

O que veio se irá! Que nunca me acobarde,

Na prospera existencia ou na infeliz fortuna.

Nada aspiro, nem mais no fatigado curso

Dos dias esperanza ou vão desejo ponho,

E já me sinto além, noutro horizonte incurso.

Mas tudo quanto eu perca, os versos que componho

Me restem, bem supremo e supremo recurso

Que da vida só quero a vida do meu sonho!

Foi a visão antecipada do jardim admiravel, que viria, depois, crear, aos toques magicos do seu talento, riquezas impereciveis, pequeninos mundos, espheras irisadas, rondando em volta da arte immortal, que o deteve e o inflectiu brandamente para um centro de cultura onde poudes realizar o seu brilhante apostolado nas letras. E eis-o, meus senhores, entre nós, a traçar pela penna e pela voz, pela imprensa e pela palavra, essa parabola coruscante, onde ha côres tremulas de auroras, roseirae em flôr e cantos nostalgicos de patativa, enquanto, sob a amarga ironia das nossas noites profundamente escuras e profundamente constelladas, as seringueiras desencantadas hoje dormem e sonham ui-vando no gemido do vento selvagem.

Sr. Academico:

Dir-se-ia perfeitamente exacto, em seus lineamentos metaphysicos, o pensamento hegeliano, ao fixarmos, nos seus traços contradictorios, no seu claro-escuro, a perspectiva da poltrona que hoje vindes occupar, pois, contrapondo-se á vivacidade da vossa vida crepitante de prazer, numa das suas expressões mais felizes, como acabastes de affirmar, surge a sombra lacrimosa a qual succedeis. Realmente, a antithese choca e o espirito annuvia-se. Através da exaltação de uma justissima alegria e de um entusiasmo transbordante, como accusastes, descobre-se, no fundo da paisagem ensolarada, a visão do amigo extincto emergindo da florescencia, cada vez maior, da nossa saudade.

Emquanto declamaes versos, como que despetales rosas, subindo, em volutas macias, o incenso do sonho que se abre em franjas multicôres, colhendo, em suas dobras, o phantasma do companheiro.

Extremadas as idéas de vida e de morte á primeira vista, entanto subitamente, ellas se fundem numa synthese confortadora e radiosa. E' simplesmente apparen-

te a opposição. O que fallaes para o nosso encanto flue do vosso sentimento, é essencia rescendente, é luz immortal que prescinde da materia para viver, florescer e dominar, como, outr'ora, dessa mesma poltrona que honraes, João Cunha dominava e seduzia. Ambos vós, qual de sua vez, para aqui viestes trazidos pela mesma força divina do pensamento que transcende as antitheses, na unidade e na harmonia, velada pela cortina transitoria da carne.

Realizastes suavemente a arte que desborda crystallina dos vossos nobres sentimentos instinctivos. Daqui partistes. E transposta a matinada academica, na gloriosa Bahia, terminando o lustro com gabos de todos os que seguiram o evoluer do vosso curso juridico, regressastes aos vossos pagos jamais esquecidos ou mesmo attenuada a sua imagem na distancia que vos separava daqui, como se este chão nosso se prolongasse numa chamma tellurica, illuminando o coração do filho ausente. E de volta, devolvido o joven, conquistastes logo o posto que mereceis.

Efeito, porventura, de uma diathese, que pertenceis a uma familia de verdadeiros talentos que esmaltam de luz voltaica, marcando-lhe os altos picos, a orographia da intellectualidade mattogrosense, a vossa conducta, quer na magistratura, na qual ninguem vos ultrapassou na impessoalidade com que decidis, como na das bellas letras, obedece o mesmo rithmo, um mesmo anseio de perfeição cada vez maior.

Em face da abundante e valiosa producção litteraria com que nos tendes deliciado, principalmente na imprensa, não hesito em filiar-vos entre os que professam o humorismo entre nós. Outras fossem as condições culturaes do meio e, sr. academico Amarilio Novis, essa palpação, triste e brilhante ao mesmo tempo, resultante da intelligencia e da sensibilidade aprimoradas, ter-se-ia manifestado de modo ainda mais pujante, tão cla-

ro e pronunciado é esse penhor raríssimo do vosso espirito.

Faltar-vos-ia, talvez, pequena sombra para realçar mais o quadro em que se revela o humourismo: esse estado especial da alma soffredora do *humour*, tarja crepuscular descendo, melancolica, sobre a névoa das montanhas. Realmente. Consistindo a missão do humourismo na analyse das obras, para deixar, á flôr da pelle, o ridiculo, donde brote o jorro fecundo do riso intelligente, acontece que, no exercicio dessa vingança superior, trachada á ponta de diamante, á força do contacto permanente com os defeitos multiformes do homem, resulta uma reacção dolorosa, senão um pessimismo atróz, de desenganos successivos.

Entretanto o vosso temperamento é de uma jovialidade sem par! Praia de areias de ouro batida de sol jocundo, céu varrido de nuvens em que grita, bimbalha em festas, a alma da alegria. Sois como uma clara manhã de primavera.

“Mai, le mois d’amour, mai rose et rayonnant,

Mai, dont la robe vert est chaque jour plus ample.

Assim sois vós; pelo menos o cremos sejaes, salvo nessas canções de luz que irradiaes se sublimam misteriosas melancolias, amarguras transformadas que encham de lavas comburentes a vossa alma.

Mas, não é possível.

O humorismo, por outro lado, não deve ser mercadoria de importação, como o pinho de Riga e o cimento Portland.

Não é possível haja uma fórmula irreductivel para o humorismo. Filiado ao sentimento, como manifestação da arte, forçoso é que elle varie. Assim como nas plagas luzitanas, as tricanas languidas se quebram ao som gemente das guitarras no fado brejeiro, aqui, nas tardes das nossas aldeias, ao pranto do violão amigo, a



modinha sertaneja sobe, como um osculo, no ar de veludo das noites de luar.

Ao em vez, portanto, deste humourismo typo Heine ou typo Sterne, labaredas dilacerantes que queimam, do berço ao tumulo, e se transformam em risos dolorosos, enquanto, na garganta, rebentam os soluços, muito melhor será a liberdade de cada terra escolher o seu humourismo, como possui o seu sol e seu luar.

Não temos, ainda, esse padrão de humourismo, irmão gêmeo do scepticismo, é verdade. Para o dogmatismo literario d'alem mar, o sentido do humourismo official está num requinte de sensibilidade que, digamos de passagem, ainda não possuímos.

No Brazil, talvez mesmo em Portugal, taes affirmações são rarissimas. valendo destacar-se o nome rutilo de Machado de Assis entre nós, influenciado por Sterne, e, em Portugal, mais esmaecidos, Eça e Camillo, aquelle "um francez nascido em Portugal" e este mais affeçoado á chalaça contundente do que á suavidade elegante da ironia.

Vou ler, meus srs, do academico Amarilio Novis, escolhida ao acaso, de innumeradas "Folhas ao Vento", alguns trechos, sempre elaborados ás pressas, enquanto o typografo impaciente espera a collaboração litteraria. O collaborador escreve sobre a perna, galopando o lapis no papel, á maneira das exigencias dos hospedes que o hoteleiro cumpre *à la minuta*.

Folhas ao vento

Em tempos que já vão longe, uma das minhas visitas mais frequentes, aos domingos, era a chacara do Ramiro, ali onde hoje a Escola dos Aprendizes Artifices, sem estrepido nem matizada, realisa devotadamente a obra altissima a que foi destinada.

A esse tempo, a chacara era um mimo do mais refinado bom gosto. Fructas e flôres obtinham-se das mais raras especies naquella magnifica vivenda.

E, sobrepairando nesse ambiente pitoresco de sombras e perfumes, a fidalguia do casal Ramiro, o espirito scintilante do velho companheiro, causeur admiravel, geralmente festejado.

Encarregado do pomar era, então o Athanazio, preto, alto, dedicado, respeitador como a maioria dos servicaes daquella epocha.

De uma feita o Ramiro me preparou um sortimento de fructas escolhidas, e, ao envés de, como de costume, entregar ao Athanazio o cesto precioso para que m'o levasse, me disse:

— As suas fructas irão á tarde. O preto foi esta noite ao velorio de um compadre e deve estar a dormir.

Nisto passava o camarada na faina costumeira.

— Chamou-o Ramiro:

— Vem cá Athanazio.

Não me disseste hontem que ias a um velorio?

E o preto, rodando o chapéo nas mãos:

Disse, nhor sim. Mas não tinha cachaça lá, voltei.

— É a consideração ao defuncto?

Respondeu-lhe o Athanazio, dando para o lado uma cusparada de fumo mascado:

— Velorio sem pinga... gente nem não sinte...

As festas do Divino que estão se realizando no corrente anno me fizeram lembrar do preto Athanazio: Sem almoço na «casa da festa»... a gente até perde a fé...

Amarillo Novis surge-nos, agora, paizagista, procurando surprehender nos quadros da natureza os quadros da vida humana. Tintas leves, contornos e sombras, debuxando-se sob a nevoa de uma melancolia que a Palheta distribue com sobriedade e arte:

A MULATEIRA

A ventania que hontem desabou sobre a cidade lançou por terra uma linda "mulateira" que havia no quintal vizinho, aos fundos de minha casa.

A "mulateira" é uma arvore de élite, digna de figurar nos parques aristocraticos. De troncos e galhos amarellos como feito de cêra, ostenta uma fronde de magnifica verdura, que é o encanto do passaredo.

Aquella que hontem baqueou era tambem como a arvore da canção da "casa de caboclo": pela manhã — que belleza! — era "assim de sabiá"...

Ultimamente, então, remoçada pelas primeiras chuvas, a bella arvore parecia ser o pouso predilecto dos passaros todos da cidade.

Gostava de vê-la, da minha rêde de estudos, atravez de uma janella, feliz e soberba n'aquella orquestração maravilhosa, admiravel de gorgeios.

A despeito de todo o seu vigor, a bella "mulateira" foi victima da ventania furibunda de hontem. Tombou, mas tombou com grande estrepito, que nem os gritos da tempestade puderam suffocar.

Passada a tormenta, vi-a estendida ao solo, immensa, gigantesca, enquanto se aprestavam, ao lado, os funeraes por machado impiedosos.

Entraram de mutilal-a. Ouvi com arrepio de dó ás pancadas ríhmadadas que lhe rasgavam o cerne rescendente.

Mas o meu prazer deveras se avultou, quando buscando da minha rêde, a galharada sorridente e festiva da linda "mulateira", apenas vi o espaço branco e inexpressivo de um vasio doloroso.

Nem pipilo de ave, nem zigzag de azas ageis,

A nesga da janella que me reflectia a vida, n'uma expressão encantadoramente poetica, debuxa hoje, na immutabilidade de um rectangulo de infinito, o vacuo torturante que succede á morte.

Contemplemo-lo, agora, num traço marcante de agudez psicologica.

O CASCUDO

Ha na casa onde móro, um grande deposito de cimento para agua, com capacidade presumivel de 1200 litros.

Julgei de bom aviso nelle fazer lançar alguns peixinhos para combate ás larvas de mosquitos. Dei essa incumbencia, em dia da ultima semana, a um moleque da visinhança que, ao cabo de duas horas, voltava trazendo apenas, n'uma cuia, um "cascudo", lastimando, com justa razão, a inefficacia da rêde de "S. Caetano", já incompativel com a sabedoria dos peixes desta segunda Republica.

Que diabo! Um peixinho só e ainda por cima um trem daquelle, feio, mal acabado, asqueroso... E agora? pensei.



Mas o moleque interferiu a favor do "cascudo". Convenceu-me de que, a despeito de sua hediondez, o "cascudinho", além de perfeitamente corresponder ao fim por mim visado, tinha sobre os outros peixes, um merito notavel: comia o limo do tanque.

Não houve hesitar. Da cuia onde veio, asphixiante, saltou o peixinho livre, feliz e contente para a agua do deposito, como um pé que do sapato apertado achasse a gostosura do chinello velho.

Quando nesse dia chegaram do collegio as minhas filhinhas, uma de sete e outra de oito annos, correram alvoroçadas, curiosas a vêr o peixe horrendo do deposito.

Acompanhei-as a gozar o espanto, a admiração que, certo, teriam em face do monstrengo. O espanto, porém, foi meu ao vêr que as meninas longe de o acharem horroroso, admiravam-lhe a graça, a brejeirice, no corre-corre pelo deposito, como que a querer de prompto se familiarisar com as suas novas installações. E até eu mesmo não achei, então, o peixinho tão feio, satisfeito e ligeiro como se mostrava elle no fundo d'agua.

Hontem o deposito entrou em fachina.

E quando, exgottada a agua, lá surgiu, na plenitude da sua fealdade, o repellente "cascudo" as meninas o não reconheceram. Coberto de lama, era nauseante. E, visto de perto, fóra d'agua, todos os defeitos do pobre "cascudo" foram postos a nú; era desgracioso, aspero, papudinho, e até uma das meninas achou que elle mais parecia cigarra do que peixe.

Nem só a agua realiza o milagre das falsas apparencias. A posição social e o dinheiro tambem costumam, por vezes, apresentar authenticos "cascudos" da especie humana como verdadeiras maravilhas d'as creação.

Se lhes foge, porém, a maré da sorte, e são lançados á valla commum do ostracismo ou da pobreza, não

ha defeito, nem mazella que se lhes não descubram...

Registemos uma particularidade. Amarilio Novis tem o condão, graças ás plasticidade do estylo encantador, quando compõe os seus topicos, redige as suas anedotas mettendo a bulha os homens, de tornar presente, multiplo e variado, satisfazendo todos os planos da hierarchia mental, desde o modesto representante da plebe até ao mais alto indice cultural. Analysa com argucia de flente de accentuado potencial amplificador, descobrindo, sob o disfarce das tatuagens, as maculas para os seus motejos, dissociando, com assombrosa facilidade, os elementos que empanam a perspectiva da visão, de modo que o comico salta, nú, aos olhos. E fustiga, mas fustiga como as abelhas que queimam porém deixam na ferida a delicia do mel, essa rosa magnifica do riso, sem nunca, entretanto, attingir á ferocidade de outras terras.

Essa amplitude na capacidade de analyse não se reduz quando se transforma na capacidade de soffrer a acção dos estimulos que fallam directamente aos sagrados dominios da poesia. Assim como sabe decifrar nas escalas sociaes os vicios que afeiam, sabe, sentir, quando, nas linhas da carne martyrizadas lampejam os signos do soffrimento. Eleva, assim, a missão do artista. O cilicio espiritualiza, florescendo na bondade e na indulgencia. Bastaria a seducção dessa these dolorida que descrevestes no "Lazaro", para, Sr. Amarilio Novis, se desvendar a formosura christã da vossa conformação moral. No transporte glorificador desse Calvario que cantaes, em que se despedaçam carnes, e irrompe a rubra floração das chagas, revelaes uma nova luz no sacerdocio do verdadeiro artista.

- Não mais podendo andar, em chaga viva, os pés,

O triste viajor, por horas bem cruéis,

Se vê na estrada só, sem nada de esperança

De um dia mais viver. Eis, quando, uma criança

De um sitio ali bem perto, a faina do campeio
De bois para o serviço, ao pobre, sem receio,
Dirige-se 'tranquillo e com a ternura indaga:
—Que tens, meu pobre velho? Que damninha praga
Te dá tão feio aspecto e a carne te consome?
Que dôr te mortifica? Acaso tu tens fome?
Ou fez-te mal alguém? Confia, amigo, em mim,
Que irei chamar meu pae p'ra te vingar do ruim
Que te não respeitou, miserrimo, a esmolar.
A voz desse petiz fez lázaro chorar,
E já, de peito oppresso, a fala entrecortada,
De quem, a um passo, sente a morte já chegada,
Apenas balbucia: Oh! Deus, eu vos supplico
Que o humano coração, Senhor, torneis tão rico
Como desta criança que a bondade immensa
Do pae celestial poz na minha presença
No instante derradeiro de um martyrio atrôz.
No horror do desenlace, o pastorzinho, a sós,
Desata do pescoço a sua medalhinha,
E pondo-a á mão do morto, á Santa Terezinha,
Rogou que ella o levasse aos pés do Bom Jesus,
Onde, então, deporá a sua immensa cruz . . .

Essa exteriorização de vossa fidalga personalidade interior mais vos eleva, sobrepondo o poeta ao humorista. Na vós dessa criança, ha, tambem, uma ironia subtil e delicada.

Prosador e poeta, forjou o vosso talento as columnas de ouro que, neste momento, se erguem á entrada desta academia, apoiando o arco do vosso triumpho. Sêde benvindo.



"Buriti solteiro"

D. Aquino Corrêa



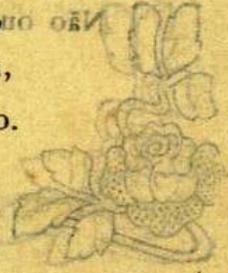
Nos chapadões em flôr, onde o alto S. Lourenço,
Atravessava outrôra um sertão bruto e immenso,
O "buriti solteiro" erguêra a fronde ao sol
Erecto, solitario, em meioda planura,
Respirava, no azul, a atmospherã mais pura,
Fitando sempre o céu, de arrebol a arrebol.

O fuste rectilíneo e esbelto se apumava,
Sobre aquelle esplendor dá natureza brava,
Como um traço de união, ligando a terra ao céu,
E das palmas abria ao vento a ampla grinalda,
Qual se fôra cocar massiço de esmeralda,
Que um gigante ostentasse á guiza de trophéu.

Quando o Padre Siquidita avistou a tua haste,
De todo o valle, a flux, num grande lausperenne,
Nuna como oblação liturgica e solenne,
Subia á elle a vida ardente do sertão,



Os aromas da flora a fremer, fibra a fibra,
E toda essa harmonia universal, que vibra,
E canta em cada sêr, aos éstos da criação.





E elle, no alto, á feição dum bardo santo e calmo,
Fundindo essa poesia infinita num psalmo
Mais grandioso que a voz de todos os orpheus,
Cantava sem cessar, na solidão bravia,
E as folhas a tremer, dedilhar parecia
Uma invisível harpa etherea, ao pé de Deus!



Mas um dia o feriu, em plena frente, o raio,
E o buriti morreu! Houve um longo desmaio,
Desde as flôres da serra até o fundo paul.
Morreu!... porém o caule erguido, sobranceiro,
Immoto, indiferente aos raios e ao pampeiro,
Lá ficou apontando a immensidade azul!

Salve, augusta palmeira, ó buriti sagrado!
Testemunha talvez desse longo passado,
Que vae desde a prehistoria ignota dos brasis,
Até Luiz de Albuquerque, até D. Luiz de Castro,
Que passaram por ti, num luminoso rastro
De civilização promissora e feliz!

De jubilo, por certo, os leques agitaste,
Quando o Padre Siqueira avistou a tua haste,
E sorriu-te, ao volyer, saudoso, de além-mar;
E quanto não folgaste ahí de têres visto
Galgarem-te o planalto as bandeiras de Christo,
Não ouro a descobrir, mas almas a salvar!



Hoje me quedo a olhar teu estipite morto,
Bem como um peregrino, a remirar, absorto,
Os tumulos do areal deserto de Gizé:
E cuido que tu foste algum pallido asceta,
Que passaste sonhando os teus sonhos de poeta,
Num extase de amor, de esperança e de fé!

Quem me déra viver, tal como tu viveste,
Contemprar sempre a luz dessa amplidão celeste,
Mas sempre a palpitar com a planície e com o val;
Solitario com Deus, solidario com a terra,
Sentir todo esse amor, que nas coisas se encerra,
Para eleva-lo ao céu, num canto universal!

E quando a morte houver os meus dias desfeito,
Quem déra aqui deixar algum heroico feito,
Algum verbo de luz, que não morra jamais,
Algum gesto sequer, que perdure no mundo,
Como o teu velho tronco, extinto, mas fecundo,
Apontando inda o azul dos mais bellos ideaes!



Por Matto Grosso Unido

JOSÉ DE MESQUITA

Desde quando, através de perigos sem nome,
o indio, a féra, a soidão, o frio, a peste, a fome,
varando a selva obscura, e a serra, e o pantanal,
o rude bandeirante, indomito e bravo,
veio, em suas monções, subindo rio a rio,
ter ao teu coração, minha Terra Natal,

desde a era distante em que o fascínio do ouro,
ou a prêa do indio fez descobrir-te o thesouro,
no verde seio ignoto e lindo do Brasil,
foste uma terra só, irmanada na gloria
como nas provações, na lucta ou na victoria,
Matto Grosso formoso, edenico e gentil.

Os teus lindes, de norte a sul, do orto ao occidente,
traçou-os, com mão ferrea, a nossa antiga gente,
em combates crueis e em lances geniaes,
desde Luis de Albuquerque, o grande, aos aguerridos
campeadores do sul que, entrenuos, destemidos,
souberam repellar o alienigena audaz.

Com sangue, não com fatuo e estulto palavreio,
é que um Antonio João, de quinze homens ao meio,
disputou a fronteira ao intrepido invasor.

De Coimbra a Corumbá ainda freme e resôa
o esto heroico do prelio e ainda o canhão rebôa
para integra manter a nossa terra em flôr!

Como agora pensar siquer por um momento,
a não ser em fugaz, breve desvairamento,
em desfazer assim um trabalho de heroes?
Quebrar essa unidade a tanto custo obtida
seria renegar toda a passada vida
e em noite atra afundar tão claros arrebóes...

Quem se atreve a altear o facho dessa luta?
Que voz essa que alem, isolada, se escuta,
a tentar dividir o que unido nasceu?
Parricidio hediondo e crime horripilante
fôra esse de fazer de um immenso gigante,
sem cabeça: um anão, sem corpo: um pigmeu.

Não! certo que esse atroz e iniquo pesadelo
em que, na noite mã de trevas e de gelo,
vemos surgir tão negro e lugubre avejão,
não passa de um phantasma e ha de esvair-se em breve,
mal a aurora clarear da sua tinta leve
do horizonte da Patria a intermina amplidão!

Separar? Nunca! O nosso ideal é, justamente,
cada vez mais fundir num abraço fremente,
numa união estreita, amiga, fraternal,

do paralelo oito ao Guayra, que se espraia,
do caudal Guaporé ao placido Aragnaya,
todo esse Matto Grosso immenso e sem igual!

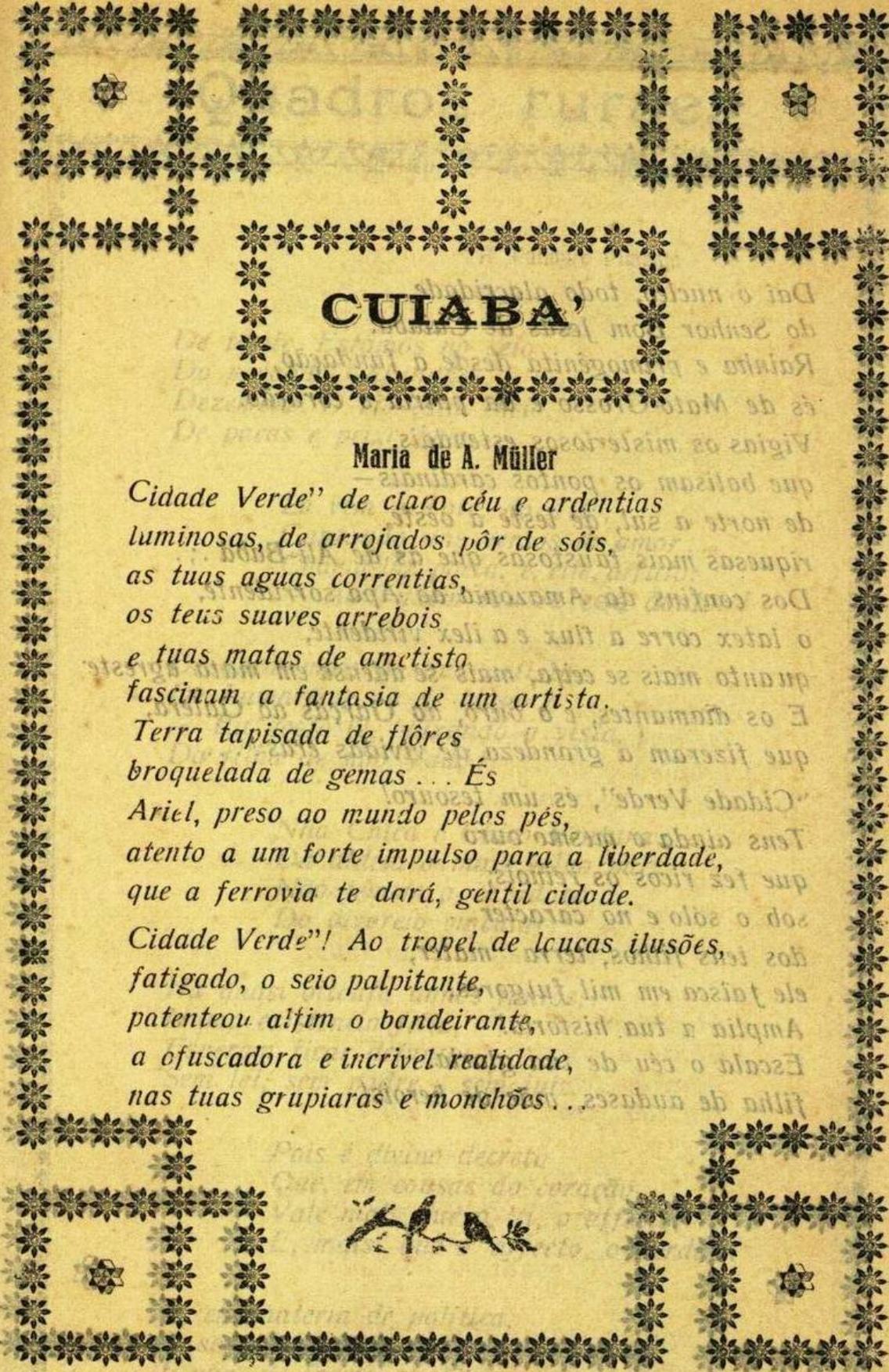
Dous seculos de união e trabalho incessante
não pódem se esboroar ao primeiro rompante
de um phantasma que, emfim, não passa de illusão.
O Norte e o Sul não são dois oppostos extremos.
São parcellas de um todo integro que devemos,
qual nos veio, legar á nova geração.

Si o Norte é o coração onde vive e palpita
a Historia do que foi e a tradição invicta,
o Sul deve de ser o braço forte e audaz.
No rythmo da vida, as partes do organismo,
se ajustam, num perfeito e inteiro synchronismo,
no proficuo labor e na serena paz.

Eia, irmãos, nosso anheilo é um só, o do progresso
desta gleba sem par que o ancestral indefesso
nos herdou para nós passarmos ao Porvir.

Por Matto Grosso unido! é o grito que ora echôa
por toda a immensidão da terra linda e boa,
que Deus nos deu unida e querem dividir!

Por Matto Grosso unido, ou na vida ou na morte,
para que, cada vez mais altivo e mais forte,
possa, crescendo mais, no anseio varonil,
conquistar, dia a dia, a passos de gigante,
seu logar, na vanguarda heroica e fulgurante:
— por Matto Grosso unido e por um só Brasil!

A decorative border of small, repeating floral motifs surrounds the text. The border is composed of a central rectangular frame with four corner pieces, each containing a larger, stylized floral design.

CUIABA'

Maria de A. Müller

*Cidade Verde'' de claro céu e ardentias
luminosas, de arrojados pôr de sóis,
as tuas águas correntias,
os teus suaves arrebois
e tuas matas de ametista
fascinam a fantasia de um artista.*

*Terra tapizada de flôres
broquelada de gemas . . . És
Ariel, preso ao mundo pelos pés,
atento a um forte impulso para a liberdade,
que a ferrovia te dará, gentil cidade.*

*Cidade Verde''! Ao tropel de lucas ilusões,
fatigado, o seio palpitante,
patenteou alfim o bandeirante,
a ofuscadora e incrível realidade,
nas tuas grupiaras e monchões.*



*Dai o nucleo, todo alacridade,
do Senhor Bom Jesus de Cuiaba.
Rainha e primogênita desde a fundação,
és de Mato-Grosso e da patria o coração.
Vigias os misteriosos estendais,
que balisam os pontos cardinais—
de norte a sul, de leste a oeste,
riquezas mais faustosas que as de Ali-Babá .;. .
Dos confins da Amazonia ao Apa sorridente,
o latex corre a flux e a illex viridente,
quanto mais se ceifa, mais se adensa em mata agreste
E os diamantes, e o ouro, do Garças ao Galera,
que fizeram a grandeza de vividas éras!...
“Cidade Verde”, és um tesouro!
Tens ainda o mesmo ouro
que fez ricos os reinos;
sob o sólo e no caracter
dos teus filhos, terra mater,
ele jaisca em mil fulgores.
Amplia a tua historia!
Escala o céu de tua gloria.
filha de audases, mãe de herois!*

Quadros ruraes

A Palmyro Pimenta

*De tarde. Estamos no seio
Do povoado Cafundão.
Dezembro. O rio está cheio
De pacas e peixe bom.*

*Lá vem o Tote, do Tito,
Cantando uns versos de amor...
Chamo-lhe poeta, e, elle, afflito:
— Ah! quem sou eu seu doutor!*

*De quem mais gostas, artista,
De Lamartine ou de Hugo?
— Eu gosto (e, baixando o vista,
Da filha de nhó Vadô!*

*Nha Chica e Chico Ventura,
Da aldeia o mais velho par,
Não temem a catadura
Do divorcio vincular.*

*Ha quasi oitenta annes juntos,
Numa existencia feliz,
Esperam ficar defuntos
Sem lei, sem padre e sem juiz.*

*Pois é divino decreto
Que, em cousas do coração,
Vale mais que a lei, o affecto,
E, mais que o affecto, o perdão!*

*E, em materia de politica,
O sertanejo é um canario...
E vae, de forma analitica,
Ao poder descriconario.*

*E, um jutro, a teoria externa...
E, com logica e calor,
Defende a forma moderna
De governo—interventor...*

*Na roça, os bandos dispersos
Cantam uns cantos de Jób
Fonte, por certo, dos versos
De Antonio Nobre, do Só!*

*E uma jovem, junto ao arado
De grandes olhos dolentes,
Deixa um sorriso estampado
No esmalte branco dos dentes.*

*Mas eis que a jovem da roça,
De apparencia ingenua e esquiva,
Empina o busto, é outra moça,
Nessa postura lasciva.*

*E o aspecto muda e o sorriso...
E, á luz do sol meridiano,
A these aceito e analizo
Do recalque Freudiano.*

*Meio dia, sol a pino!
Canta a cigarra o calor!
Abençoa teu destino
Na tua gleba, ó lavrador!*

*E de noite, na familia,
Vê tua gloria sem par,
Não conheces a vigilia...
És santo no teu solar!*

*Levantar cedo a alma pede
E, por biblico maná,
Beber, ao pular da rede,
Um copo de guaraná.*

E, de cocaras, fumando
Um fumo cheiroso e bom,
Passar tres horas mapeando,
Sem mudar de posição!

E, depois, hora do almoço,
O sabão e a toalha apanho,
O amor é a pinga do moço,
E a minha pinga é um bom banho.

E escorre o rio cantando...
Ó rio quem não te estima?
E fico á tonu boiando,
E de papo para cima...

E são, assim, sem alarde,
Todas as cousas ruraes.
Cuidar da roça, e, de tarde,
Ir cuidar dos animaes!

Rede e cigarro de palha!..
E, de bôcô desatado,
Sentir o bem que não falha,
Num campo cheio de gado.

E os pulmões cheios de ar puro,
Cometto até desatino:
Á voz das aves misturo
A voz de um poema latino!

E, vencida a gleba dura,
Com as mesmas asperas mãos
Folhear, com doce ternura,
Frei Luiz de Souza e Camões!

E, depois, cousa estranhavel,
Só mesmo cousa de artista!
Pego outro livro adoravel
De acre sabor quinhentista.

*E cousas dispáres ponho
Num plano, n'uma só parte:
Que tanto é capaz o sonho
De quanto é capaz a arte!*

*Passa um riacho alli perto
Aonde os bois vão beber...
Óh tardos bois, vós, por certo,
É que sabeis bem viver!*

*Nos vossos olhos ungidós
Quantas vizões não tereis!
Ha mais alma nos ungidós
Do que nas vozes dos reis!*

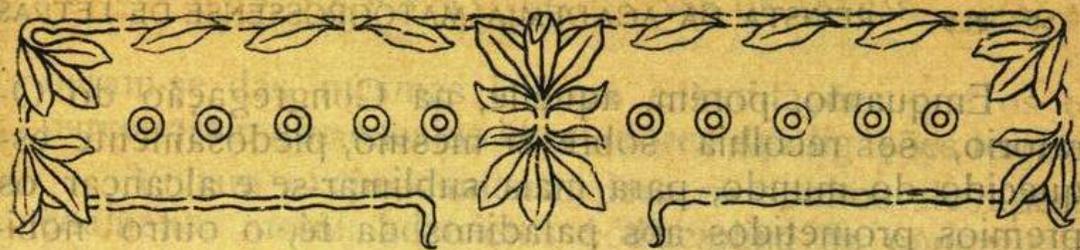
*Amo a cigarra estridente
Glorificando o verão;
E amo mais o olhar dolente
Do boi nostálgico e bom.*

*Bois humanos e tardonhos
Que bons companheiros sois!
Eu leio um poema de sonhos
Na solidude dos bois.*

*E, perto dos velhos bois,
Ao ver a tarde cahir,
Fumar cigarro, e, depois,
Deitar na rede e dormir!*

ALLYRIO DE FIGUEIREDO





Um jubileu Sacerdotal

D. Corrêa Filho

No prefaciár o volume da *Livraria Classica*, no qual foram compendiados os melhores trechos de Bernardes para traze-los de novo a circulação, como ouro de lei expurgados da ganga, brilhante, mas sem valia, das dissertações dictadas pelo gosto em moda, e bruxarias incríveis, que lhe recheiam a obra afamada, não se pode furtar Castilho (A. F.), á tentação de confrontal-o com Vieira, cujo renome tambem se originou do claustro, onde ambos professaram.

Emquanto, porém, aquelle, na Congregação do O-
ratorio, se recolhia sobre si mesmo, piedosamente es-
quecido do mundo, para mais sublimar-se e alcançar os
premios prometidos aos paladinos da fé, o outro nobi-
litava a roupeta do jesuita, que levou a toda a parte,
onde fosse necessaria, para a defesa de suas doutrinas,
uma intelligencia esclarecida e sagaz, servida por talento
verbal inegualavel.

Cruzados da mesma causa, e educados para sus-
tental-a pela palavra, que manejavam com dextresa e
graça fóra do commum, divergiam sobremaneira nas suas
relações com o ambiente social.

“Sente-se, accentuou a proposito o suave purista ex-
traviado no seculo XIX, que Vieira, ainda falando do
ceo, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda
falando das criaturas, estava absorto no Criador.

Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a Côrte,
para o mundo, e, Bernardes, para a cella, para si, para
o seu coração. Em Vieira morava o genio; em Bernar-
des o amor, que, em sendo verdadeiro, é tambem genio”.

A antithese do estylista mavioso com o orador, ain-
da hoje admirado pelas suas ousadias de eloquencia, e
força rara de expressão, salteou-nos a memoria, por oc-
casião da leitura de *Uma flor do Clero Cuiabano*, em
que surgem, irmanados pelos mesmos ideaes religiosos,
o seu autor, D. Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, e
o biographado, Padre Armindo Maria de Oliveira.

Exteriormente uniformisados pela batina salesiana,
que receberam no dia de S. José, após os mezes indis-
pensaveis de noviciado, que os aproximou um do outro
quando o século apenas principiara, a diversidade irre-
primivel de temperamento iria cedo manifestar-se, apon-
tando a cada qual o seu destino.

Ali, naquelle recanto bucolico, porém, ás margens
do lendario Coxipó, cujas aguas rumberas pareciam
recordar canções epicas das monções bandeirantes, embe-

beram-se das mesmas leituras e meditações, que os emparceiraram nos ensaios libertadores das ligações terrenas.

Viviam exclusivamente para os sonhos de aperfeiçoamento moral, adstrictos á disciplina da congregação escolhida. E, particularidade curiosa, quem menos inclinado devera ser á vida religiosa, por pendores ancestraes, mais fervoroso e resolutos se mostraria em abraçal-a.

A biographia salienta a perseverança com que o joven Armindo arrostou as negativas oppostas ás suas preferencias pela familia, que mais de uma vez, iria buscá-lo ao "Oratorio" dos novicos, para o demover do caminho malvisto.

Ao revez, o seu collega em nenhuma opposição esbarraria. Acompanhou-o, na retirada do mundo que lhe acenava com triumphos rutilantes, a benção paterna, dada pelo piedoso varão, de quem os Salesianos obtiveram tres militantes para as fileiras, um futuro antistete e duas irmãs de caridade.

Seria natural que mais fundamente se patenteasse arraigada e firme a devoção de quem estaria obedecendo aos influxos de seus ascendentes no seguir o sacerdocio tão do agrado do ancião, que pautava a sua vida pelos preceitos mais rigorosos da religião, do que do contradictor dos votos ardorosos dos seus progenitores tendentes a afastal-o dos altares.

Encantados pelas promessas de futura bemaventurança, emularam-se no cumprimento das prescrições fundamentaes da comunidade salesiana, em que se iniciaram, quando a mocidade lhes estuava nos enthusiasmos de facil deflagração, ao mais simples pretexto.

O ambiente sedativo da chacara ribeirinha, cujo arvoredos, em que predominavam mangueiras imponentes, debruçadas sobre a correnteza, robusteceu-lhes os pendores vocacionaes, provocados e desenvolvidos pelos estudos, a que se entregaram.

Em vez do pantheismo, que seria consequencia logica da existencia no refugio bucolico, fóra do convívio humano cujas expressões lhes chegavam enaltecidas pela poesia dos que, outrora ou modernamente, se lhe embeberam do sentimento, ao menos como fonte inspiradora, abrazaram-se no culto methodizado por D. Bosco.

É mais fervorosamente, o fugitivo do lar paterno, que poz de manifesto vocação insopitavel, desde os primeiros esforços para evitar as tentações modificadoras de sua trajectoria modesta, que ora vem a luz, traçada pelo seu maior amigo e confidente dos primeiros tempos de vida religiosa, quando lograra triumphar dos obstaculos oppostos á sua iniciação.

Fiel aos votos de simplicidade e devoção, que no intimo fizera, apagou-se na fila dos collegas, ao lado dos quaes se collocaria de bom grado em ultimo lugar, se as determinações dos superiores não lhe indicassem outro posto de maiores trabalhos.

Temperamento mystico, alimentava condições próprias á expansão de suas tendencias, que o extremavam entre os noviços, pela humildade de suas attitudes, sempre adstrictas á obediencia, pela simplicidade de seus pensamentos, como se pretendesse conservar-se ingenuo feito criança, pela suavidade ininterrupta de suas maneiras, refractarias ás interpestivas provocações.

“A simplicidade rescendia em todo o seu habito exterior,» depõe o preclaro biographo, desde o vestir muito commum e despretençioso, desde os cabellos aparados sempre á escovinha, até a modestia religiosa, que lhe vedava o coração numa especie desse “jardim fechado”, que se lê no mesmo poema biblico.”

E por ser assim, não se apressou em grangear promoções, que julgava acima de suas aptidões.

Contentava-se com o que era, religioso decidido a seguir á risca os ensinamentos do fundador de sua ordem. Pouco lhe importaria o posto, que lhe tocasse, uma vez pudesse ali dedicar-se ao proprio aperfeiçoamento moral, pela pratica de virtudes, a que se consagrava espontaneamente, movido por impulsos incontidos.

Por obediencia, seria capaz de imitar o gesto do dedicado apostolo,, que mandado por Nobrega, rolar por ingreme encosta, não titubeou, deitou-se ao solo, e feito insensível fardo, consentiu que lhe imprimissem a velocidade inicial, continuada por effeito do proprio declive, até que o superior lhe dêsse voz de parada, por julgar sufficiente a demonstração.

Assim tambem faria o Padre Armindo, caso quizessem submettel-o a tal prova, como procederam de outros modos, fosse por imposições de serviços, ou de proposito, para lhe experimentarem o limite da tolerancia.

A mais curiosa gravou-se-lhe na fé de officio, simples e desprerenciosa, como a sua propria vida.

Ingressando na irmandade, aos 20 annos, em 1902, foi-lhe imposto o habito no anno seguinte. Noviço até 1905, começa então a sua actividade no "Collegio Salesiano", que lhe não proporcionaria vagares para se adiantar no estudo da Theologia.

Os votos perpetuos, que professou, em 1909, a Tonsura e Ordens Menores, com que se enalteceu, tres annos após, diminutamente contribuiriam para o engrandecer na carreira sacerdotal, que se desenvolvia roncemente, como difficultada pela resistencia do meio.

Entretanto, "nenhum de nós, assegura o melhor conhecedor de suas qualidades peregrinas, tinha tido vocação tão decidida, tão dramatica e tão edificante como a sua, nem correspondera melhor aos encargos da vida religiosa".

Afinal, ao findar Dezembro de 1916, conseguiu ingressar na ordem do presbyterato, em que o iniciou o seu dilecto amigo que lhe esboçaria a biographia singela.

A cerimonia da sagração em que se encontraram os dois noviços de tres lustros antes, um para se ordenar em sacerdote e outro, como bispo, que a dirigiria, accentuou o contraste das duas individualidades, que lembra o escripto de Castilho.

Emquanto o gago humilde caminhava sem pressa, contente com a só esperanza de poder algum dia alistar-se entre os "ungidos do Senhor", o seu collega rapidamente subia em cargos e honrarias, maravilhando a assistencia.

Após a travessia que os separou pelo Atlantico, frequentou a Universidade Gregoriana de Roma, onde se doutorou, tornando-se conhecido pela intelligencia primorosa e irradiante sympathia.

Ordenado em 1909, era em curto prazo, o bispo mais moço da época, depois de dirigir o mesmo collegio onde se iniciara.

Poeta e orador de altos recursos, não perdeu o contacto com o mundo, que lhe empolgaria a personalidade, quando o requisitou para o governo temporal do Estado, então maferido de lutas mortificantes.

Ao festejar as Bodas de Prata do seu sacerdocio, pode, com ufania, recordar a trajetoria luminosa, que descreveu, a partir daquella madrugada inesquecível de Novembro de 1902, quando se despediu do lar paterno.

Dignidades religiosas, ou leigas, todas se honraram em distinguil-o, laureando-lhe o nome predestinado.

Arcebispo, sempre se distinguuiu nos congressos, em que é solicitada a sua eloquencia de fino quilate para os debates mais serios. Príncipe das letras cuiabanas, no conceito geral, brilha com igual força no Instituto Historico e na Academia de Letras, em cujos gremios o

acolheu a unanimidade dos votantes, sem exceptuar os inimigos declarados do catholicismo.

Em toda parte, onde lhe apparece o vulto insinuante, domina, como triumphador, contendo prevenções injustificaveis.

Humanista dos mais fervorosos no cultivo das boas letras, sabe associar as influencias classicas, aos modismos populares, no meneio da frase, que lhe soa escoreita e precisa, no exprimir pensamentos impregnados de sadio idealismo.

Os sentimentos, em que vibra, épicamente arrebatado pelo patriotismo, ou lyricamente inspirado pela amizade, dictaram-lhe o derradeiro ensaio, no qual á biographia do padre Armindo se misturam passagens de autobiographia, não menos interessantes e emotivas.

Ahi, deixa-se, ingenuamente, surpreender nos primeiros passos da carreira, em que rapidamente culminaria, enquanto o seu parceiro, absorto nas contemplações mysticas, despreoccupadamente continuaria, por longos annos, como simples aspirante á primeira graduação.

É que viveu mais para a religião, egresso do mundo, que o tentou por todos os modos, e não se julgaria digno de alçar-se ás eminencias ecclesiasticas, e muito menos se accommodaria nos cargos profanos que evitaria, como criações satanicas.

Apequenava-se de proposito, vaidoso de ser o minimo dos confrades, embora o desmentissem os seus penhores versejantes, vocações de musicista e facil avanço nos estudos, que empreendesse.

O outro, personificação da eloquencia, irradia de si tamanha sympathia, que difficilmente lograria fugir ás influencias mundanas, que o envolvem, e a que presta a assistencia do seu saber, como outrora Vieira, em conjuncturas analogas.

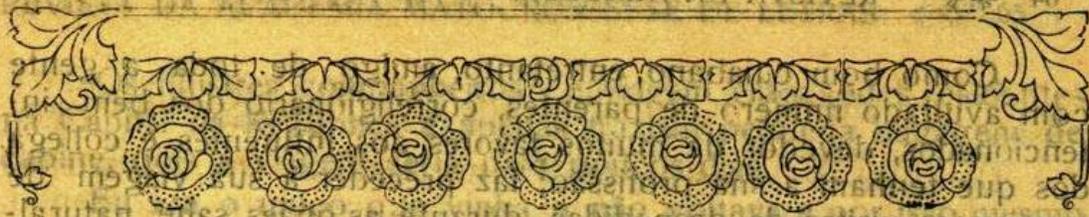
Atenta nas exigencias da Igreja, sem esquecer a

Patria, cujo culto lhe tem inspirado as melhores allocuções.

Aquelle, precocemente sumido, deixou de si um rasto de humildade santificadora, que o aproxima dos varões cannonizados.

Este, ao entrar no segundo quartel de sua vida sacerdotal, é o Arcebispo bem amado, cujas luzes não se confinam entre as paredes da morada conventual, mas se derramam pela sociedade humana, que nelle venera o guia espiritual de virtudes sobranceiras a maior prova causada pela Presidencia do Estado, e orador, a cuja palavra empolgante se rendem os auditorios mais exigentes.





(1) resultados d'isso que devia ser levado a conta de mais gentileza, não se faz esperar a partir annos de agora. — Você visita em occasiões, eu aguardava mesmo um portador seguro e cuidadoso para incumbir o de levar, com a sua bagagem, uma pedreira mala e um embullhosoinho de si. — D. Mariazinha que está morando no Meyer, no Rio de Janeiro, em se-casas avião que achada uma a

Na véspera da partida ia vem a temessa, f'vasto batho desen-gonçado, lodo amarrado e mal fechado, com 105 kilos de peso e um embullhido de castanhas e f'vasto velhas que f'vasto niade do espaço da mala que o pobre vislante devia levar o fat. — Eu tenho ali um relogio de estimação e uma

Encommendas

dicha que pertence a favor de mandar concertar o por um alista, a seu gosto. E um pequeno embullho, não faz volume, mas é um pouco de transporte, a despesa com os concertos, ficam comido, para depois se fixarem concertos que não fazem. — Os encommendados não fazem, ou fazem que não fazem idéas das despesas com os fretes e com os concertos, e do batho que dá, em um grande cidade, a procura das destinadas. — E a entrega dos objectos que se avia-se em se-casas

Entendem que tudo esta bem pertinho e que, d'isso povo, na sua alta sabedoria, provinda, não de maus li-vros ou de professores gananciosos, negligentes e medriocres, mas das lições duras praticas e eloquentes, lidas e esperimentadas no grande livro da existencia, costuma repetir: — Encommenda sem dinheiro fica no Rio de Janeiro.

E assim deve ser.

Um individuo de poucos haveres que, vai aos grandes centros do pais, muitas vezes em busca de melhoras para a saúde precaria, e outra para desprovincial-se, com um banho de civilização, leva naturalmente o seu orçamento muito bem medido e distribuido.

Qualquer despeza imprevista entornará o caldo das suas finanças.

Como bom cuiabano, entretanto, amigo de toda a gente com avultado numero de parentes, correligionario dos bem intencionados, devedor de muitos favores aos influentes e collegados que tenham a sua profissão; faz preceder a sua viagem de numerosas visitas de despedidas, durante as quaes sahe, naturalmente, o offerecimento dos seus limitados prestimos.

O resultado d'isso que devia ser levado a conta de méra gentileza, não se faz esperar.

— "Você viaja em optima occasião; eu aguardava mesmo um portador seguro e cuidadoso para incumbil-o de levar, com a sua bagagem, uma pequena mala e um embrulhosinho destinados a D. Marianinha que está morando no Meyer, no Rio de Janeiro."

Na vespera da partida lá vem a remessa: 1 vasto bahú desengonçado, todo amarrado e mal fechado, com 105 Kilos de peso e um embrulho de cacarécos e roupas velhas que toma metade do espaço da unica mala que o pobre viajante devia levar.

Ou então:— "Eu tenho ahi um relógio de estimação e uma bicha que pertenceu a minha avó e desejo que o amigo me faça o favor de mandar concertal-os por um bom artista, a seu gosto. E' um pequeno embrulho, não faz volume."

O preço do transporte, a despeza com os concertos, ficam contudo, para depois... se fixar.

Os encommendants não fazem, ou fingem que não fazem, idéa das despezas com os fretes e com os concertos, e do trabalho que dá, em uma grande cidade, a procura dos destinatarios e a entrega dos objectos

Entendein que tudo está bem pertinho e que, diariamente todos se avistam.

Sobre endereços nada dizem as cartas, também enviadas às dezenas e sem sellos.

De uma feita eu fui portador de 7 relógios. Pateck, que deviam ser concertados, garantindo os seus donos que eu seria devidamente reembolsado, na minha volta, da importancia despendida.

A mala em que iam os relógios estraviou-se em Porto Esperança e eu quasi fiquei tido com o gatinho dos chronometros.

Por uma rara felicidade foi ter ao Rio, e me foi entregue, intacta, uma semana depois da minha chegada.

Em 1914 regressava eu do Rio, munido de gentil e honroso convite para o trem inaugural da estrada de Ferro Noroeste

Os illustres companheiros de viagem eram todos residentes na Capital da Republica e apenas traziam pequena bagagem de cabine, pois a viagem seria para poucos dias.

Eu era o unico que vinha e não voltava e por isso mesmo trazia bagagem maior que mal se accommodara no corredor do wagon de luxo.

Na hora da solenne partida, apparece na Estação Central um senhor já idoso, antigo contemporaneo do Dr. Jonas Corrêa na Faculdade de Medicina, mas que ainda era estudante.

Junto a elle estavam dois enormes engradados que continham um enxoval completo, seu presente de nupcias destinado a uma atilhada que devia casar-se em Cuiabá.

Estava informado por um commum amigo de que eu era pessoa capaz de ser portador cuidadoso do volumoso presente.

Declarei-lhe que seria indelicada imprudencia minha abarrotar o wagon com aquella monstruosidade e que elle fizera muito mal trazendo aquillo para embarcar sem previo consentimento meu.

O trem partiu, o cidadão ficou com os volumes mas nunca mais olhou de meu lado.

Em outra occasião fui abordado, em plena Avenida Rio Branco, por um conferraneo matogrossense que pretendia que eu conduzisse, até aqui, um manequim moderno com molas para graduar quadris e seios.

Ponderei-lhe que eu tinha estado envolvido num rumoroso caso e que não desejava que pensassem vendo-me com aquelle estafermo ao lado, que se tratava de algum rapto.

E declinei maneiramente da prebenda indicando, para substituir-me, um pachorrento sacerdote que devia partir dias depois.

Ainda em outra occasião conduzi d'aqui ao Rio, Via Buenos-Aires com serias complicações na Alfandega portenha, um caixão, dos de vinho do porto, cheio de rapaduras simples e mellosas que se destinavam a uma familia cuiabana, residente distante da Central 5 estações.

De lá tinham mandado dizer que estavam com saudades das rapaduras de Cuiabá.

As remessas de doces em calda, licores de piqui e vinhos de cajú são frequentes, e o unico meio de evitar que se entornem nas roupas, suas companheiras nas malas de viagem, será consumi-las em caminho, destruindo igualmente as tagarellas cartas denunciadoras

Foi a bisbilhotice de uma carta que provocou uma outra missiva, entre nós divulgada pelo Almanaque Calhao, em 1896.

Uma lata de kerosene, repleta de doce de cajú, havia sido devorada peio deshonesto conductor que substituiu o conteúdo por ordinaria farinha de mandioca.

Junto á farinha seguiu entretanto o intrigante papel.

O criminoso recebia, dias depois, o seguinte: "Assim como nas ogivas das gothicas cathedraes se elevam os retratos dos grandes varões, assim tambem á sombra crepuscular, a meia luz do passado, é que se conhece a sinseridade e a dedicação dos amigos.

O senhor comeu o meu doce, que me foi enviado pela minha carinhosa mãe, aquella que nunca se esqueceu de mim durante a infancia e até hoje, na puberdade, ainda se lembra de mim.

O senhor tornou-se portanto indigno de abrigar no sacratio de minha amizade. Tenho dito."

A puberdade do queixoso se manifestava justamente aos 50 annos.

O carinhoso progenitor do nosso Jercy Jacob deu ao Olympio Corrêa, afim de ser entregue ao filho querido e distante uma tentadora colleção de magnificos doces em tabletes, caprichosamente acondicionada, por secções, em artistica caixeta.

A caixa foi entregue, por ser bem trabalhada, mas só a caixa.

Um certo conhecido, velho, velhaco e por isso mesmo desconfiado, deu-me uma carta para ser entregue a um seu filho que estudava no Collegio 28 de Setembro.

Ao abrir o envelope o rapaz encontrou, junto á carta, a importancia de 200\$000.

O velho occultara, até de mim, a remessa que poderia provocar tentações.

Este mesmo desconfiado, todas as vezes que recebia as despedidas de alguém, respondia á praxe do offerecimento dos prestimos fazendo invariavelmente a encommenda de uma gravata.

O itinerante attendia religiosamente á encommenda, na esperança de lhe ser facilitado algum negocio lá pela Delegacia, e co-no uma gravata custa pouco, não a cobrava.

O espertalhão fez, assim, a melhor colleção de gravatas que eu tenho visto em Cuiabá.

E elle só usava uma surrada gravatinha preta.

As encomendas para conduzir dinheiro, não são das melhores.

O Desembargador Amarilio Novis gozava, despreoccupado, os ultimos dias de uma das suas estadias na Capital da Republica, quando recebe, de velho chefe politico cuiabano, o seguinte telegramma: "Rogo orientar ahi nosso amigo Totó Coelho thezoureiro Thezouro Estado, que deverá ser portador para aqui, da quantia de 2000 contos. Espero que o amigo seja seu companheiro, no regresso".

O Desembargador não mais dormiu.

Foi procurar o Totó Coêlho para leval-o ao Banco, recebeu o cobre e, certo de estar espionado pelos larapios que espreitam sempre em estabelecimentos semelhantes, tomaram um auto, correram duas horas em differentes direcções da cidade, para despistar, e depois encerraram-se num quarto do hotel.

Na cabine do trem, em viagem para S. Paulo, levantavam-se sobresaltados a todo o momento.

Em S. Paulo, querendo tomar quarto no Hotel Fracarollí, tomaram no Roma por engano, e os sustos agmentaram-se porque esse hotel é muito peor frequentado.

A viagem pela Noroeste, ifoi um martyrio, só suavisação quando já em Porto Esperança encontraram a lancha "13 de Junho", que os devia transportar até Cuiabá.

A um meu conhecido foi confiada, por um amigo de infancia, uma filha apaixonada por um rapaz, que não era bem visto pela familia da Dulcinéa.

A moça numa viagem de olvido, devia ir até S. Paulo, onde a aguardavam alguns parentes.

D. Juan, entretanto, soube da viagem, que estava sendo preparada ás escondidas, e tomou passagem na mesma embarcação Imagine-se a actividade a que foi obrigado o amigo do amigo.

Conduzir loucos, alguns até furiosos, não deve ser das cousas mais agradaveis; entretanto até isto se tem visto por aqui.

Velho e conhecido forrêta, do despresivel mundo agiota que, tambem a nós, infelicita, confiou a um seu sobrinho, de viagem para a Côte (o velho ainda dizia côte porque era comendador), uma immunda farda de Coronel da Briosa, cuja venda devia ser tentada.

Após arduas e penosas indagações, o antidiluviano fardão cujo bonet trazia à memoria a estatua do Gal. Osorio, foi vendido por 10\$000. Salvavam-se os botões e alguns dourados. E eu que já ia ter esse prejuizo, disse o velho.

Palmyro Pimenta jurou-me, como mau catholico que é, ja ter tido occasião de conduzir da Capital Federal até aqui, um grande sacco de pequenos retalhos de panno.

Serviriam para enchimento de almofada ou para colcha de retalhos.

José de Mesquita, quando regressava do Araguaia, comarca indesejavel mas que devia iniciar a carreira de todos os juizes, teve a apresentação de um desconhecido, que entregaram á sua protecção até Cuiabá.

No caminho, o B. London, amigo e companheiro de viagem do Juiz Mesquita, trava-se de razões com o grosseiro recém-conhecido e quase que se engalfinham.

Aqui chegados, souberam que o tal companheiro era um perigoso hoppedede de diversas cadeias, responsavel por diversas mortes.

O London teve uma syncope... tardia.

A ter um companheiro tal é preferivel conduzir cães, gatos, passaros etc encommenda que tambem é frequente, entre nós.

Certo caçador de fama, batedor destemoroso dos arredores da Cidade Verde, pediu a certa pessoa que lhe trouxesse uma espingarda de calibre e fabricação especiaes e que, por isso mesmo, era rarissima.

A pessoa revirou, revirou todo o Rio á procura de arma, e não encontrou-a a contento.

Veio para S. Paulo e continuou a pesquisa.

A muito custo encontrou.

Feita a entrega da encommenda, foi ella recusada com a seguinte laconica phrase:

"Agora já não quero mais; fique o Sr. com a arma; os meus pequenos estão muito peraltas e podem promover, com ella, algum desastre em casa.

Ao Pinduca foi encommendado um figurino-tutela.

Correu Sécea e Mécca em busca de semelhante nome de figurino, e não encontrou.

Attencioso, como é, não quiz contudo ser indifferente ao pedido e comprou diversas especies de figurinos.

Entre elles veio o intitulado — “Toute la Mode.

D. Fulana, disse o Pinduca ao fazer a entrega, não me foi possível encontrar o figurino de sua encomenda; mas aqui estão estes, que são os mais modernos:

Pois não está aqui elle, diz a interessada; é deste mesmo que eu encomendei

Tote la mode, ella havia lido tutella.

E o Pinduca a procurar...

Essa gente fazedeira de encomenda devia viajar.

Alguem, muito máo e vingativo, desejava, para fazer mal ao seu maior inimigo, presentear-o com um automovel com a condição de não ser este vendido.

O vehiculo seria fatalmente, como já tem sido para muitos, a causa da desgraça do seu proprietario.

Fa-lo-ia vagabundo, esquecido dos seus affazeres e dos seus deveres, conquistador, amante de cabarets, dissipador e tresloucado.

O cheiro da gazolina endoudecera o individuo.

E apontava o exemplo do Thomazinho, bom barbeiro, pontual pagador, exemplar pai de familia, até o dia em que dirigiu um auto. D'ahi por diante foi aquelle desastre.

Eu desejaria sustentar, em repetidas viagens, os contumazes donos de encomendas.

As suas victimas ficariam vingadas d'elles.

Philogonio Corrêa





Considerações sôbre o estudo da lingua

Severino de Queiróz

IV

SEM querer censurar êste ou aquele, pelos seus modos de ver e julgar, digo que tenho ouvido, a miúdo, declarações, segundo as quais não se devem levar em conta, no julgamento de provas de matemática e de outras disciplinas, erronias de portugêes.

Em face da letra dos regulamentos que tratam do assunto, pode ser que tenham razão os que assim pensam e praticam. Mas só o espírito vivifica, como rezam as sagradas Escrituras. E o espírito dos mesmos regulamentos ou, se quiserem, a lógica, talvez nos aponte outro caminho.

Com efeito, em meu fraco entender, tal maneira de julgar constitue um dos muitos óbices à aprendizagem conscienciosa da nossa lingua, pelos ginasiaes retardatários e indiferentes a estudos gramaticais que ultrapassem a pontos de exame.

Nada custaria ao julgador de uma prova, de matemática, por exemplo, sublinhar as cinco de português: cacografia, solecismo, vícios de linguagem, etc. que não podem deixar de concorrer para o desmerecimento do trabalho.

Não será critério inatacável, por se basear na justiça e na razão?

Tal critério, por certo, ha-de encontrar seguidores, e fará prestar ao idioma e aos bons estudantes serviço de monta, além de fazer o bem àquêls que só fazem questão de aprender para passar nos exames.

Mas prático seria se, antes de os alunos iniciarem as provas de qualquer disciplina, salvante a de português, por motivos óbvios, fossem todos avisados de que se hão de levar em conta êrros ortográficos e sintáticos

Desta maneira, por certo, diminuir-se ia o número dos indiferentes à perfeição, ao corretismo da escrita, o número dos que laboram em madrastra confusão no grafar, por exemplo o *q* ou o *c* forte, quanto tenham de escrever certas palavras, como *quadro*, *oblíquo sequência*, assim como o *c* sibilante por *s*, e vice-versa.

Todos os colegiais haveriam de estudar a língua com atenção e amor, e de se esforçar por bem aprender e gravar utilíssimas regras de escrever.

Não teríamos o desprazer de ler, em provas escritas dos que estudam e por isso teem razão de saber, dispautérios de todos os quilates; não teríamos de lamentar o atroz esquecimento, por parte de bom número de alunos, de certas regras aprendidas em classe ou em leituras e muitas vezes bem aplicadas em trabalhos práticos. Sim, porque os examinandos muito cuidado teriam, sempre que produzissem qualquer prova escrita em língua portugueza.

Temos lido alguns livros destinados aos alunos

do 2º, 3º e 4º anos do curso primário, livros esses em ortografia luso-brasileira, como é de direito, pois tal sistema ortográfico é oficial, assim no Brasil, como em Portugal.

Leitura leve e sugestiva, não resta dúvida, mas são encontradiços termos mal escritos, em que os mal avisados autores consigram e fazem perpassar aos olhos infantis velhas grafias errôneas, como *docel*, *pêcego*, por *dossel*, *pêssego*, etc. Em um autor, encontra-se a palavra *mãe*, devidamente grafada; em outro, *mãi* com *i*. Aqui topamos com um *êxito*, com *e* tônico acentuado, por ser vocábulo esdrúxulo, e como determinam os cânones luso-brasileiros: ali enxergamos um *êxito* e outras proparoxítonas, sem acento gráfico na tônica.

No livro de *A*, lemos *amizade*, *vizinho civilização*, muito no certo; mas, no livro de *B*, *amisade*, *visinho*, *civilisação!*

Onde iremos? Cada livro com uma ortografia? Não é possível! Há-de haver uma providência enérgica por parte dos governos.

Quem troca o *z* por *s* e o *s* por *z*, como os maus estudantes do 1º ano secundário, não pode escrever livros didáticos destinados à aprendizagem de leitura.

Enquanto demora a providência contra os livros mal escritos, vá o professor corrigindo as cacografias de certos autores — se é que o mestre não esteja de perfeito acôrdo com a erronia.

Caso contrário, passa o êrro, perdura o aleijão. Paciência!

Por mais que esperneiem, por mais que griteem aos quarantes, e protestem a imprensa e associações várias — menos as que tratam das letras, justamente aquelas que tem voto na matéria — vai tomando pé e

soltando raízes o sistema ortográfico simplificado, a chama ortografia lu-o-brasileira. hoje obrigatória nas repartições públicas federais, estaduais e municipais, nos colégios de qualquer curso, e usada pelo "Diário Oficial" da União e por alguns órgãos de publicidade, poucos às repetidas circulares do juden da A. B. I.

E' de estranhar que o oficialismo de alguns Estados, entre os quais Mato-Grosso continue a desobedecer o decreto do governo provisório, que tornou oficial a aludida ortografia.

Em consequência dessa desobediência, em que os governos dêses Estados de certo ainda não atentaram, nota-se nas escolas e nas repartições públicas pavorosa confusão ortográfica.

Aqui, o professor A entende que deve impor aos seus alunos o sistema oficial da República e que, por isso, deveria ser obrigatório nos Estados e Municípios; ali, o professor B não admite tal ortografia, chegando ao absurdo, filho da sua ignorância, de tomar como êrros palavras escritas com aquela ortografia — sob a alegação de que o governo estadual nada decretou a respeito!

As escolas ou colégios particulares, ou que atendem as ordens do Ministério da Educação e Saúde Pública adotam o sistema oficial, e as escolas estaduais, a velha ortografia, fazendo sofrer as pobres crianças que, terminando o curso primário, procuram um colégio do curso secundário, onde é obrigatória a simplificada, levando zero, consequentemente as provas com a *mixta*, que já não é usual!

Urge se acabe nas escolas estaduais êsse estado de coisas, mandando o governo adotar o sistema ortográfico oficializado há três anos.

Campe Grande, Janeiro de 1934

UM AMIGO DE INFÂNCIA

(Humberto de Campos)

Entrava no banheiro erguido junto ao pôco,
quando avistei no chão, com enorme alvoroço,
a repontar da lama escura, que a afogava,
uma castanha de cajú, que rebentava,
no anseio vegetal de ser arvore. Sobre
si mesmo reclinado, o caule cor de cobre,
feiramente gracioso e lindamente sujo,
mais parecia um bicho, um verme, um caramujo
ao peso a se dobrar da sua casa estranha
e dura, que a eclosão de uma planta. A castanha,
ainda humida, guardava, escondidas, as suas
joias flexíveis, que brilhassem, aflorando
do seu cofre.

— Mãe, olhe o que achei! — gritando,
com a alegria de uma ave a explodir dentro d'alma,
desandei a correr, conduzindo na palma
das mãos curtas, tremendo, o mostrengo que ainda
mal sonhava com o sol, com a vida alegre e linda.
— Planta, meu filho... Vae plantar... planta no fundo
do quintal...

E, feliz, qual se encontrara um mundo,
precipito-me com minha castanha viva.
A alguns metros da casa e da cerca, que, altiva,
limitava da rua o meu terreiro, estaco.
Faço com minhas mãos pequenas um buraco
redondo, enterro ahi minha planta vermelha,
e a cerco de tijollo e pedaços de telha.
Rego-a. Protejo-a contra a fome das gallinhas.
De manhã, ao lavar o rosto, ainda é com as minhas
mãos, que lhe entorno em cima a chuva branda dessa
ablusão matinal para que logo cresça
e se arreie de flor. Vejo, a atirar-lhe um beijo,
a multiplicação das suas folhas. Vejo
que permutam de cor, na evolução tranquilla,
tranquilla e natural de sua chlorophyla.
E cada uma, estirada, é uma lingua macia,
mobil e verde, a agradecer, com alegria,
o carinho infinito e bom, que lhe dispenso,
o cuidado sem par, que lhe dedico, o immenso
affecto que lhe voto, a agua fria e gostosa
que lhe dou.

Meu cajueiro, em marcha pressurosa,
sobe, prospera, desenvolve-se, entumece.
Eu cresço; elle, porém, mais rapido ainda cresce.
Passado um anno, estamos nós da mesma altura.
Perfilamo-nos um junto a outro, na loucura
de vêr qual é mais alto. E' uma arvore elegante,

forte, na sua adolescencia do gigante.
Quando completo doze annos, em seus primeiros
galhos já me sustento, entre sustos ligeiros.
Mais uns mezes, e vou longe, experimentando
a sua força; e elle balança-se, brincando
comigo, igual a um monstro jovem, que, em deleite,
nos braços embalasse o seu irmão de leite.
Até que, um dia, bem seguro da rijeza
do seu tronco, não mais o abandona a leveza
do meu corpo. Promovo-o, sem detença, a mastro
do meu navio e, toda tarde, vou, de rastro,
ao seu galho mais alto e empinado, e, cingindo
com o braço esquerdo o caule erecto, airoso e lindo,
do pé, soito, sonoro, o canto da "Chegada",
que era por esse tempo encantado a festança
famosa e popular de minha Parahyba:

Assobe, assobe, gageiro,

Naquelle tope real...

Para vêr se tu avista,

Otalina,

areias do Portugal!

Nos olhos, mão direita em pala, a olhai, lá em riba,
como quem devassasse os longes do horizonte,
mas, devassando só, na verdade, defronte,
os vizinhos quintaes, e as vaccas, e os jumentos,
respondo, eu mesmo então com a minha voz, que os ventos
arrastam para além, rasgando-a, assim como uma
camisa alva de som, na crista que se apruma
gloriosa de um coqueiro altivo e soberano,
enfeitado de flor e melão São-Caetano:

Alviçaras meu capitão,

Meu capitão general!

Que avistei terras de Hespanha

Otalina

Areias de Portugal!

A viração cheirosa e forte, que desliza,
dá-me bem a impressão de verdadeira brisa
do oceano. A minha camisola incha, e, revolta,
panneja e estala, como uma bandeira solta.
O meu cajueiro novo, oscillando corrigo,
dá-me a perfeita sensação de um mastro amigo,
erguido sobre as ondas. E eu, suggestionado
pela imaginação, via, — eu via! — enlevado,
vagas rolando em frente a mim, na curva extensa
do horizonte, onde o céu e a superficie immensa
do mar se beijam, ao soprar das ventanias,
terras claras de Hespanha e areias alvadias
de Portugal.

A noite, aos poucos, vem descendo.

Um véo de cinza cãe, docemente, envolvendo

as plantas dos quintaes proximos. Os bezerros
berram com mais tristeza o tristor dos seus berros:
Vaccas, ouvindo-lhes os choros de ansiedade
saudosa, mugem com muito maior saudade.
Zurra as cinco vogaes e o "epsilon" do estribilho
um jumento, marcando as seis horas. O milho
das estrelas olhando, outro o zurro confere
e confirma. Soluça em torno o "miserere"
silencioso do luar, que a pupilla descerra
Gageiro de uma não ancorada na terra,
eu desço devagar, do alto mastro folhudo
do meu cajueiro, e vou sonhando, triste e mudo,
com o mar largo, invejando a vida tormentosa
dos marinheiros que não tinham a odiosa
obrigação de lêr, a chamma fugidia
e feia de um lampeão, a lição do outro dia...
Aos treze annos de minha, e aos tres de sua idade
separamo-nos, meu cajueiro e eu. Com saudade,
embarco para longe, e elle fica. Na hora
de deixar minha casa alegre e encantadora,
lhe vou levar o meu adeus. E, me abraçando
ao seu tronco, o aconchego ao meu peito, chorando.
Transparente e cheirosa, a resina lhe corre
do caule, como o pranto aos meus olhos acorre,
No seu galho mais alto, onde abelhas revoam,
e saltam leves passarinhos, abotoam
suas primeiras flores terras, de um macio
tom roxo de unha de criança que tem frio.
— Adeus, meu cajueiro! Até á volta!
E elle nada
me diz, e vou-me embora. Ainda a vista molhada
lhe mando, lá da rua, a lobrigar-lhe, acima
da cerca, a folha mais estrema, que se anima
a fazer-me, a tremer, como um lenço pequeno
e verde, um grande adeus, num doloroso aceno,
nam aceno sem fim de ultima despedida.
Estou, homem-menino, em luta pela vida,
a enrijar no trabalho o corpo, e em soffrimento
a alma desperta para o mundo. Senão quando,
me vem á mão uma encomenda, acompanhando
uma carta: "Meu filho, encontrarás com esta,
uma lata de doce..." O coração em festa,
provo nadando em calda, o producto primeiro
do meu lindo, do meu saudoso cajueiro.
E choro, então, sozinho, um choro quente e mudo.
Choro pela lembrança, e choro, sobretudo,
iuvejoso do meu cajueiro. Ah! por que sorte
não tivera eu tambem raiz como elle forte,
para não me afastar, nunca, jamais da terra
onde o crespo pião do seu pé elle aferra,
da terra onde cresci, da terra onde vivera,
e onde fôra feliz, ignorando que o era?
Volto, porém. Agora, o meu cajueiro estende
a galhaca triumphal, que dos flancos lhe pende,

— Braços, na ansia cristã de dar sombra. — A resina
poreja-lhe do caule, e elle canta, em surdina,
ao canto bom do mesmo vento bom e amigo.
Seus galhos baixos não offerecem perigo,
sim, cadeiras, agora, ás crianças. Tem flores
para os insectos, e tem frutos multicores,
aos dois, aos tres, aos dez, ás duzias e ás dezenas,
para o bando jovial das pipiras morenas.
Meu cajueiro está moço e robusto. Está em toda
a força e em toda a pompa irial da sua boda
com a vida.

Um anno mais, e parto, novamente.
Mais uma despedida, um adeus mais dolente:
— Adeus, meu cajueiro!

O mundo nos seus braços
de espinhos me arrebatã e trucidã, aos pedaços.
Diverte-se comigo o monstro, como a filha
do rei de Brobdingnag, da historia-maravilha,
com o fragil capitão Gulliver. Como a um verme
não se faz, me maltrata e tortura. E eu, inerte,
quasi morto, regresso à Parahiba. E volto
de alma leve, e a cantar, como um passaro solto.
— Meu cajueiro, aqui estou!

E elle não me conhece
mais. Estou homem feito; elle, triste, envelhece.
A enfermidade cava o meu rosto, e me altera
a feição, modifica a minha voz austera.
Elle está immenso e escuro. Os seus galhos abraçam
laranjeiras irreais, que noivam, ultrapassam
a cerca, e vão dar sombra ás cabras que têm somno,
aos mendigos sem pousos, aos pintinhos sem dono...
Quero abraçal-o, e já não posso. Lado a lado
e em redor do seu tronco, ergueram um cercado
estreito. No cercado immundo, arfa, de borco,
mergulhado na lama, a resonar, um porco.
Ao perfume da flor e do fruto, se casa,
em baixo, o cheiro ruim da podridão da vasa!
— Adeus, meu cajueiro!

E lá me vou embora,
outra vez, pelo mundo, e para sempre agora,
onde vivo, também, com os pés dentro da lama,
às vezes, dando sombra aos porcos, mas, em chamma,
às vezes, rindo, ao sol, fructos, offerecendo
aos passaros, e á brisa o pollen, na estupendo
milagre do meu sonho, e sangrando resina,
o espirito em eterna, em floração divina,
que o vento leva, o coração cheio de engelhas,
mas transbordando em mel, resonante de abelhas...

Lamartine Menças

22 de Julho de 89

Homenagem a Silva Jardim

Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos. A. Comte.

No dia designado elle surgiu na praça para fallar ao povo; emtanto, a população, que nos antros do crime os dias enxovalha, apparece, empunhando a pistola e a navalha, afim de emmudecer o celebre orador. Elle, comtudo, em face ao espectro do Terror, como sempre tranquillo em sua heroicidade, assomou a tribuna em meio á tempestade.

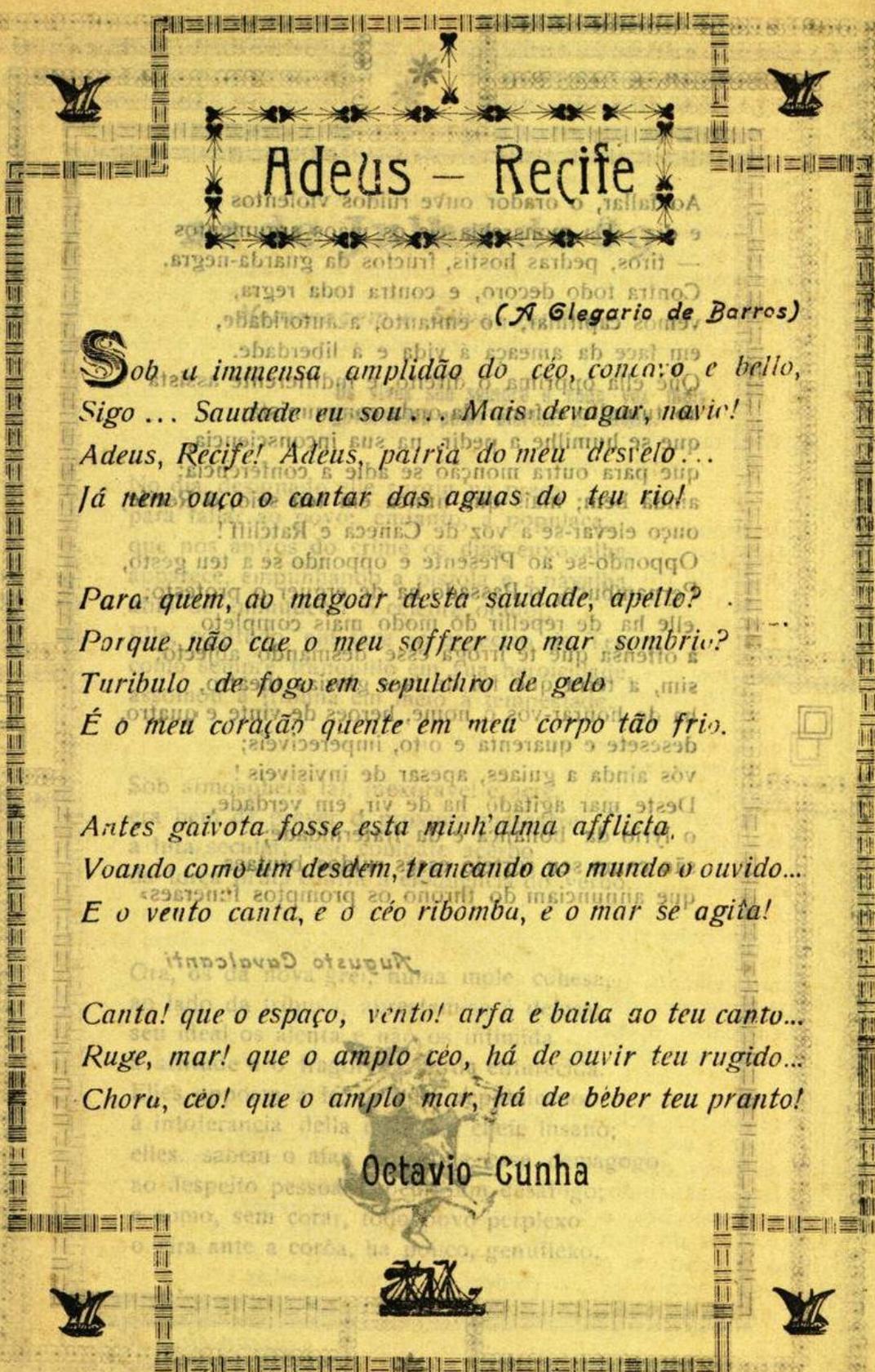
Sob atmosphaera tal, inexoravel e acre, era bem de prever o proximo massacre, a lyta secular, esse combate acerbo da força bruta contra a eloquencia do verbo.

Cra, os da nova grei, numa mole cohesa, ao lado da tribuna, aprestam-se á defesa; seu ideal os alenta e não os intimida a attitudo e o fragor da horda enfurecida. Elles oppoem a fé, o ardor republicano á intolerancia della e de seu chefe insano; elles sabem o afan com que esse demagogo ao despeito pessoal procura um desafogo; e como, sem corar, todo povo perplexo o vira ante a corôa, ha pouco, genuflexo.

Ao fallar, o orador ouve ruidos violentos
e diz: «Da monarchia eis os mãos argumentos
— tiros, pedras hostis, fructos da guarda-negra.
Contra todo decoro, e contra toda regra,
vemos capitular, no emtanto, a autoridade,
em face da ameaça á vida e á liberdade.
Que ella opprima o direito, e indifferente assista
ao tumulto e furor da onda communista;
que se humilhe a pedir, na sua inconsciencia,
que para outra monção se adie a conferencia;
ainda bem; mais que nunca em teu seio, ó Recife,
ouço elevar-se a voz de Caneca e Ratcliff!
Oppondo-se ao Presente e oppondo-se a teu gesto,
Pernambuco, o Passado ha de erguer o protesto;
elle ha de repellir do modo mais completo
a offensa que te irroga esse desmando abjecto;
sim, a terra que foi de taes glorias theatro,
ha de honrar-vos o nome, heroes de vinte e quatro,
desesete e quarenta e oito, impereciveis;
vós ainda a guiaes, apesar de invisiveis!
Deste mar agitado ha de vir, em verdade,
o lyrio da bonança e da fraternidade;
são como seu cortejo esses ruidos brutaes
que annunciam do throno os promptos funeraes»

Augusto Cavalcanti





Adeus — Recife

(A Glegario de Barros)

Sob a immensa amplitude do céu, concavo e bello,
Sigo ... Saudade eu sou ... Mais devagar, navio!

Adeus, Recife! Adeus, patria do meu desvelo ...

Já nem ouço o cantar das aguas do teu rio!

Para quem, ao magoar desta saudade, apetto?

Porque não cae o meu soffrer no mar sombrio?

Turibulo de fogo em sepulchro de gelo

É o meu coração quente em meu corpo tão frio.

Antes gaivota fosse esta minh'alma afflicta,

Voando como um desdem, trancando ao mundo o ouvido...

E o vento canta, e o céu ribomba, e o mar se agita!

Canta! que o espaço, vento! arfa e baila ao teu canto...

Ruge, mar! que o amplo céu, há de ouvir teu rugido...

Choru, céu! que o amplo mar, há de beber teu pranto!

Octavio Cunha



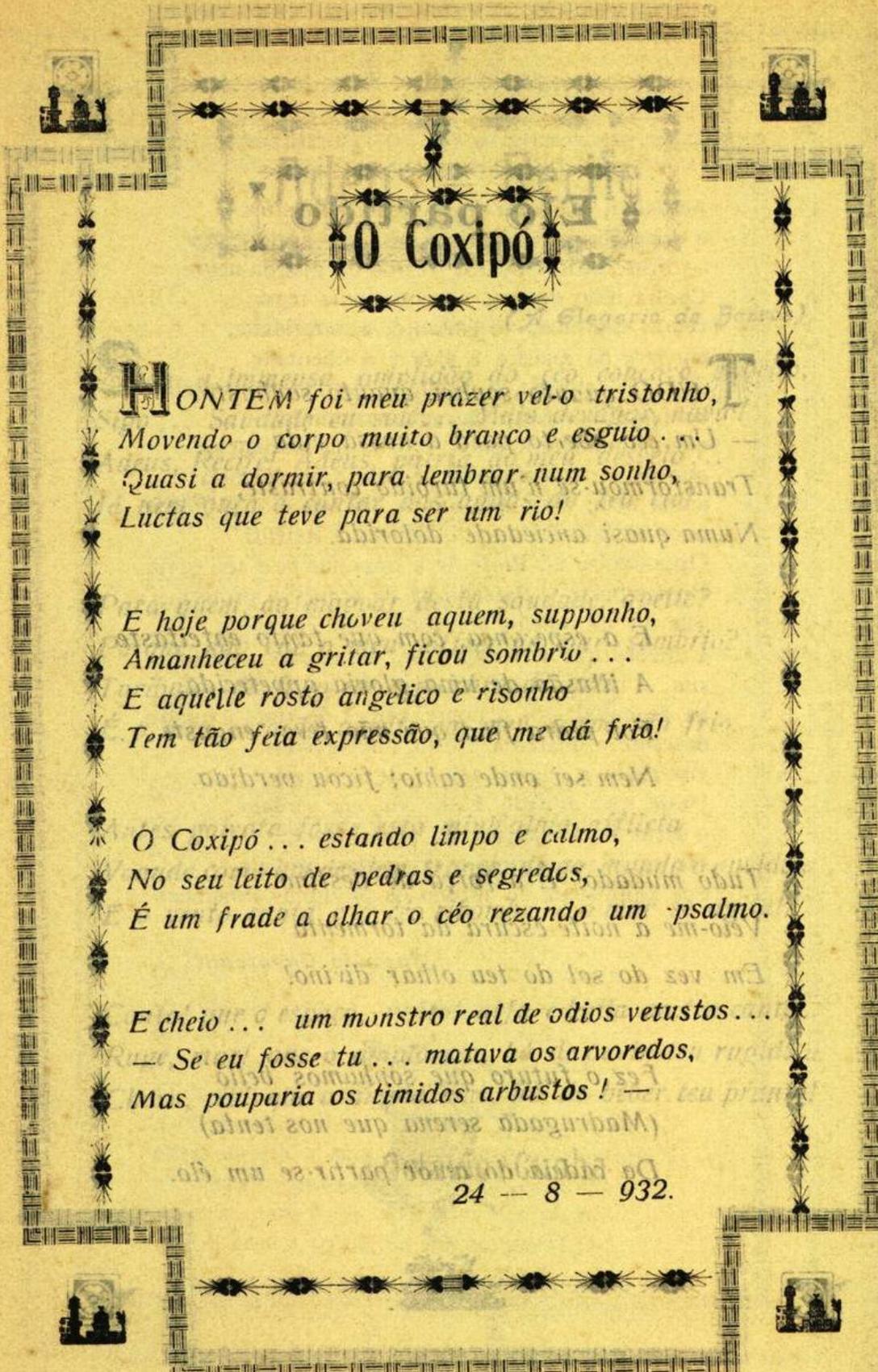
Elo partido

TUDO quanto sonhei, quanto sonhaste
-- Um céu aberto para a nossa vida --
Transformou-se n'um turbido contraste,
Numa quasi anciedade dolorida.

E a esperança, com que tanto enfeitaste
A illusão de uma gloria appetecida,
Foi pedra fina que não teve engaste...
Nem sei onde cahio; ficou verdida.

Tudo mudado! É a força do destino!
Veio-me a noite escura da tormenta
Em vez do sol do teu olhar divino!

Fez o futuro que sonhamos bello
(Madrugada serena que nos tenta)
Da cadeia do amor partir-se um elo.



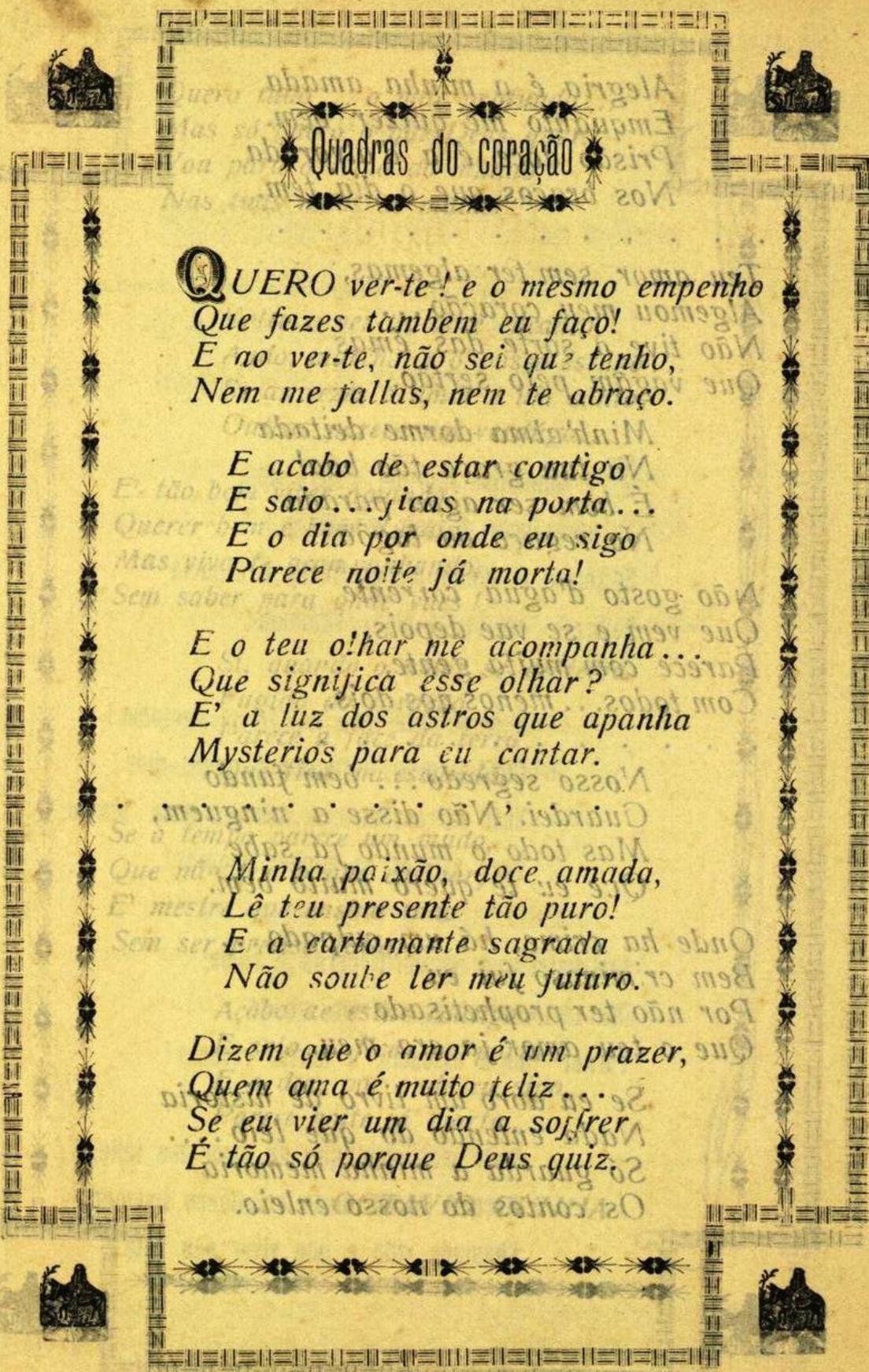
O Coxipó

HONTEM foi meu prazer vel-o tristonho,
Movendo o corpo muito branco e esguio . . .
Quasi a dormir, para lembrar num sonho,
Luctas que teve para ser um rio!

E hoje porque choveu aquem, supponho,
Amanheceu a gritar, ficou sombrio . . .
E aquelle rosto angelico e risonho
Tem tão feia expressão, que me dá frio!

O Coxipó . . . estando limpo e calmo,
No seu leito de pedras e segredos,
É um frade a olhar o céu rezando um psalmo.

E cheio . . . um monstro real de odios vetustos . . .
— Se eu fosse tu . . . matava os arvoredos,
Mas pouparia os timidos arbustos! —



Quodras do coração

QUERO ver-te! e o mesmo empenho
Que fazes também eu faço!
E ao ver-te, não sei qu' tenho,
Nem me jallas, nem te abraço.

E acabo de estar contigo
E saio... yicas na porta...
E o dia por onde eu sigo
Parece noite já morta!

E o teu olhar me acompanha...
Que significa esse olhar?
E' a luz dos astros que apanha
Mysterios para eu cantar.

Minha paixão, doce amada,
Lê teu presente tão puro!
E a cartomante sagrada
Não soube ler meu futuro.

Dizem que o amor é um prazer,
Quem ama é muito feliz...
Se eu vier um dia a sofrer
É tão só porque Deus quiz.





*Alegria é a minha amada
Emquanto me quizer bem.
Prisão doce é a d'alvorada
Nos braços que o dia tem.*

*Teu amor, sem ter algemas,
Algemou meu coração...
Não tive a sorte das émas
Que vagam pelo sertão.*

*Minh'alma dorme deitada
Na tua graça tão bôa!
É bom ser agua parada
No regaço da lagôa.*

*Não gosto d'agua corrente
Que vem e se vae depois,
Parece com muita gente,
Com todos... menos nós dois.*

*Nosso segredo... bem fundo
Guardei. Não disse a n'nguem,
Mas todo o mundo já sabe
Que eu te quero muito bem.*

*Onde ha crime, há um culpado...
Bem criminoso fui eu
Por não ter prophetisado
Que o teu amor ja era meu.*

*Se eu abro um livro de historia
Nada entendo do que leio...
Só guarda a minha memoria
Os contos do nosso enleio.*





Quero tudo ... o mar profundo ...
Mas só quero o que Deus quer.
Vou para o reino do mundo
Nas tuas mãos de mulher !

Volto a ver-te, doce encanto,
Ando, morcho, e o passo estúgo ...
Se as vezes o amor é um santo,
Outras parece um verdúgo ...

E' tão bom viver amando ...
Querer bem é bom demais.
Mas vivo te acompanhando,
Sem saber para onde vaes !

Si, quando o amor se desterra
Fugido do coração
Parece a face da terra
Que fica na escuridão.

Se o tempo parece um mudo,
Que não tem o que ensinar,
E' mestre que ensina tudo
Sem ser preciso fallar.

Acabo de estar contigo
E saio ... ficas na porta !
E o dia, por onde eu sigo,
Parece noite já morta ...

OCTAVIO CUNHA



Sombras

Versos de outross

Antonio Tolentino de Almeida

DE minha alma fugiram uma a uma
As esperanças meigas, erradias;
Desfez-se a minha crença como a espuma
Desfaz-se em breve pelas ventanias.

E como este meu damno se avoluma!
Quão pesados tornaram-se meus dias!
Nem um archote, ao menos, nesta bruma,
Para aclarar as minhas agônias!

Sou batel que do porto perde o ramo;
Das maiores miserias d'este mundo
Tornei -- me a essencia, o tetrico resumo!

Nada mais vejo que de amor me falle;
Porque teimar neste arcabouço immundo,
Chamado vida e que viver não vale?

Si o mundo fosse assim... Porém contrario
 A tudo o que sonhei hoje aparece;
 O que me deleitava me entristece,
 Julguei-o firme, no entretanto é vario.

Tão alegre e feliz, quem desconhece
 Essa quadra da infancia? Um relicario
 De faqueiras lembranças, um rosario
 De affetos inil, que brilha e resplandece!

E depois, o prazer, que nós gozamos,
 Como se esvai veloz, como nos deixa
 - Triste folha cahida a ver os ramos!

Negra sorte da pobre criatura!
 Tantos dias amargos, tanta queixa!
 E de nós a fugir, sempre, a ventura!



VOU fazer annos amanhã. Que cravo
Deus, nesse dia, gracejou, de certo;
Em vez de haver creado um lirio, um favo,
Ou mais um grão de areia no deserto,

Ordenou que eu nascesse e poz-me perto
De tudo que é nocivo e sabe a travo;
E, para engano meu, um céu aberto
Mostrou-me e fez-me da Poesia escravo.

E vivi e soffri e soffro e vivo
Nesta constante alteração da sorte,
Ora isolado e triste, ora expansivo.

Faço meus versos como d'antes fiz;
E até o presente, sem pensar na morte,
Não me recordo si já fui feliz.



IV

PARA que viver mais? Estou cansado
De supportar o mal que, atroz, me opprime,
Ando tão d'este mundo despresado
Como si fôra réo de horrendo crime!

Para que viver mais? Hoje se exime
De me afagar o sonho idolatrado,
Que me elevava á região sublime,
Onde o ideal reluz alcandorado!

Para que viver mais? o mundo é lama,
Ha desespero em tudo, ninguém ama,
Nem crenças tem a pobre humanidade!

Para que viver mais? "A vida é a morte".
Mas... quem sabe? Neste ultimo transporte,
Abra-me os braços a felicidade!

EM nemoroso bosque a rede ostendo,
 Nella como um Pachá deitado fico;
 Das arvores olhando o verde pico,
 Allí fumo, allí sonho, allí me entendo.

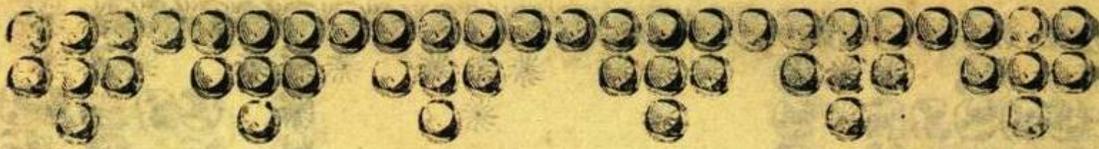
Vem-me a idéa de ser, primeiro, rico,
 Ou bravo general em prelio horrendo;
 De ser o genio, em fim, mais estupendo
 E quasi (que loucura!) eu me deifico!

Mas quando do cigarro, pouco a pouco,
 Vai-se extinguindo o fumo, ai! pobre louco!
 A realidade me desperta e brada:

“Jamais serás Homero, Annibal, Crespo;

Que sonhas mais então? Encara o peso
 D'aquillo que has de ser — terra e mais nada”.





MIMOSA PUDICA

O Sem-Fim

Quem perlustrar, sósinho, algum estradão deserto
da nossa ingente mata, à hora do sol-posto
de um nostálgico céo dolente, em mez de Agosto,
refeito de fumaça, ah, ouvirá, por certo,

um canto breve e triste e cheio de desgosto,
atravessando a mata, ou longe, ou já bem perto,
a nos acompanhar, ás vezes rosto a rosto
como si somnolento alguém e mal desperto

vivesse a procurar fugitiva ventura,
por ella interrogando a cada um caminhante
na angustia do sofrer de infinita tortura.

Pois dizem ser Saci os nossos Curupiras
que enlaçam á japecanga o trilho inda orvalhante,
e vão ficar por traz das velhas sucupiras...

Campo grande

Arnaldo Serra



MIMOSA PUDICA

Porque viver sem alma a flôr que desabocha,
Que nasce e vive e sente e morre como nós!
O Iman dando calor e vida á propria rocha,
E'ter, e Deus, enfim, barranto os arrebois. . .

Que tem tórmosa sensitiva,
Humilde, pequenina
E rediviva,
Que a nossalma diz tanto nos vergéis?

Se passa a mansa brisa,
Colhe os beijos
Como se alguém em tremulos harpejos
Viésse de bem longe
Segredar-lhe
Aos pés.

Pois,
Si acaso chegamos
De mansinho,
E lhe tocamos,
Mui de vagarinho
A esquiva mão,
Ela,
Como parece
Que enrubece,
Fecha de vez as palpebras medrosas
Do esmeraldino seio,
E vai, feliz dentre as ditosas,
Quem sabe em que ansêio,
A's outras regiões mais aventurosas,
Onde, talvez, o Amôr
Tenha essencias subtis mais luminosas,
Como no Paraiso antes do Peccado
E onde dizem que as rosas todas eram brancas,
Mas, que ao ruido do primeiro beijo,
As que, somente, ouviram encheram-se de pejo,
E as outras se fizeram, todas, em rubor...

ARNALDO SERRA.

Versos de Ari Martins

(Correspondente da A. M. L. em P. A.)

Loira boneca

Semblante que seduz; sorrisos que me matam;
lindos, lúbricos, lésbios labios de rubim;
dois olhos muito azues que prendem e arrebatam;
os cabélos de Circe em grande garavim;
mãos macias, means, mimosas, de marfim,
mãos de má que um rancor de rebelde retratam;
os seios sensuoios, soberbos, de setim,
dos quaios desejo, dano e dengue se desatam:
— es que formada fica a futil figurinha,
saltitante, sutil, satânica e sapéca,
que sonhei ser um dia unicamente minha,
sem lembrar-me, siquer, que é pura pretensão
o pensar-se possuir o amor de uma boneca,
si as bonecas não têm — coitadas! — coração.

O maior achado

De volta de jornadas fatigantes tres homens num hotel se defrontaram e logo, como dignos viajantes, proêsas a narrar principiaram.

— “Eu achei o maior dos diamantes de todos que até hoje se encontraram. Igual nunca existiu por certo dantes, pois embalde mineiros procuraram.”

E o segundo: — “Aladin em mim revive: seu anél, que dá tudo o que se quer, comprei eu no Oriente, onde já estive.”

E o terceiro: “Haja tudo quanto houver, mas o encontro maior fui eu que tive, pois achei coração numa mulher.”

Miragens da vida

A José de Mesquita

Loira criança brincava
num prado cheio de flores;
de sua infancia gozava
os rútilos esplendores.

— "Olha uma estrêla voando!
Vou agarrá-la p'ra mim!"
E ei-la a correr, gritando,
por sobre o tenro capim.

Por fim, na orla do campo,
apanhou-a e ponde vê-la:
era um simples pirilampo
o que ela crêra uma estrela.

Na vida, — o maior dos campos —
ha almas (dá pena vê-las)
que perseguem pirilampos
julgando que são estrelas...

Anhelo

A esperança de possuir-te... Apago-a
do meu viver sem luz e sem calor,
mas tua visão... com que carinho afago-a
e quantos beijos dou-lhe sem temor!

Porém meus olhos não se rasam d'agua,
vendo que foges do meu grande amor:
guardo um sorriso para cada magua,
tenho um conselho para cada dôr!

E quanto á paz que o vulto teu circunda,
quanto á alegria que o teu peito expande,
anseio vê-la sempre mais profunda,
em torno a ti meçar e florescer,
até que um dia possa ser tão grande
como é p'ra mim a dôr de te perder!

que rondam as boas acções, são essas áspides, que rastreiam miseravelmente a benemerencia dos homens de valor.

Mas essas settas, hervadas do veneno dos lodaçães, se quebraram sem de leve rostir a rijeza do vosso character: esses tufões negrejantes de insanía, não arrefeceram os vossos passos na rectilinea da senda que traçastes, em busca da gloria que vindes conquistando para a nossa terra, e, como o Padre Antonio Vieira, com quem tendes notavel analogia, com a respeitabilidade da vossa cogula, com a altivez aliloqua das vossas convicções, crente na pureza do vosso idealismo, esmagaes o materialismo dos phaiséus, que, nas sociedades, relegam para plano secundario, a sciencia, o bem e a moral, cégos porque não querem ver a edificante influencia dessa trilogia, que nobilita e engrandece os povos.

Exmo. Sr. D. Aquino.

Ainda ha pouco tivestes oportunidade de mais uma vez engrandecer a terra do berço, no culto scenario do velho mundo, como Delegado do Brasil á VIIª Conferencia Internacional de Instrucção Publica, realizada em Genebra.

Lá, naquellas plagas amenas da culta Suissa, terra que viu nascer J. J. Rousseau, Sismondi, Saussure e tantos outros vultos notaveis de projecção, paladinos da educação e das sciencias, o vosso verbo electrizante refluorou candente no manuseio da lingua franceza; vibrou unisono por entre as arcadas austéras do ex-Palacio da Sociedade das Nações; naquelle recinto historico, onde a voz alipotente da mais alta cultura diplomatica do universo, na Liga das Nações, dictou normas sadias á politica da paz internacional; a vossa palavra escoireita, emfim, foi mais uma vez o attestado insophismavel da cultura brasileira.

Naquelles recantos maravilhosos, « *dont les montagnes, les lacs, les traditions, tout enfin semble convier les poètes à rêver et les philosophes à penser* », revelastes nos vossos discursos em francês castiço, os progressos educacionaes do Brasil.

O vosso espirito, enlevado na belleza panoramica do Monte Branco, no seu eterno noivado com a natureza suissa; na placidez azul das aguas do lago Lemano, de onde surge o Rhodano, deslisando serenamente; contemplando as linhas inconstantes do Monte Jura, numa saudade evocativa da Patria distante, affirmou categoricamente, com a autoridade de vice-presidente daquela assembléa de sabios, com ardor patriotico e elevação de alma, que, no Brasil, existe liberdade unida ao respeito ás instituições do direito e da lei, o que equivale á crença nos nossos superiores destinos.

O vosso estylo, revestido de galãs francêsas, reaffirmou o merito dos vossos escriptos brasileiros, já na profundeza dos conceitos, já na elegancia da phrase,— *dans cette gradation qui donne à chaque idée, à chaque mot, sa place dans l'échelle des valeurs et qui montre une culture non seulement litteraire, mais philosophique aussi.*

E longe iria, Sr. D. Aquino, se intentasse proseguir na citação das paginas do substancioso relatorio, que sobre a vossa honrosa missão, apresentastes ao illustre Chefe da Nação, o eminente senhor Dr. Getulio Vargas.

Mas é mister que termine.

A finalidade desta festa é cultuar o vosso merito, é render homenagem á vossa cultura. E a cordialidade reinante, não devo empecel-a com a dissonancia das minhas palavras.

Perdoae, pois, insigne apostolo do bem, da justiça e do saber, o desprimor das minhas phrases, e attentae bem na sinceridade da intenção, que as inspirou.

E cinguendo a minha taça em vossa honra, Sr. D. Aquino, pelo desassombro com que tão bem sabeis elevar, á culminancia que merece, a nossa terra generosa, eu saúdo na vossa respeitavel personalidade, com veneração e acatamento, a Fé, a Sciencia e a Patria.





A questão ortográfica

Inserimos, adiante, com o prazer que traz a divulgação dos trabalhos de real merecimento, o estudo da questão ortográfica, na Comissão de Coordenação de poderes, do extinto Senado, pelo ex-senador FLÁVIO GUIMARÃES

Os idiomas, afirmam os filólogos, sem a mais leve discrepância, são organismos vivos, que se formam, se desenvolvem, crescem, têm o seu período aureo de brilho, decaem e morrem. Mas a decadência sempre fôra assinalada pela ausência de cultura literaria e, como consequencia, surgem os dialétos, que um genio, como Camões, solidifica, uniformiza e firma os traços basicos, como o fizera com a lingua portuguesa; transformam-se, buscam novas expressões, novos sons, nova grafia e até ligeiras modificações sintáticas. Desaparecem e, de seu tronco primitivo, brotam fórmãs, surgem ramos, que se distanciam, se enriquecem com aquisições de vocábulo, que se incorporam, se desagregam, nêsse tear misterioso da formação inconsciente de um linguajar.

Há palavras que mudam de significação, que se alteram radicalmente, no tempo e no espaço; adquirem diferentes representações mentais, perdem a noção de sua etimologia básica, o sen-

tido de seu nascimento, que se distanciam quando não ficam em plena opposição de sua primeira ideia de origem; há vocábulos que vivem intensamente e depois desaparecem, vão constituir arcaísmos ou morrem definitivamente. Há palavras inusitadas que retornam á vida e outras palpitantes de atualidade, que vão para o esquecimento, para a morte.

E' atravez dêsse perpetuo e continuo movimento de mudança de sons, de representações mentais, do significado de origem, em que se eliminam sílabas, letras, e se modifica a estrutura dos vocábulos, que se perpetua a evolução constante em todos os seus dominios. Fundas e profundas reações fervem em seu continuado movimento, em sua incessante transformação. E' a vida dos idiomas, a sua existência coordenadora de evolução que impulsiona a cultura literária, no sentido amplo, ligada ao progresso universal, em contraposição com as linguas mortas, como o latim, o grego, que são, apenas, fontes mudas de estudos contemplativos, ou de indagação historica e cultural do passado.

A disposição transitória e exatamente porque é passageira, que já cumprira a sua finalidade, não pode ser definitiva e, sómente, nesta altura dos acontecimentos tem interesse puramente historico e se a citamos foi para equipará-la a esta:

« Fica determinado que a terra é fixa e o sol lhe gira em torno. »

Seria ilusão do legislador. A terra continuava a girar em torno do sol, em seus movimentos de rotação e translação, indifferente aos caprichos humanos, á vontade de paralizar atos físicos, que escapam á determinação da vaidade do homem. No caso vertente, não há Galileus, embora ás avessas, que sofram penalidades. E é lamentavel, porque a infância e a mocidade das escolas são os mártires.

O SENTIDO CONSTITUCIONAL

A disposição transitória é, conforme a ideia intrinseca do vocábulo, passageira, e não tem, nem pode ter sentido permanente, ininterrupto. E' apenas um complemento condicional das disposições definitivas. Assim é que a primeira eleição para a suprema investidura governamental, deputados e senadores, é indireta, a elaboração do projeto do Código Processual, a designação do Supremo Tribunal Federal, em Corte Suprema, e a obrigação de que a constituição de 34 deveria ser escrita na cartografia de 1891. Apenas isso. Porque, se assim não fôra, não se justificaria disposição de caráter permanente na transitoriedade dos textos constitucionais.

O que seria muito interessante era o de se indagar se a constituição cumpriu o texto que mandara a de 34, ser escrita

na ortografia de 1891. Absolutamente, não. Cada um dos redatores das emendas, dos projetos, das subemendas, dos discursos, dos apartes, das redações finais, redigiu do modo por que aprendeu, por que usa, ou do modo pessoal do taquígrafo, do tipógrafo. Daí as singulares contradições de se encontrar um vocábulo escrito de dois modos, de duas maneiras, em sua totalidade, muito longe do modo por que o Diário Oficial de 1891 ortografa determinadas palavras. Mas não fôra o artigo 26 das Disposições Transitórias cumprido, porque não tem objetivo e sómente é explicavel pela paixão e angustia de tempo em que fôra estudado e votado.

Os escritores, em geral, grafam determinados vocábulos, de duas ou tres fórmãs e julgam que, o verdadeiro, o certo, o exato é da maneira por que aprenderam ou se habituaram. Com essa mentalidade aguçada pela paixão, a cousa é vista atravez do temperamento de cada um e a conclusão é de mediocridade surpreendente. Porque, na hipótese, os julgadores não se instruem com o parecer dos mestres, dos técnicos, dos que poderiam esclarecer, com fundamento científico, toda a beleza do problema e a extensão de sua utilidade.

Nenhum de nós negará ao Snr. Candido de Figueiredo, uma das maiores capacidades mundiais, em assuntos linguísticos, grande sabedoria. Ouçamos-lhe a opinião sensata:

«Todos os escritores estão convencidos de que ortografam bem e, entretanto, cada qual ortografa de sua maneira. Como desencargo de consciencia supõem praticar a ortografia usual. A ortografia usual reduz-se á ortografia de cada um, o que dá em resultado cem ou duzentas ortografias diferentes e quasi todas autorizadas.»

Vejamos a palavra de um notavel jurista, o Snr. Costa Manso, em seu admiravel voto na Côrte Suprema:

«O que não concebo é que essa gente pretenda impôr á coletividade o que é de seu interesse pessoal. Advogar o retorno do país á desordem ortográfica é esquecer a tortura que terão de sofrer milhões de criancinhas, obrigadas a decorar complicadas fórmãs verbais e a debater-se nas teias de uma ortografia pejada de incoerências e, o que é peor, destituída de regras e principios uniformes. E dizer-se que, entre as pobres victimas do interesse e da rotina, se encontram os innocentes filhinhos ou netos dos supostos etimologistas. E ainda: «a questão é, a meu vêr, de suma importancia. A ela está ligado o futuro da nacionalidade.»

O professor Altamirano Nunes Pereira, em seu recente livro *Problemas da Ortografia*, exgota, com maestria, o assunto e diz:

«Ao terminarem os trabalhos legislativos, deixaram-se êles surpreender, no açodamento dos trabalhos, e votaram, por insignificante maioria, aliás, uma disposição transitória, em redação aberrante e incompreensível, segundo a qual queriam, os incidentes de seus poderes de legislar, fechar a evolução da lingua.»

Em seguida, analisa demoradamente a redação do artigo 26 das Disposições Transitórias. Estuda-o gramaticalmente, decompõe trecho por trecho e demonstra a sua inanidade quanto ao uso da ortografia de 1891 e conclue que, o que em vigor ficara, fôra a constituição. O resto escapa á ação do poder legislativo, para evitar que tambem fizesse leis, para modificar «a queda dos graves, a gravitação universal, a composição da agua», o que seria infantil disparate. A ortografia usual, em suas múltiplas grafias, é definida como sendo aquela que é de pratica corrente. E, na opinião de Candido de Figueiredo, há cem ou duzentos sistemas ortográficos, de prática corrente, donde se infere que na disposição da ortografia de 1891, são aceitos todos os sistemas gráficos, inclusive o simplificado. No entanto, a realidade mais surpreendente é que o texto mandou «adotar» a constituição e jamais a ortografia. Vejamos:

«Esta constituição, escrita na mesma ortografia da de 1891 e que fica adotada no país».

Que é que fica adotada no país, aceita no país, obrigatoriamente obedecida no país? Para ser a ortografia era desnecessaria e a constituição de 34 não foi escrita na ortografia de 91, pela razão muito simples de que não há, nem poderia haver «uma ortografia de 1891», mas, apenas, um modo de grafar as palavras de prática reiterada, que se filiam á historia da linguagem, muito antes da descoberta do Brasil e em cujo conjunto se aninham todas as variantes dos sistemas gráficos. Em 1934, a constituição não obedeceu a nenhum critério científico de regras uniformizadas, mas ao modo arbitrário e pessoal de cada um dos redatores dos textos.

E' verdade que o illustre autor da emenda, Sr. Nero de Macedo, espirito tolerante e conciliador, provavelmente tivera em mente buscar uma certa unidade ortografica, apenas, a redação não lhe deu a compreensão clara da idéia. E no tumulto do último minuto, fôra alterada ou aceita a emenda. Mas quando fosse outra a intenção evidente, cumpre distinguir entre a mente do autor intelectual de qualquer emenda e a compreensão de quem

a vota ou a aprova. E os que a votaram teriam dado a interpretação de que era a ortografia, que ficava em vigor ou a constituição, porque ageitada a emenda, o acrescimo, no meio de um texto final, que é a declaração solene de que todo o trabalho constitucional estava em seu termo definitivo, toda a materia houvera sido discutida, em longos debates, revista, reemendada, em seu termino final, não se compreende a intercalação de frases, no encerramento formalistico da constituição.

Essa disposição deveria ser em separado, em artigo conciso, anterior á formalidade que conclue, não só pelo seu valor, como tambem pela profunda revolução que viria fazer a intromissão legislativa em assunto de tão singular magnitude. E a duvida dos que aprovaram a ortografia intercepta o raciocinio do mais imparcial e sereno intérprete. Mas vamos supor que se quizesse estabelecer como padrão ortográfico a constituição de 1891. As dificuldades seriam insuperaveis: a de 91 tem mais ou menos, excluindo-se as repetições, dois mil vocábulos; a de 934 tem, mais ou menos, quatro mil e toda a linguagem portuguesa ultrapassa de cem mil palavras. Logo, não poderia referir-se á adoção ortografica de um padrão inexistente, mas á constituição e o decreto que instituiu a simplificação ortográfica está em pleno vigor, como variante evolutiva adotada no país. E demais o elemento histórico em nada esclarece a escuridão do texto, porque a ideia de se declarar expressamente revogado o decreto simplificador, que transparece nitidamente dos discursos, foi exatamente posta de lado, em confronto com o artigo 26 das Disposições Transitórias. E' doutrina pacifica que as leis devem ser interpretadas de acôrdo com a vida social e a sua utilidade coletiva. Se são ideias, discursos, doutrinas, opiniões deixadas á margem, sómente provam que não foram aproveitadas.

O Snr. Carlos Maximiliano afirma:

« Os motivos que induziram alguém a propôr a lei, podem não ser os mesmos que levaram outrem a aceitá-la »
(Hermeneutica e Aplicação do Direito, pag. 35).

A COLABORAÇÃO PORTUGUESA

Quando, em 1907, a Academia Brasileira apresentou um projeto de lei de unidade ortografica, houve opiniões que o invalidaram radicalmente. Certamente não foi a desnecessidade de coibir a balburdia reinante e a ortografia disforme, que levaram Latino Coelho a afirmar que « é o idioma de um povo a mais eloquente revelação de sua nacionalidade e de sua independência » e Castilho a proclamar que « a ortografia era ciência extranha que não tinha em Portugal dois sabios perfeitamente acórdes » e ainda o

velho Moraes que a ortografia seguida não representa a sua concepção filosófica e « declaro altamente e de bom som, que na maior parte a sigo contra o meu parecer, porque assim o querem. »

Candido de Figueiredo, incontestavelmente um grande mestre, diz: « a minha velha tendência para uma discreta simplificação de nossa anárquica ortografia, dentro das indicações etimológicas, das tradições da lingua e dos preceitos inconcussos da ciência da linguagem. » E, que teria de lutar contra « os recifes da rotina » e « os escarcéus dos escribas inconscientes. »

A tentativa academica era patriótica e de grandes beneficios para a cultura nacional. Mas o argumento básico dos que lhe oppunham embargos, era o de que faltava a colaboração de Portugal.

O Snr. Carlos de Laet foi de uma sinceridade impiedosa, quando repisa que « a reforma é inoportuna, porque sem haver consultado os mais competentes eruditos de outro lado do Atlantico, arbitrariamente legisla sôbre o que nos é propriedade comum, a portuguezes e brasileiros, e mais dêles do que nossa, porque fôram êles que nô-la deram e ensinaram. »

O Snr. Silvio de Almeida tambem a combate sob o mesmo fundamento: « qualquer nova sistematização gráfica se devia realizar em conjugação de esforços com o velho reino de Portugal ».

E com esses escritores, muitos outros, demonstravam a necessidade historica e científica de uma padronização grafica, em reunião de esforços com os filólogos portuguezes. Esse argumento, o unico solido, encontra raizes profundas na vida dos idiomas. Não podemos prescindir da cultura clássica portugueza, para aprimorar o escrever correntio e podar-lhe as enxertias, que o deslustram, sem decair o colorido local de seu ambiente físico. E' fonte magnífica de ensinamentos a que ninguem poderá segregar, insular, como matéria imprestavel e envelhecida, de cujo passado pudessemos descer definitivamente a cortina do esquecimento.

Vamos buscar mananciais mais remotos, onde se abordôa o raciocinio, para concluir a verdade historica dos vocábulos, como o latim, que continua a ser tesouro de cultura. E' sabido que os modernos não ultrapassaram os preceitos basilares da filosofia dos gregos. E para lhes conhecer mais intimamente a essencia de suas sadias concepções, que interessam a alta cultura contemplativa, modernamente se busca restaurar o estudo da lingua grega, para melhor entendimento dos enunciados fundamentais de sua cultura. E por que motivo e em nome de que verdade

científica se poderia, sem paixões, desprezar o conjunto dos monumentos primordiais do idioma português, de seus clássicos e de seus sábios? O acôrdo feito com os grandes mestres da lingua portugueza, por intermédio de sua Academia, encerra um compêndio de cultura política, transigência honesta a que tem direito soberanamente os que nos transmitiram a linguagem, que aperfeiçoaram, com requinte de cuidado e sabedoria. Ajustam-se, a estas apreciações, as memoráveis palavras, que transcrevemos do livro do Snr. Mota Assunção, *Origens da Ortografia da Lingua Portuguesa*, que as extraiu de Gonçalves Viana:

«A *alma mater* continuará a ser para o português, Portugal, como para o inglês, a Inglaterra, como para o castelhano a Espanha, enquanto estas nações subsistirem, e muitas, muitíssimas alterações e importantíssima evolução terão de sofrer os tres idiomas nos países onde êles se originaram, antes que êsses países desapareçam politicamente da face da terra e do desenho dos mapas. Nem sómente isto. Admitido mesmo um distante porvir, êsse aniquilamento, o espirito dessas nações perdurará ainda por tempo incalculavel: o latim universal, era o latim de Roma, como o grego comum, o da Grecia, como o italiano literário é o da Toscana.»

OS PADRÕES ORTOGRÁFICOS

Admitindo-se, por simples condescendência, que a constituição se refira á existência de uma ortografia, em 1891, qual lhe seria o padrão? A usual, a que todos usam, inclusive a simplificada, que é usadissima? Mas, onde, então, a proibição do uso de uma ortografia simplificada nos atos officiais, que é variante desgalhada do cerne etimológico de 1891?

E' verdade que, entre os romanos, a vontade do principe tinha força de lei: *quod princeps placuit, legis habet vigorem*, mas, entre nós, que vivemos em uma democracia, é insuportavel arbitrariedade a imposição de uma conclusão que não se aninha no texto constitucional, em face da ciência rudimentar da linguagem e a sua aprovação por parte da constituinte não revogou o decreto do acôrdo ortográfico, que é, tambem, norma jurídica de direito internacional, sem a menção expressa e iniludivel da revogação de um direito singular, de exceção, aprovado por força do artigo 18 das Disposições Transitórias.

Vamos supôr que toda essa argumentação timbre pela cegueira intelectual, exatamente como a corrente contrária que só vê no texto constitucional a obrigação de cada um grafar, como

entende. Ou melhor: o candido raciocínio consiste em julgar obrigatório, em vigor, o modo por que cada um escreve, contanto que se dupliquem as consoantes e se enxertem letras inuteis.

Ficamos na mesma dúvida: qual o padrão ortográfico? Se quizerem orientar-se pela ortografia da constituição, teríamos mais ou menos duas mil palavras para modelo de quatro mil e, o que é mais grave, para cem mil palavras da lingua portugueza. Evidentemente não é possível tomar por base a letra constitucional: «escrita na mesma ortografia da (constituição) de 1891». Formulemos outro raciocínio: o que se entende por «ortografia de 1891» é o conjunto da escrita existente, nessa epoca em que se terminou a primeira elaboração da constituição republicana; é o modo, enfim, por que se grafavam os vocábulos até aos nossos dias. Nêste caso, como soberano julgamento, dois grandes luminares deveriam ser apresentados, como padrões, para o ensino: Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro. E' conveniente frisar que não são as regras gramaticais que nos interessam, mas um grande problema educativo, que temos a iluminar, resolver, desobstruir. Incontestavelmente, foram os dois grandes brasileiros que joeiraram o Codigo Civil, em debates memoraveis, que enriqueceram a literatura parlamentar. Nos livros em que altearam o gigantesco prelio, primeira edição, os vocábulos estão assim grafados:

Ruí Barbosa	Carneiro Ribeiro	Ruí Barbosa	Carneiro Ribeiro
literalmente	litteralmente	juntar	ajuntar
descaiu	descahio	decair	decahir
escarceu	escarceo	descaimento	descahimento
exgotam	exgottam	recebeu	recebeo
despida	despeça	caír	cahir
mau	mao	caída	cahida
alfabetam	alphabetam	português	portuguez
teceu	teceo	francês	francez
arithmeticamente	arithmeticamente	inglês	inglez
escreveu	escreveo	francesismo	francezismo
caiu	cahio	francesice	francezice
ter-se-ia	ter-se-nia	portuguesa	portugueza
deu	deo	inglesa	ingleza
estrugiu	estrugio	francesa	franceza
desapareceu	desappareceo	offereceu	offereceo
julgar-se-á	julgar-se-há	plebeu	plebeo
ecoou	echoou	hollandês	hollandez
viu	vio	saiu	sahio
repouso	repoiso	agua	agoa
valeu	valeo	omittiu	omittio

Ruí Barbosa	Carneiro Ribeiro	Ruí Barbosa	Carneiro Ribeiro
bebeu	bebeo	DEUS	DEOS
estão	estam	meu	meo
sairam	sahiram	seu	seo
redigiu	redigio	letra	lettra
morreu	morreo	letrado	lettrado
cedeu	cedeo	literatura	litteratura
esparzio	espargio	literario	litterario
leu	leo	saiu	sahio
seus	seos	STYMAS	ESTIGMAS
meus	meos	logar	lugar
rompeu	rompeo	egual	igual
poder-se-á	poder-se-há	egualmente	igualmente
leguas	legoas	egualar	igualar
dar-se-ia	dar-se-hia	recair	recahir
saidas	sahidas	tyrania	tyrannia
cuido	cahido	ceus	ceos
ouviu	ouvio	escola	eschola
ver-se-á	ver-se-há	epoca	epocha
ter-se-á	ter-se-há	eco	echo
extinguiu	extinguio	contanto	comtanto
forneceu	forneceo	resaem	resahem
esqueceu	esqueceo	juntar	junctar
grau	gráo	caiu	cahio
suggeriu	suggerio	descaiu	descahio
teus	teos	sair	sahir
teu	teo	azo	aso
casar-se-á	casar-se-há	egreja	igreja
deu	deo	synonimia	syronymia
conseguiu	consequio	idea	ideia
ecoar	echoar	lingua	lingoa
fugiu	fugio	synonimo	synonymo
induziu	induzio	synonimamente	synonymamente

Qual o padrão homogêneo para que um professor consciente o ensine às crianças das escolas? E, ensinando-as, sinta a satisfação científica que advém do conhecimento sincero de um problema, enfim, da probidade intelectual. Se são pasmosamente antinômicas, nas palavras mais em uso, e a verdade uma só, um dêles está errado. Na hipótese, qual o que está errado e qual o que está certo? Se nenhum dêles serve, com que padrão honesto poderemos nortear as crianças e a mocidade das escolas? Estas perguntas ficam sem resposta. A intolerância e a vaidade são as

armas em que se escudam para vibrar golpes na unidade ortográfica brasileira. Fingem ignorar que o problema é eminentemente educacional e querem transportá-lo para a aridez da gramática. Mas tudo será inútil. Podem fazer outra constituição e declarar que a ortografia fica emparedada ou morta nos albores de nossa vida republicana, a idéia vencerá, porque encerra verdades científicas e de alto alcance para as nacionalidades que não querem morrer, nem devem perecer na rotina esmagadora de seguir padrão disforme, que ninguém conhece, a não ser pelo uso, ou evitar que se propague outro menos imperfeito e mais seguro.

O GRANDE SIMPLIFICADOR

O gênio de Rui revela-se em toda a plenitude, na sua formidável tendência para a simplificação ortográfica. Em seu monumental livro A REPLICA, primeira edição, cuidadosamente revista, há vocábulos escritos de conformidade com o que preceitua a reforma ortográfica, idealizada cientificamente:

« Afigura, luta, tutela, setas, alfabetam, contanto, acôrdar, descaiu, eco, ecoou, decair, caída, saiu, letra, cair, letrado, epoca, resaem, juntar, exgotam, português, inglês, francês, francesice, portuguesa, omisso, eliminação, tradição, autoridade, escritura, cairá, condição, cae, excusava, sonancia, teor, acintemente, acodem, equivalencias, etc. »

Poderá alguém negar que essa variante ortográfica do grande brasileiro esteja em desacôrdo com a ortografia de 1891? E quem a seguir esteja a violar a disposição constitucional? A invocação dramática da grafia de Rui, é argumento contrário. Serve para provar que a simplificação ortográfica seguida pelo grande mestre não pode estar fóra dos textos constitucionais, como variante evolutiva da ortografia de 1891, ou melhor, da ortografia antiga. Porque, se assim não fosse, a conclusão seria alarmante e espantosa: inconstitucional a grafia de Rui, quando a simplifica, procura arejá-la, pôdar as letras inuteis ou erradas, mas legal quando duplica consoantes inuteis ou as enxerta em meio dos vocábulos. Será realmente êsse disparate o critério constitucional? Não cremos que fosse essa a intenção do parlamentar operoso e digno Sr. Nero de Macedo. E' que S. Excia. pretendeu fixar em uma linha geral, firme e fixa, material movediço, ondulante, evolutivo, que é apenas interpretado atravez das tendências subjetivas de cada um. E' natural que, dentro dessa incontestavel verdade, não haja, não possa haver, qualquer critério orientador ou norma unica que esclareça o texto da carta constitucional.

Se tivéssemos a lamentar algum facto, nós o faríamos da certeza de nossa desvalia, para fazer um apelo aos intellectuais brasileiros no sentido de que revisem o problema, sem a paixão que transparece nas entrelinhas, de seus escritos. Porque o insulto não é argumento, mas a simples manifestação de um estado d'alma, incompatível com a logica das conclusões seguras.

O que ao Senado, a nosso vêr, compete, com a sua indiscutível autoridade moral, é fixar o exato sentido do texto e deixar aos técnicos a solução racional do problema, com ampla liberdade científica, se não preferir eliminar a emenda perturbadora e ultra-vaga que não tem, no momento, nenhum vigor, mas serve para alimentar as paixões que os debates desta natureza provocam.

E' conveniente mais uma vez acentuar que não se trata de simples parolice de intellectuais caprichosos, mas de um problema profundamente educativo, que interessa á nova geração brasileira, a que não temos o direito de negar os grandes beneficios das conquistas filológicas dos maiores sábios universais, especializados na matéria. E' tão inexpressiva a disposição constitucional que, se quizermos verificar a grafia de Camões, o consolidador da lingua portuguesa, chegaríamos a uma conclusão melancólica, se não fôra a seriedade do assunto e problema fundamental para o Brasil.

A edição de 1572, de Camões, segundo nos dá noticia Candido de Figueiredo (A Linguagem de Camões), traz a grafia autêntica em determinados vocábulos:

« danç, assinalar, aumento, sinal, contigo, ciencia, centro, quis, Espanha, magestade, português, etc. »

E nota ainda o Snr. Candido de Figueiredo que « em numerosas passagens de seu poema, usou exclusivamente a fórmula simplificada de centenaes de vocábulos, que os pseudos etimologistas, especialmente do século passado, enfeitaram de letras inúteis. »

Agora, o verdadeiro despropósito; a constituição condenará a grafia de Camões, quando a simplifica, a aproxima de maior exatidão científica, ou, apenas, a admite quando apparecem duplicações de consoantes ou letras inúteis enxertadas em meio dos vocabulos ?

Exatamente, como em Rui Barbosa, apparecem as mesmas dificuldades em Camões. Bastam êstes dois exemplos para que se avalie da enleada constitucional e a falta de boa vontade dos intellectuais brasileiros que não desejam, fóra do prisma em que olham a questão, maiores esclarecimentos. O disparate é singu-

lar: constitucional a grafia de Camões e Rui, em parte, na duplicação de consoantes, letras mudas incluídas nas palavras, etc. mas rigorosamente inconstitucional, embora lididamente vernácula, quando os vocábulos surgem límpidos e despídos de letras inúteis. Porque, não é crível que a cultura brasileira seja capaz de proferir tão bárbara sentença e dar mostras de que somos tão infantis que, por meio de um texto constitucional, negamos autoridade a Rui e a Camões, como se os grandes luminares tivessem incorrido no delito de sabedoria e de eternos guias dos que, modestamente, os seguem á procura dos segredos do idioma pátrio, que é, na sua linguagem escrita, repositório sagrado de nossas tradições e de nossa história.



A Pátria e a Cultura

Isac Sóvoas

Discurso proferido na solennidade promovida pelas sociedades culturais de Cuiabá, na casa "Barão de Melgaço", em commemoração ao Dia da Pátria, a 7 de Setembro de 1939

Mais uma vez, vejo, com satisfação, reunida neste sodalicio, a sociedade cuiabana, no que ela tem de mais seieto e representativo, para assistir à glorificação da Pátria, pelas sociedades culturais da nossa terra.

Ainda perdura na minha mente, a pompa desuzada, o brilhantismo invulgar, com que, ainda no ano passado, foram encerrados nesta casa, onde a ciencia erigiu o seu trono e a arte seu altar, os festejos comemorativos da semana da Pátria.

Jamais deixou a intelectualidade patricia de prestar o seu culto sempre sincero e devotado á Pátria estremecida, timbrando, até, como aliás lhe cumpre, em ser sempre a vanguardeira do patriotismo, a pioneira do civismo.

Bastante razão teve o prestigioso e acatado Presidente da Academia Matogrossense de Letras, quando sentenciou, ha quatro anos já, em uma solenidade análoga a esta, que « neste santuario, onde as letras e as ciencias se associam no devotamento aos mais puros idealismos, para, acima de quaisquer outras cogitações, a imagem querida e sagrada do Brasil. »

E este pronunciamento sublime das associações culturais deste privilegiado rincão da nossa terra, este exemplo edificante e construtivo da intelectualidade indigena, tem sido, força é confessa-lo com orgulho, o mesmo que se nota em todos os qua-
drantes deste grande e nobre paiz, onde palpita o coração brasileiro. E' que as classes pensantes de todo o nosso territorio patrio, na mais perfeita comunhão de ideais e de sentimentos, acham que os nossos numes tutelares, os nossos herois abnegados, os artifices máximos da nossa nacionalidade, merecem, alem dos registros fiios dos seus feitos gloriosos nas paginas da historia, a sua consagração perene nestes cultos externos de devoção civil, afim de que, as suas memorias veneraveis, ao envez de irem-se estiolando, esmaecendo-se até perderem-se definitivamente na noite tenebrosa dos tempos, surjam constantemente diante dos nossos contemporaneos, em todo o esplendor de sua beleza, iluminada sempre pelo sól resplandecente do nosso patriotismo, perpetuando-se gallardamente atravez dos tempos, para edificação perene das gerações que se sucedem.

Essas classes pensantes do Brasil inteiro, têm como nós o seu templo votivo, as suas aras sagradas, onde vão queimar, no fogo vivo da sua fé e da sua admiração, as melhores e mais puras oferendas da posteridade agradecida.

Desse modo, senhores, cá e lá, em toda « a vasta amplidão deste céu » se festeja, se glorifica a Patria, na invocação sublime das odisséas escritas com tanto valor e com tanto heroismo pelos destemerosos paladinos que lançaram as bases do suntuoso edificio nacional — esse patrimonio sagrado que felizmente temos sabido conservar ileso como nos foi transmitido pelos nossos maiores e que, com sensatez que nos recomenda, procuramos preparar para defende-lo um futuro ainda melhor do que este presente.

No decurso desta semana, devotada toda éla ao culto sublime da Patria, em que os nossos corações se expandiram da mais justa satisfação ante tantas e tão vivas demonstrações de brasilidade, assistimos á glorificação da patria no preito que se rendeu aos heróis que por ela tombaram nos campos da luta, selan-

do com seu sangue precioso os seus protestos contra a conspiração da liberdade patria e a invasão do seu territorio.

Assistimos á glorificação da Patria pelas suas forças armadas — essas que são, na hora presente, a viga mestra da sua defesa e pela sua mocidade gárrula que será amanhã a guardiã valorosa, a depositária impeterrita dos seus destinos, a defensora intemerata da sua integridade.

E' justo que se preste tambem neste momento, antes que seja encerrada a festa brilhante do patriotismo e do civismo, a homenagem sincera do nosso reconhecimento e da nossa admiração áqueles que souberam, com o brilho da sua inteligencia e o vigor do seu talento, ser os agitadores maximos das grandes reivindicações nacionais.

Não precisarei, senhores, lembrar aqui os nomes gloriosos dessa pleiade illustre de intelectuais brasileiros que tanto lutaram a prol da nossa liberdade no feito memoravel que a nossa historia perpetuou com a denominação de Inconfidencia Mineira.

Si é verdade o malogio dessa conspiração, si falhou o golpe habilmente preparado contra a prepotência de alem-mar, não morreu, entretanto, o ideal. Continuou a latejar com veemencia no coração brasileiro, até explodir, tempo depois, triunfante, no memoravel feito da nossa Independencia, de que foram arautos abnegados Gonçalves Ledo, com o seu poderoso ariete que foi o "Reverbero Constitucional Fluminense," José Bonifacio de Andrade e Silva, Fagundes Varela e outros.

Estavamos livres da tutela de Portugal; a nacionalidade brasileira estava firmada. Mais tarde, foi preciso extirpar um quisto que lhe deformava a fisionomia. Surge a campanha abolicionista e durante ela fulgem as cerebrações potentes de Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, Ruy Barbosa, Teixeira Mendes, Castro Alves e tantos outros talentos formosos que com suas penas fulgurantes, com suas palavras mágicas e suas liras inegalaveis juntaram á Patria livre mais os qualificativos de nobre e humanitária. Surge, depois, a luta contra o regimen monarchico que sofreu um hiato quando poder mais alto se levantou diante de nós: a guerra contra a Republica do Paraguai.

Dominada essa luta titânica a que fomos arrastados pela insania de Solano Lopes, não tendo mais inimigos externos a debelar, volta de novo o povo brasileiro a sua atenção para as cousas de casa. Mister se fazia a implantação de um regimen mais adequado á indole brasileira.

E a propaganda republicana resurgiu, tornando-se intensa e ceciva. A esse tempo Benjamin Constant, o ídolo da mocidade

da Escola Militar, eletrisava os seus alunos com sua propaganda inteligente, sábia e decisiva. Nos quartéis, a atuação de oficiais esclarecidos propagava as ideias que ganhavam terreno aqui fóra, graças ao verbo inflamado de Lopes Trovão, Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo, Silva Jardim e tantas outras sumidades que longo seria enumerar.

O terreno estava tão bem preparado que o feito magnifico do grande Marechal Deodoro não nos custou uma gota de sangue!

E o nosso Paiz cresceu e prosperou. Transformou-se nessa joia preciosa da America do Sul, cobiçada pelos povos alienigenas como a terra do mundo onde é mais agradável o viver social. E tentaram implantar no seu solo abençoado as suas ideologias exóticas.

O povo brasileiro, porém, avesso por educação e por indole a esses malsinados crédos de importação estrangeira, o povo brasileiro, repito, guiado por um governo fórté, solidamente amparado pelas suas forças armadas e por todas as camadas populares, extirpou abnegadamente do seu sólo o cancro maldito do extremismo rubro e o Brasil, sob o influxo salutar do novo clima que lhe foi creado, á sombra da paz benefica que desfruta, vem reunindo as suas melhores energias, coordénando os seus esforços, trabalhando com o mais edificante empenho para crescer ainda mais, subir até os cimos que lhe estão reservados e lá librar-se rainha, no concerto das suas co-irmãs.

Senhores. Na hora que passa, vendo o esforço construtivo do Brasil, no sentido de preparar para si uma felicidade cada vez maior, e contemplando o panorama que nos oferece a velha Europa, sacudida pela terrível hecatombe da guerra, assalta-me a mente o quadro que nos oferecia a Italia da Renascença. Emquanto as tropas francezas talavam o sólo italiano, os sábios discutiam o platonismo e os pintores e poetas, os discipulos de Arquimedes de Tasso e Maquiavel não sentiam o estrepito das armas invasoras.

Emquanto na Europa se desencadeia a mais tremenda guerra que, como imenso vulcão, tenta fazer desaparecer na sua voragem tudo o que ha de bom, de grande e de valor; em que se vêm rolar para os abismos insondaveis tantas conquistas sublimes alcançadas pelas ciências, pelas letras e pelas artes; em que o troar do canhão destróe pela base civilizações milenárias, como é doce a vida longe desse monstro de devastação e de ruínas numa patria livre e feliz, onde se possa trabalhar sempre para a sua suprema gloria, sem se sentir o fragor das batalhas com a sua ancia indomita de lançar por toda a parte, a desolação, o luto e a dôr.

Assim é que te queremos sempre, Brasil.

Vivendo sempre dentro das raias do teu pacifismo tradicional, isento das ambições de conquistas que têm maculado outros povos.

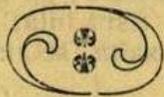
Grande, pela vasta sequencia dos feitos valorosos dos teus filhos, que se harmonisam perfeitamente com a tua invejável extensão territorial.

Feliz, porque soubeste fazer-te soberano dentro de uma natureza prodigiosa que é tua e que encerra em seu seio os maiores potenciais de grandeza e onde se desfruta uma vida autônoma, na plenitude singular da sua beleza.

Respeitado, porque os teus filhos apesar de não possuírem a indole belicosa que se nota nos filhos de outras nações, sabem, nas ocasiões oportunas, ter impetos galhardos de varonilidade, de que constitue prova irrefragavel a sua historia, em que, cada pagina é uma afirmação soberba do heroismo daqueles que descendem de ti.

Has de ser sempre assim, porque os teus fiihos illustres, os teus valorosos generais como os teus soldados, aqueles que deram o seu sangue pela tua liberdade e aqueles que venceram tantas vezes sem nunca serem vencidos, como o grande Caxias, são os teus anjos tutelares, são os teus apóstolos, são os teus santos.

Eles velam ainda por ti, iluminando o caminho dos que te governam.



VELHAS IMAGENS

Oscarino Ramos

SAUDADE

Mal se tingio das côres levantinas, o horizonte á margem do rio sussurrante, floriu, em haste esguía, a solitária flôr azul. . .

E quando o dia esplendeu, como uma ânfora erguida em louvor á Natureza em festa, ela pompeava. . .

E lá veio o côro unisono dos pássaros canoros. . .

E, sôbre ela, o zumbido e o revuluteio do besouro doirado. . .

E aquelas paragens se povoaram do cantar alegre das lavandeiras, enquanto os pescadores, satisfeitos, desciam o rio com a sâfra das pescarias plenas. . .

E veio o meio dia. O silêncio das horas quentes. . .

A fuga da lida escaldante. . . O torpôr. . .

E não tardou que no céu surgisse a tinta dos poentes escarlates e o dia esmaecesse. . .

A solitária flôr azul que, pela manhã, era vida, esplendôr, símbolo, ao primeiro arrepío da aragem vespertina, estremeceu e, melancólica, se inclinava, certa de que nunca mais ouviria o canoro rumôr das aves, o murmúrio do rio, sentindo, apenas, em volta, a amplidão, a sombra da noite que tudo acolhe, misteriosamente, como se fôsse a propria Mórte.

POENTE

Sôbre a estrada solitária caem as primeiras sombras do entardecer. O silêncio se alarga.

A paz, a grande paz, por certo, não tardará.

Dentro dêste silêncio, sózinho, pergunto a mim mesmo: Afinal, porque êste rumôr, lá fóra? Esta luta, louca e inutil, em busca de tudo que a ambição humana exalta, se tudo emudece diante da única realidade que é o Nada?

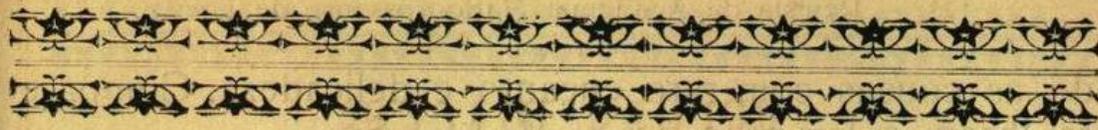
INSÔNIA

Lúgubre, a noite desceu e veio, depois, a manhã orvalhada, sorrindo, para o esplendôr da vida.

Essas longas horas, passei-as, insone e aturdido, como se atravessasse um soturno túnel, preso á angústia da vigília pavorosa.

Manhã alta. . .

Ainda tenho os olhos mareados, o coração opresso, a boca amarga, cheia do teu nome.



DISCIPULO DE IBSEN

Estevão de Mendonça

As simpatias que nutro pelas manifestações da vida suéca vieram-me de época recuada e tiveram origem em razões afetivas. Comecei admirando o rei da corôa dual, e essa admiração mais adiante converteu-se num culto sincero, quando Oscar II, o sábio e querido monarca, lançou á face do mundo um exemplo sem par.

O fato é de ontem. A' proclamação do *shotthing* norueguês de separação, a corrente exaltada do unionismo reclamou a reivindicação pelas armas. O monarca se opôz: — «Estou velho e tenho vivido bastante; jámais consentirei que o sangue suéco corra em luta contra o povo norueguês», e entregou á nação o seu manifesto de sabedoria e de respeito ao país que se desligava.

Quebrou-se a união quási secular, mas não se quebraram as afinidades da raça. Ficaram intactas as expressões de cultura e o mesmo idealismo profundo, que mais e mais se acentuam nas obras dos seus expoentes. São os mesmos pesquisadores da alma, dizen-

do as cousas com raro encanto e delicadeza. Compare-se Ibsen, e leia-se a "Gosta Berling Saga".

Oswaldo Alving, nos *Espectros* proclama a alegria da vida: « Não posso ficar aqui, onde se aprende a considerar a vida como um vale de lágrimas ». Agora a sensibilidade de Selma Lagerlof, aliás dona do premio Nobel:

« Eu temo ferir a terra caminhando em cima, abrir a agua tocando-a com os remos. Nas plantas, nos animais, sinto como que fraternidade e espero que a terra se abrirá amigavelmente para acolher-me morta. »

Uniformemente sutis, graciosas e fidalgas, são as produções literárias da "península do amôr", donde ora vem Axel Lindman ao sabor de "Uma casa de boneca", desdobrando a mesma tése indecifrável.

Inoportuna, porém, neste momento de inquietação universal.



CHICO SIMPLICIO

Mario Serra

Quem, naquêlê povoâdo marginal do limpido Cuiabá, não conheceu o Chico Simplicio?

Campava de ser eleitor do Coronel Fulgêncio; ganhava de pegar animais extraviados e de capturar camaradas fugitivos, conduzindo, escoltado, o infeliz, com os braços atados pelas costas, ao patrão desalmado.

Dado a barganhas desonestas, sua vida consistia em viajar sem parada certa: anoitecia num lugar e amanhecia noutro.

Quando surgia a uma volta de caminho, seu "alazão" vaqueano, poncho vermelho á garupa, antipatisado como era por todos que lhe conheciam a alma de vileza, a noticia de sua chegada desassossegava como uma sombra sinistra.

Corria, então, á boca pequena: que furtara um cavallo do terreiro de "seu" Tertuliano, por ocasião de uma festa que este fizera em louvor de São Sebastião;

que havia inimizado, com a sua intriga venenosa, o “Manoel Quiabo” contra “Manoel Peitodinho”, a proposito de uma canôa que não amanhecêra no porto de Manoel Leite; que tocaiara a “nho” Pedro, no caminho que ia dar ao rancho de “Vitú”, por causa de uma cangalha velha que aquêlê lhe reclamara, só não matando o compadre por milagre de Deus Nosso Senhor.

Quando se julgava morto o andejo, aparecia êle gingando o corpo, a saudar os “brancos” com o seu “São Cristo” de tipo lambanceiro, monstrando a dentuça amarelada pelo fumo de rolo, num sorriso adulator.

No “sapicuá” de montada que o Chico Simplicio trazia infalivelmente, ao lado da passóca e da rapadura, a cachaça não faltava nunca. Com êle andava sempre uma garrafa. E estalava a lingua e revirava os olhos quando tomava uma “talagada” esvasiando o copo de chifre depois de uma cuspinhada de esguicho.

Entre os moradores do logarejo, sua fama tinha feição de lenda. Diziam que uma vês o “costuraram” a um couro, para não fugir, e que de outra feita o Sub-Delegado da freguezia proxima mandara aplicar-lhe dois tiros de polvora seca na cara, á queima bucha, porque não havia meio de se corrigir com outros castigos que já havia experimentado, como as palmatôadas, as surras de laço e o suplicio do trônco, quasi sempre por causa de furtos, ou por bater a lingua, a proposito de cousas politicas.

Por ocasião de revoluções no estado, tomava parte ativa nas pilhagens e nos saques, levando a sua audacia até ao sacrilégio com o furto de objéto de culto das igrejas.

Não ligava a minima importancia aos conselhos que alguns conhecidos ainda lhe davam.

A bôa velhinha Ferreira lhe dizia que rezava todos os dias para que Nossa Senhora da Conceição o protegesse porque fim de “mafeitô” era muito triste.

Chico Simplicio encolhia os ombros. Se enxergava uma "morena", dava geito, em espelhinho de turco, na gaforinha atrevida.

E, assim, corria a vida do pardavasco.

Um dia de manhãzinha, espalhou-se a noticia de que o Rondcm cantador fôra assassinado e seu cadaver havia sido encontrado esfaqueado na estrada.

Houve indignação geral contra tão inaudita covardia, e um movimento de piedade quebrou a dôce tranquilidade daquele povôado.

A autoria do crime foi logo atribuida ao Chico Simplicio, que insultára, á tôa, o pobre velho, no dia anterior e, detalhe mais grave, Chico Simplicio apresentava em um braço, um grande arranhão, que se supunha feito pela vitima.

Embora tivesse ficado provada sua culpa em processo regular, foi ele impronunciado por proteção do Coronel Fulgencio.

O homem tinha os dias contados, medidos, e, talvez adivinhando qualquer cousa, vivia com medo de chinelo virado e de braços abertos entre os portais, mas, sem refrear os seus maus instintos...

Até que lhe deram cabo, culminando a tragedia de sua morte, praticada de maneira misteriosa, em malvades de arrepiar cabelo.

Conta-se que foi isso em Setembro ou Outubro de 1906, pouco depois do movimento armado que poz fóra do governo o malegrado matogrossense Antonio Pais de Barros.

A noite, velada pelas estrelas, ia alta.

Os vagalumes riscavam o espaço de luminosidade, como se mãos invisiveis e presagas tarjassem de amarelo uma mortalha.

A quando em vês, um longinquo latido de cão fendia a quietudê daquela hora sertaneja.

Conduzido o famanás á beira de uma baía, sob os cochichos de tres caboclos dobrados, tiraram-lhe ali a camisa e o amarraram a uma arvore. E o laço trabalhou... Chico Simplicio pedia, suplicava, implorava. E nada... Os açoitadores descansavam enquanto molhavam as costas do infeliz para, daí a pouco, surrarem de novo. Chico Simplicio, já sem forças, lavado em sangue, soltava, agora, gemidos dolorosos... Depois desataram o coitado, mas, quando, cambaleante, êle dava alguns passos, um dos seus algôzes descarregou-lhe na cabeça tão forte paulada que chegou a tinir.

Um ronco e Chico Simplicio caiu pesadamente por terra, de bruços, com os braços em cruz, sendo o seu corpo arremessado, ainda com vida, á voracidade das piranhas.

No silencio da selva adormecida, a "acaúaã" gargalhou sinistramente...

Dir-se-ia que rondava o destino de Chico Simplicio...

Rio, Fevereiro, 939.

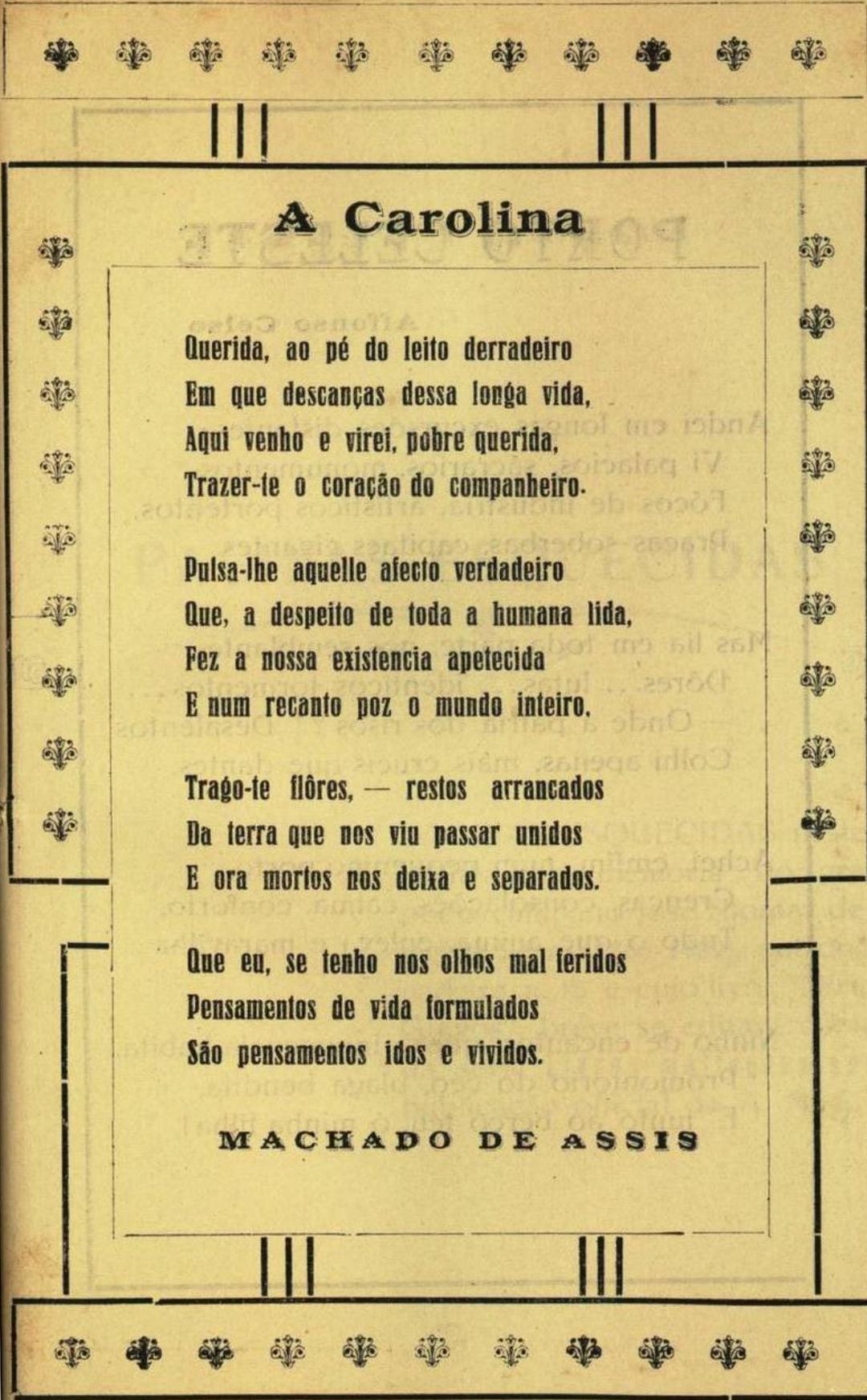
Qualquer semelhança ou identidade com pessoas e fatos da vida real terá sido méra coincidência, de vez que os personagens e intenções deste conto são pura invenção do autor.



PAGINAS DOS MESTRES



Consoante velha praxe, PAGINAS DOS MESTRES tributa um preito á memoria de dois grandes Escriptores brasileiros: Machado de Assis, cujo centenário do nascimento se commemorou ha pouco e Afonso Celso, fallecido no anno pp.



A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descanças dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existencia apeteçada
E num recanto poz o mundo inteiro.

Trago-te flôres, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados
São pensamentos idos e vividos.

MACHADO DE ASSIS

PORTO CELESTE

Affonso Celso

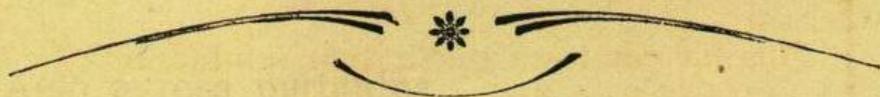
Andei em longas excursões distantes :
Vi palacios, sacrarios, monumentos,
Fócos de industria, artisticos portentos,
Praças soberbas, capitaes gigantes.

Mas lia em toda parte, nos semblantes,
Dôres... lutas... identicos tormentos...
— Onde a patria dos risos ?! Desalentos
Colhi apenas, mais crueis que dantes.

Achei, emfim, num pequenino porto,
Crenças, consolações, calma, conforto,
Tudo o que anima, enleva e maravilha :

Ninho de encantos, que a innocencia habita,
Promontorio do céu, plaga bendita,
E' junto ao berço teu, ó minha filha!

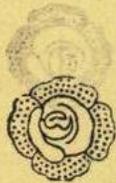
PAGINAS ESQUECIDAS



PAGINAS ESQUECIDAS neste n.º.
preitêm a memoria do grande
poeta cuiabano José Thomaz de Al-
meida Serra (1866-1889), patrono da
cadeira n. 16 e cujo livro "Mirtos e
Goivos" breve se editará como 1.º
da serie **Livros mattogrossenses**,
publicação official da A. M. L.

Canto de amor

José Thomaz



Amo a nuvem côr de opala
Que á luz da aurora se embala
Do céu na eburnea amplidão ;
Amo a estrella fugitiva
Que rutila em noite estiva
Nos seios da escuridão.

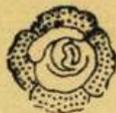
Amo a rosa purpurina
Que desabre na campina
Ao frio sopro da brisa;
Amo o arroio transparente
Que sobre o tapiz virente
Das longas veigas — deslisa.



Amo o iris cambiante
Que deixa no espaço errante
Do sol o raio final.
Amo a tímida rolinha
Que geme triste a tardinha
No umbroso asylo do val.

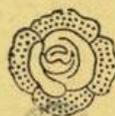
Amo a branda sensitiva
Que estremecendo se esquiva
Aos beijos da guanamby,
Amo as canções ternas, mestas,
Do sabiá das florestas
Nas moitas de burity.





Amo a palmeira frondosa
 Que eleva a côma mimosa
 No seio da solidão;
 Amo a gentil andorinha
 Que acende, célere, asinha,
 Do ether a vastidão.

Amo a tarde que esmorece
 Quanto a trega noite, desce
 Desenrolando seu véo;
 Amo a luz da tibia lua
 Que diaphana fluctua
 Na nivea gaze do céu.



Mais que a nuvem, mais que a estrella,
 Mais que a rosa pulchra e bella,
 Mais que a lympha, iris, rolinha,
 Que a sensitiva, que os cantos
 Do sabiá, que os encantos
 Da lua e luz que definha,

Amo o angelico sorriso
 Que paira incerto e indeciso
 De uns labios na rosea flôr...
 Amo o olhar languoroso
 E o arfar voluptuoso
 De um seio em lúbrico ardor...

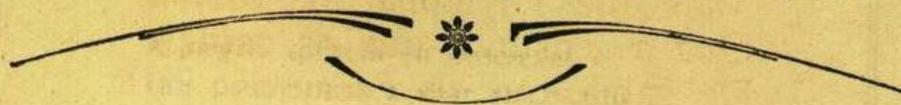


É que esse doce sorriso
 Me desvenda um paraiso
 — Aurora de luz mais pura...
 E nesse olhar, nesse anseio,
 O primeiro canto leio
 De um poêma de ventura...



Cuiabá, 26 de outubro de 1884.

PAGINAS DOS NOVOS



POEMA DA MINHA TERRA

Glorinha Novis

Ao prezado amigo Dr. José de Mesquita

Eu quisera cantar, da minha terra,
Os encantos sem par da natureza;
Toda a riqueza que o seu seio encerra,
Todo o esplendor da sua ideal beleza.

Quisera descrever seus lindos campos,
— Seus imensos lençóis verde-estampados —
Povoados de exóticos encantos,
De suaves odores perfumados.

Adornados de ninhos, e de flores
Dos mais ricos matizes e perfumes;
E habitados por pássaros cantôres
Que soltam hinos ou tristes queixumes.

A alegria quisera eu descrever
Dos passarinhos a vôar em bando
Desde a manhã até o anoitecer,
Pousando aqui, e ali, indo e voltando.

E as borboletas!? Que diria eu delas,
A adejarem sutis de flor em flor? ...
Como são lindas! ... Ah! como são belas!
São um encanto! Um verdadeiro amor!

Quisera traduzir o triste canto
Das tristonhas rolinhas do sertão;
E o da jaó que mais parece um pranto
Em gemidos que vem de um coração.

Quisera descrever a austeridade
Dessas vetustas matas colossais! ...
Com árvores que são de toda idade
E as imensas riquezas vegetais.

Ainda o contraste da severidade
Dessas grandes florestas ancestrais
Com essa encantadora alacridade
Das suas ledas horas matinais.

Quando as aves despertam na algazarra:
Os "trespotes", marrecas, atancuãs...
E principia a musica bizarra
Das cigarras, as nuncias das manhãs.

As aguas cristalinas dos regatos
Que cantam sempre, alegres, a rolar
Sôbre um leito de lindos aparatos,
Quem me dera, meu Deus! poder cantar!

Das cascatas... Quem dera poetizar
A agua despenhando-se em cachões!
Como se fôra um véu cor de luar
A produzir ruidos de trovões.

Tambem quisera descrever os rios
Das mais variadas e lindas barrancas,
Onde cismam os pássaros vadios,
E as garças pescam, brancas... muito brancas...

Onde em meio dos verdes saranzais,
Encontram-se, não raro, tão sózinhas,
Florinhas meigas, puras, sem rivais,
Junto ao ninho das aves ribeirinhas.

Êsses rios de curvas sinuosas,
A correrem, de manso, muito lento,
E em cujas praias alvas e formosas
Crocodilos repousam ao relento.

Êsses rios profundos, multicores,
Que tudo arrastam na sua corrente!...
Cujos rebojos ameaçadores
Dão calefrios, se alma tem a gente!

Com os pantanais que formam nas enchentes
E a lufada dos peixes a boiar,
Com os seus biguás e baguaris contentes,
Atrás dos lambaris a mergulhar.

E essas "baías" verdes e floridas,
De aguas tranquilas como que a sonhar
Se acaso pelo vento são batidas
Os peixinhos se põe a saltitar.



Quisera descrever da minha terra
Os abismos, os vales e altos montes,
Os mansos lagos, a azulada serra,
Os longínquos e lindos horizontes.

E as tardes de verão, lindas e quentes,
Quem me dera também poder cantar !
Essas tardes, românticas, silentes,
Que convidam a gente a meditar.

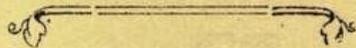
Quando os pássaros voltam, lentamente,
Saudosos dos filhotes e do lar,
A voar, a voar, suavemente
Cortando a imensa vastidão do ar.

E as cigarras soltando o som dolente
Das suas melancólicas canções
Enchendo de misterio a tarde quente,
E de saudade os nossos corações.

Da minha terra descrever, ainda,
Quisera as noites lindas de luar
Com êsse encanto, essa magia infinda
Que os beijos de Diana vêm lhe dar.

E o mistério das noites menos belas...
Dessas enormes noites sem luar...
Com vagalumes a imitar estrelas
E as aves notivagas a voar.

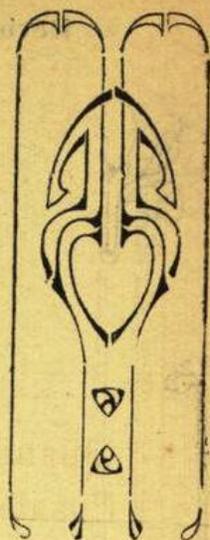
Mais que tudo quisera a singelesa
Descrever dos seus doces arrebois...
E a poesia, a mística belesa
Dos seus encantadores pôr-de-sóis.





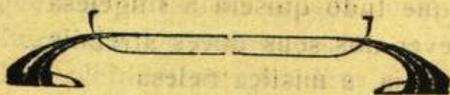
CREPUSCULO

Guy de Mesquita



Toda a tarde, meu Amor,
Eu acompanho em silencio a agonia do sol.

Uma tarde qualquer,
O sol tambem acompanhara minha agonia.



HOLOCAUSTO

Benilde Moura

Quando o meu pensamento as asas entreabrindo
Ensaia brando vôo em volta do passado,
Eu sinto ainda viver aquêlê sonho lindo,
Aquêlê mesmo sentimento alucinado.

Então procuro ardentemente ir destruindo
O que me faz sofrer o coração maguado ...
Inutil! No silencio a minha dor carpindo,
Osculo com fervor o nome muito amado.

Depois sob os grilhões cruéis da realidade
Oferto a alma contrita às grelhas do holocausto
Em troca de outra dor que abata esta ansiedade...

E sofro!... E nalma triste afogo o meu gemido
Porque adormeço o coração — mendigo exausto —
Ao embalar deste amor secreto e incompreendido.



DIA DA PÁTRIA

Rubens de Mendonça

Discurso na sessão comemorativa promovida pelas sociedades culturais de Cuiabá em nome dos moços

Exmo. Snr. Dr. Interventor Federal.

Snrs. Representantes das Sociedades Culturais.

Meus Senhores:

No instante em que comemoramos a passagem de mais um aniversário da nossa independência política, quando todo o país se engala de verde-amarelo para festejar a data da sua libertação, sinto-me honrado, Mocidade Brasileira, em vos dirigir a palavra.

Devemo-nos, Mocidade, compenetrarmos do nosso papel, que outro não é senão a garantia, a força e a esperança da Pátria.

O Brasil confia na sua mocidade, e por isso devemos ser unidos em defesa da pátria; devemos mostrar aos olhos das nações, que o Brasil, foi, é, e será um dos mais legítimos expoentes da América do Sul.

Mocidade, lembremo-nos da figura simpática de um moço, que fez a nossa independência; lembremo-nos de Pedro I, o príncipe boêmio, e Rei Soldado, que bem poderíamos chama-lo: Cavaleiro da Liberdade, porque a "liberdade era nas suas mãos um

mimo, que ele oferecia galantemente ao povo". Lembremo-nos do jovem Imperador, que aos 22 anos de idade nos deu a emancipação política. Por isso, Brasileiros, devemos entoar num cântico, glória à mocidade, porque ela é a vanguarda dos nossos ideais da Patria.

Se a velhice, gelada pelas cans, merece toda a nossa reverência e o nosso profundo carinho, a Mocidade, ativa e forte, merece a nossa admiração.

Meus Senhores, o Brasil é da mocidade; Pedro I era um moço, moça é a nossa independência, e moço é o Brasil.

Olhai, Brasileiros! Contemplai as nossas virgens matas, olhai que sol, que vida há nos ninhos, e como a eterna primavera neste país fabuloso canta um hino de louvor à Mocidade!

Vêde, estrangeiros de todos os países, como é linda a minha terra! Olhai, que verdes mares, que céu azul onde esplende o Cruzeiro, qual uma bandeira de Jesus Cristo abençoando a terra da liberdade!

Olhai e contemplai essas montanhas agigantadas; cachoeiras ribombantes; Paulo Afonso a cantar um hino de glória ao Brasil Novo.

Patria! eu sinto o teu perfume, eu adoro-te Patria dos meus antepassados, mãe de bravos, terra de heróis!

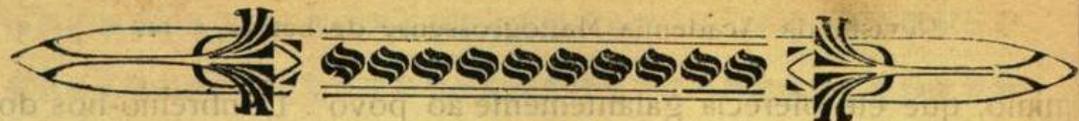
Brasil, eu sinto-me grande, na tua grandeza, feliz, da tua felicidade e orgulhoso por ser filho do teu solo.

Brasil! Eu sinto a tua música, adoro a tua natureza e amo o teu idioma, porque nele cantou Castro Alves, o mavioso e imortal poeta.

Meus Senhores: Olavo Bilac, disse melhor que ninguém, o que todos nos sentimos ao contemplarmos a grandeza desta terra bendita de Santa-Cruz:

« Por ser da minha terra é que sou nobre,
Por ser da minha gente é que sou rico. »





CUPIDO VENCE O CORAÇÃO...

Vera Corrêa Almeida

Cupido, êsse menino turbulento, de arco em punho em pleno século XX, que traz sempre muita alegria e às vezes muita tristeza para os seus felizes ou infelizes amigos, já cansado de levantar altares para, à maneira dos iconoclastas, derrubá-los, resolveu um dia conquistar o Coração...

E dirigiu-se para o grande órgão central da vida, cujo descanso momentâneo ocasionaria a morte, e que, resguardado pela caixa torácica, se julgava defendido por muralhas intransponíveis!...

Carrancudo e irascível, repele o coração o visitante: não podia por motivos fúteis desviar a sua atenção, prejudicando, talvez, a sua alta finalidade.

Mas, Cupido, com suas maneiras gentis e cativantes, conquista logo o irascível coração, trazendo à sua vida de trabalho sem trégua um novo sol que lhe ameniza a insana tarefa e lhe dá muita alegria de viver....

E hoje é o coração, agradecido, que diz a êsse menino brincalhão, palavras de reconhecimento que se poderiam resumir no sintetismo expressivo da saudação dos árabes: «o meu isolamento fazia-me bárbaro: sua companhia me civiliza!...»

Cuiabá, setembro de 1939.



Fico às vezes pensando no porquê

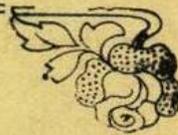
Maria Santos Costa

Fico às vezes pensando no porquê
desta atração que sinto por você...

Acho-o feio, presunçoso e mau,
mas quando o vejo, que prazer, meu Deus!
e que saudades longe de você!...

Quero tirá-lo do meu pensamento,
quero odiá-lo e não consigo tal.

Você me pôs feitiço com certeza,
pois à sua vida eu sinto a minha presa,
e até já dizem que estou louca por você.



ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS



Relatorio

de

1937 - 1938

pelo

Presidente

José de Mesquita



Meus nobres confrades:

É sempre com prazer que me desincumbo da grata obrigação de dar-vos conta do andamento dos trabalhos que constituem o nosso programa social e formam, por assim dizer, a propria vida da nossa Academia.

Assim é que, ao findar mais um ano social e ao renovar-se mais uma vez o mandato de presidente, que generosamente me vindes outorgando, desde a fundação deste sodalício, vênho trazer-vos, de par com os meus cordiais agradecimentos, o ligeiro transunto das occurncias verificadas no decurso do periodo ora extinto.

O ano de 1937 - 1938, de que me cabe fazer um rápido relato, não se assinalou para a Academia por qualquer evento notavel, mas podemos dizer que continuou, sem pausa ou desfalecimento, a sua lenta mas segura marcha evolutiva, iniciada vai por seis anos e proseguida sem solução de continuidade até agora.

Quadro social. — Posse e falecimento

As unicas alterações havidas no quadro social foram a posse, a 26 de setembro de 1937, do academico Benjamin Duarte Monteiro, eleito, no ano anterior, para a cadeira n. 11, vaga em consequencia do pranteado desaparecimento do academico Leonidas de Matos, e o falecimento, a 24 de janeiro de 1938, do academico correspondente Antonio Tolentino de Almeida, ocorrido na cidade de Santo Antonio do Rio Abaixo.

Na sessão realizada a 5 de fevereiro de 1938, o a-

cademico Amarilio Novis fez, em sentidas palavras, o necrológio do saudoso extinto.

Visitas oficiais

Foi a A. M. L. honrada duas vezes, pela visita da mais alta autoridade do Estado: o Interventor capitão Ary Pires, a 3 de maio de 1937 e a 7 de novembro do mesmo ano, o Governador Julio Müller. Ambas as visitas se revestiram dum cunho de extrema cordialidade, sendo organizadas, para a recepção dos ilustres visitantes, belas e concorridas "horas literarias".

Centenário de Couto de Magalhães

Comemorou a Academia, a 7 — 11 — 37, em consonancia com outras sociedades culturais do país e atendendo ao apêlo do Governo Federal, o centenário do nascimento do grande brasileiro José Vieira Couto de Magalhães, patrono da cadeira n. 4, de que é occupante o proprio presidente da Academia.

Sessões e festas

Foram realizadas varias sessões ordinárias, alem de outras festivas, como as já indicadas "horas literarias", as belas comemorações do "Dia da Patria", levadas a efeito com o concurso das outras sociedades de cultura de Cuiabá e, ainda, as "horas literarias" realizadas a 1º de maio deste ano, em homenagem ao inclito presidente de honra, arcebispo D. Aquino e a 29 de setembro ultimo, em regozijo á visita que nos fez o nosso consocio fundador academico Lamartine Mendes.

Na "hora literaria" de 1º de maio fôram inaugurados, na sala de receber, os retratos do Presidente de honra e do Presidente efetivo da Academia, sendo este a oleo, oferta do Prof. J. Bodstein e aquele adquirido pelo Instituto Historico de que é tambem Presidente o emerito Antistite cuiabano.

Galeria de Patronos

Grato me é anunciar-vos que já se acham inaugurados 16 retratos da Galeria dos Patronos da A. M. L. perfazendo-se assim 2/3 do total, que é de 24.

São os seguintes os patronos, com os respectivos ocupantes, que já possuem sua effigie na artistica e significativa galeria glorificadora que exorna o nosso salão nobre :

- | | | | | | | |
|------------|---|----|--------------|-----------------|---------|----------------|
| Cadeira n. | 1 | — | A. Pulcherio | — | J. Vilá | |
| » | » | 2 | — | A. C. Costa | — | V. C. Filho |
| » | » | 3 | — | B. de Melgaço | — | E. de Mendonça |
| » | » | 4 | — | C. de Magalhães | — | J. de Mesquita |
| » | » | 5 | — | P. Ernesto | — | Nilo Povoas |
| » | » | 7 | — | Frederico Prado | — | A. Novis |
| » | » | 8 | — | J. Severiano | — | C. Borralho |
| » | » | 9 | — | J. M. Malheiros | — | F. Mendes |
| » | » | 10 | — | J. Murtinho | — | O. Ramos |
| » | » | 13 | — | J. Est. Corrêa | — | P. Corrêa |
| » | » | 16 | — | J. Tomaz | — | O. Barros |
| » | » | 18 | — | M. Esperidião | — | O. Cunha |
| » | » | 19 | — | Pimenta Bueno | — | A. Figueiredo |
| » | » | 20 | — | Ramiro Carvalho | — | F. Cassiano |
| » | » | 23 | — | V. Almeida | — | Cesario Prado |
| » | » | 24 | — | V. Taunay | — | J. Barbosa. |

A Revista

Com a pontualidade costumeira circula hoje a Revista da A. M. L. volume correspondente a este ano, com 180 paginas, texto farto e variado e ótima feitura material, a encargo das oficinas salesianas.

Biblioteca

Continúa sempre em majoração o numero de livros da nossa biblioteca, atingindo presentemente a 1071 as obras e 1478 os volumes.

Mobiliário para o salão

Notavel melhoramento é o que acabamos de conseguir, dotando o salão nobre da Academia com a necessária mobilia para o seu funcionamento. Assim é que, na festa de 7 de setembro ultimo, já fôram inauguradas as 12 duzias de cadeiras adquiridas a meio pela A. M. L. e pelo I. H. e que dão ao salão um ótimo aspecto e soluciónaram o premente assunto. Tambem, com o con-

curso do Gremio Julia Lopes, se cogita em adquirir um piano para servir ás nossas festas, dotando definitivamente o salão desse indispensavel instrumento e poupando-nos aos constantes e vexatorios empréstimos, e que nem sempre satisfazem.

Parte financeira

No sector financeiro, dêvo destacar, como auspiciosa e expressiva, a noticia da elevação da dotação anual com que o Estado auxilia a nossa instituição.

Proposta pelo nosso digno confrade deputado Rosario Congro, com apoio dos ilustres deputados Philogonio Corrêa, nosso Secretário, N. Fragelli e Vandoni de Barros, votou a Assembléa Legislativa, em novembro do ano passado, uma resolução aumentando de 3 para 5 contos de réis anuais, aquele auxilio, tendo a Comissão respectiva, de que era Relator o actual Interventor Federal, dado um parecer altamente honroso e expressivo para a Academia.

Com a transformação politica, oriunda do golpe de 10 de novembro, foi o orçamento estadual alterado, mas as verbas de auxilio ás sociedades culturais nenhuma modificação sofreram.

Registando este facto, que exprime, de fôrma assaz eloquente, a confiança e prestigio que gosa a Academia junto aos altos poderes estaduais, o faço com a maior satisfação e deixo aqui consignados os melhores agradecimentos aos seus promotores.

A vida financeira da Academia consta dos balancezes juntos pelo Tesoureiro.

Conclusão

São estas, Snrs. Academicos, as informações que me cumpre trazer-vos acerca da vida de nossa corporação e, ao encerra-las, mais uma vez quero vos render de público os meus agradecimentos pela preciosa colaboração, graças á qual tem sido possivel á Diretoria executar o seu programa e á Academia ir realizando, lenta mas seguramente, as suas altas e nobres finalidades.

Actas das sessões da A. M. L.



Acta da sétima sessão ordinária da Academia Mattogrossense de Letras

Aos dezesseis (16) dias do mez de Setembro, do ano de mil novecentos e trinta tres, em sua séde social "Casa Barão de Melgaço", ás dezenove horas, com a presença dos academicos José de Mesquita, Oscarino Ramos, Octavio Cunha, Nilo Póvoas e Francisco Mendes, e sob a presidencia do primeiro, effectuou a Academia Mattogrossense de Letras, a sua sétima sessão ordinaria. — Lida e approvada a ultima acta, foi dado conta do expediente em mesa, constante de um officio do Instituto dos Advogados de Mato Grosso, communicando a sua installação e posse da primeira Directoria e outro do Capitulo dos Cavalheiros de Hiran, participando a posse dos seus dirigentes. O Senhor presidente declarou ter incumbido uma Commissão de academicos, de visitar, em nome da Academia, o Coronel Newton Cavalcante, convidando-o para a "hora literaria", que não poude ser realisada por motivo de lucto, tendo sido adiada para o mez de Outubro. — Antes de encerrar a sessão, foi distribuido aos Academicos presentes, o primeiro numero da "Revista da Academia", levantando-se a Sessão ás (21) vinte e uma horas.

(assignados) *José de Mesquita*

Oscarino Ramos

Palmiro Pimenta

Allyrio de Figueiredo

Franklin Cassiano da Silva

Olegario Moreira de Barros

Isac Póvoas

Francisco Mendes.

Acta da oitava sessão ordinária da Academia Mattogrossense de Letras

Aos dezesseis dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e trinta e tres, em sua séde social, Casa "Barão de Melgaço," ás dezenove horas, com a presença dos academicos José de Mesquita, Oscarino Ramos, Palmiro Pimenta, Allyrio de Figueiredo, Franklin Cassiano da Silva, Olegario Moreira de Barros, Isac Póvoas e Francisco Mendes, effectuou a Academia Matogrossense de Letras, a sua oitava Sessão ordinaria. — Lida e aprovada a ultima acta foi dado conta do expediente em mesa, constante de um cartão de felicitações do correspondente em Manaos, academico Paes Barreto, pelo anniversario desta instituição, e uma Circular da "Revista Nacional," do Rio, pedindo a cooperação da Academia Tambem foram lidos, o requerimento de inscripção á vaga verificada na Cadeira n.º 7, da Academia, com o fallecimento do saudoso socio João Cunha, e da qual é patrono Frederico Prado, subscrito pelo Dezembargador Amarilio Novis, e uma proposta firmada pelos academicos Oscarino Ramos, Palmiro Pimenta e Francisco Mendes, apresentando para correspondente em Porto Alegre, o nome do belletrista Senhor Ary Peixoto Martins, concebidos o primeiro, nos seguintes termos: « Exm.º. Senr. Philogonio de Paula Corrêa, M. D. 1.º. Secretario da Academia Mattogrossense de Letras. — O abaixo assignado, querendo candidatar-se á cadeira n. 7, dessa Academia, de que é patrono Frederico Prado, vaga pelo fallecimento do academico João Cunha, vem requerer a Vossa Excellencia, a sua inscripção ao referido concurso, que se acha aberto desde 15 de Agosto p. passado, conforme edital publicado na "Gazeta Official", de 17 daquelle mez e anno. O requerente declara, para os effeitos do artigo segundo dos Estatutos Sociaes, ser cidadão brasileiro, ter seu domicilio n'esta Capital e que a sua bagagem literaria se constitue da collaboração assidua em varios órgãos da imprensa desta cidade, desde 1911, a esta data. Aguardando confiante a benevola acolhida desse illustre sodalicio E. D. Cuyabá, 14 de Novembro de 1933. (a) Amarilio Novis. » E a segunda. — « Proposta. — No intuito de mais intensificar o intercambio intellectual entre a nossa Capital e outros Centros irradiadores de cultura do Paiz—um dos escopos desta Academia—propomos para seu socio correspondente na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, o Senhor Ary Peixoto Martins. O nome que ora apresentamos, é de um jovem que se tem inostrado um infatigavel trabalhador, com marcantes qualidades para triumphar nas lides literarias. A lista de seus trabalhos que juntamos a esta, é longa, e bem evidencia e corrobora a nossa proposta,

pois, resalta, della a sua grande actuação no meio literario em que vive, com articulações por outras cidades do seu Estado natal. Acresce a circumstancia de ser o candidato um dos fundadores do "Instituto Rio Grandense de Letras," benemerita sociedade de difusão de cultura, que no Estado meridional mantem os mesmos ideaes pelos quaes vem luctando a nossa Academia. — Cuiabá, 17 de Dezembro de 1933. (aa) Oscarino Ramos, Palmiro Pimenta, Francisco Mendes. — Verificada pelo Senhor Presidente a existencia do quorum necessario, procedeu-se, na fôrma dos Estatutos, ao escrutinio, cujo resultado proclamado pelo presidente foi o seguinte: — Para a cadeira n.º. 7, dezembargador Amarilio Novis, 16 votos. Para membro correspondente em Porto Alegre Ary Martins, 13 votos. O Presidente designou o academico Olegario de Barros, para receber o recém-eleito, em nome de Sodalicio, em Sessão solemne, cuja data vae ser fixada pela mesa, após entendimento previo com o recipendiario. Depois de haver nomeado uma Comissão, a requerimento do academico Palmiro Pimenta, para levar ao socio a noticia da sua eleição, Comissão esta composta dos academicos Palmiro Pimenta, Oscarino Ramos e Francisco Mendes, o Presidente encerrou a Sessão, e n ligeiras palavras congratulando-se vivamente com a Academia pela feliz escolha que acabava de fazer, para o provimento, não só da Cadeira vaga, como das funções de correspondente na cidade de Porto Alegre. Fizeram-se representar, enviando os seus votos, os Academicos D. Aquino Corrêa, Virgilio Corrêa, João B. de Faria, Miguel Carmo d'Oliveira Mello, Nilo Póvoas, Antonio Fernandes, Philogonio de Paula Corrêa e José Vilá.

(assignados) *José de Mesquita*

Otávio Cunha

Olegario Moreira de Barros

Oscarino Ramos

Isac Póvoas

Francisco Mendes

Acta da nona sessão ordinária da Academia Mattogrossense de Letras

Aos (13) treze dias do mez de Janeiro do anno de mil novecentos e trinta e quatro, em sua séde official, Casa "Barão de Melgaço", ás dezenove horas, presentes os academicos José de Mesquita, presidente, Isac Póvoas, Oscarino Ramos, Octavio Cunha, Olegario de Barros e Francisco Mendes, effectuou a Academia

de Letras a sua nona sessão ordinaria.— Lida e approvada a acta da Sessão anterior, foi pelo Secretario, lido o expediente em Mesa, constante de um officio do correspondente em Goyaz, Doutor Fleury Curado, e do Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, Doutor Bernardino de Souza, accusando o recebimento do primeiro numero da Revista da Academia, e uma Carta do Senhor José Victorino, de “Muqui”, (Estado do Espirito Santo) felicitando a Academia e offerecendo-se para trabalhar, na sua qualidade de presidente do “Circulo dos Amigos de Mar-deu”, pelo intercambio intellectual do seu Estado com o de Mattogrosso. Foi igualmente apresentada no expediente a seguinte proposta, firmada pelos Academicos Franklin Cassiano, Octavio Cunha e Olegario de Barros, do nome do laureado jornalista Doutor Pery Alves de Campos, para correspondente da Academia Mattogrossense de Letras, em Campo Grande:— « Exmo. Senhor Presidente da Academia Mattogrossense de Letras. — Os abaixo firmados, tem a honra de propor para socio correspondente da Academia Mattogrossense de Letras, em Campo Grande, o brilhante jornalista e distincto literato Doutor Pery Alves de Campos. Torna-se desnecessario fazer-se o elogio literario do candidato que é uma figura conhecida, não só no nosso meio intellectual pela sua actuação literaria, como poeta e jornalista e polygrapho, como tambem, no Estado do Rio, onde occupa no cenaculo dos immortaes desse Estado, a Cadeira da qual é patrono o grande romancista José de Alencar. Sala das Sessões da Academia Mattogrossense de Letras, em Cuyabá, treze de Janeiro de 1934. (a.a.) Franklin Cassiano da Silva, Octavio Cunha, Olegario de Barros.»— Na ordem do dia foi a referida proposta approvada unanimemente, e bem assim fixado o dia quatro de Fevereiro, para a realização de mais uma hora literaria, para nesse dia inaugurar-se, na galeria dos patronos, o retrato do Barão de Melgaço, da cadeira n.º 3. — Ficou resolvido tambem, que a Academia se faça representar pela Mesa, na chegada do seu presidente de honra, Dom Aquino Corrêa, e nas festas jubilares a se realizarem em homenagem ao mesmo. — O presidente scientificou a Mesa, o proximo inicio dos trabalhos de impressão do segundo numero da Revista, pedindo para o mesmo a colaboração dos Senhores academicos. A Sessão encerrou-se ás vinte horas.

José de Mesquita

Palmiro Pimenta

Isac Póvoas

Olegario Moreira de Barros

Francisco Mendes.

Acta da decima sessão ordinaria da A. M. L.

Aos sete dias do mez de Abril do anno de 1934, (mil novecentos e trinta e quatro), em sua séde social, Casa "Barão de Melgaço", ás 20 (vinte) horas, com a presença dos academicos José de Mesquita, Palmiro Pimenta, Francisco Mendes, Olegario de Barros e Isac Póvoas, realizou a Academia Mattogrossense de Letras sua decima Sessão ordinaria. Lida e approvada a acta da Sessão anterior, foi dada conta do expediente em Mesa, constante das seguintes communicações: — dos membros correspondentes em Campo Grande e Poito Alegre, Pery Alves de Campos e Ary Martins, agradecendo a sua eleição; do Instituto Historico e Geographico da Bahia; da Associação da Imprensa Mattogrossense e da Loja Theosophica Leadbeater, desta Capital, communicando eleição e posse de suas novas Directorias; do Instituto Geographico do Fará, apresentando "Bôas Festas", e do Director Geral do Serviço de Estatistica, do Ministerio da Educação, pedindo dados sobre a Academia. Foi tambem apresentada uma proposta firmada pelos academicos Francisco Mendes, Palmiro Pimenta, Isac Póvoas e Olegario de Barros, indicando para correspondente, no Rio, o escriptor Deocleciano Martins de Oliveira e assim relatada:— «Exmo. Senhor Presidente da Academia Mattogrossense de Letras. — Propomos para socio correspondente da A. M. de Letras, na Capital Federal, o Senhor Doutor Deocleciano Martins de Oliveira. D. Martins de Oliveira não é um novo na arena literaria de nossa terra, onde iniciou a sua brilhante carreira literaria. Quando cursava o "Lyceu Cuyabano", já demonstrára o seu grande pendor para a cultura das letras patrias, collaborando em alguns jornaes da nossa Capital e mesmo na Revista do Centro Mattogrossense de Letras. Além do mais, para aquilatarmos do merito do festejado autor do "No Paiz das Carnaúbas", é bastante lembrarmos que a Academia Brasileira de Letras premiou essa magnifica producção do seu espirito fulgurante, o que constitue justificativa maior da presente proposta. Sala das Sessões da Academia Mattogrossense de Letras, em Cuyabá, 7 de Abril de 1934». — Essa proposta foi unanimemente approvada. Ficou marcada para dezeseis de Junho a posse solenne do novo academico Amarilio Novis. E nada mais havendo a tratar-se, o senhor Presidente encerrou a Sessão, ás vinte e uma horas.

(assignados) *José de Mesquita*
Palmiro Pimenta
Allyrio de Figueiredo
Olegario Moreira de Barros
Francisco Mendes
José Raul Vilá.

Acta da decima primeira Sessão da Academia Matogrossense de Letras, destinada á eleição de Mesa

Aos (23) vinte e tres dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e trinta e quatro, em sua séde social, Casa "Barão de Melgaço", ás dezenove horas, com a presença dos academicos José de Mesquita, Palmiro Pimenta, Alyrio de Figueiredo, Olegario M. de Barros, Amarilio Novis, José Raul Vilá e Francisco Mendes, realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua Sessão de eleição da mesa que ha de servir no biennio 1934-1936, na fôrma prescripta pelos Estatutos sociaes, tendo enviado os seus votos o academico D. Aquino Corrêa, e feito representar-se pelo academico Palmiro Pimenta a academica D. Maria A. Müller; pelo academico José de Mesquita, os academicos Virgilio Corrêa Filho, Lamartine Mendes, Philogonio Corrêa, Oscarino Ramos, Nilo Póvoas e Octavio Cunha; e pelo academico Francisco Mendes, o academico Isac Póvoas. — Constou do expediente uma Carta do socio correspondente D. Martins de Oliveira, agradecendo a sua eleição; do 1.º secretario da Academia Brasileira de Letras, Doutor Helio Lobo, agradecendo os pezames enviados pela morte dos academicos J. Ribeiro, Augusto de Lina e Gregorio Fonseca; do presidente da Academia Carioca de Letras, pedindo o pronunciamento da Academia sobre a questão orthographica; communicações da Faculdade de Direito de Cuyabá, do Centro medico, do Doutor Benjamin D. Monteiro, Prefeito Municipal, do Major Arnaldo Cabral, Chefe de Policia, do Doutor Virgilio Alves Corrêa Netto, Director do Lyceu Cuyabano; officios da Bibliotheca Riograndense, da União Pan Americana, do Syndicato de Ferrovianos da Mogyana, do Circulo dos Amigos de Marden, do Director Geral de Informaçoes e Estatistica do Ministerio da Educação, todos referentes ao intercambio cultural. — Verificado pelo Presidente haver o *quorum* necessario, procedeu-se ao escrutinio, servindo de escrutinadores os academicos Francisco Mendes e Alyrio de Figueiredo, dando a eleição o seguinte resultado: — Para presidente — José de Mesquita, 14 votos; — Amarilio Novis, um voto; — para Vice-presidente, — Palmiro Pimenta, 10 votos; Amarilio Novis, 4 votos; para 1.º secretario, Philogonio Corrêa, 15 votos; para 2.º secretario, Francisco Mendes, 15 votos; para Thesoureiro, Franklin Cassiano, 15 votos. — Para as Comissões foram eleitos: — Revistas e Bibliographia: — D. Maria de A. Müller, Oscarino Ramos e Alyrio de Figueiredo, com 15 votos cada um; — Contas e Orçamento: — Isac Póvoas e José Vilá, 15 votos; Otavio Cunha, 14 votos, e Amarilio Novis, um voto. O presidente designou uma Commissão composta dos Academicos

Amarílio Novis, Olegario de Barros e Nilo Póvoas, para organizar e promover o patrimonio da Academia e conveniente installação da sua séde. — Ficou marcada para o dia 23 de Setembro a realização de mais uma "hora literaria", e para o dia 7 do mesmo mez, segundo anniversario da fundação da Academia Matogrossense de Letras, a posse da Directoria ultimamente eleita. E nada mais havendo a tratar-se, o senhor presidente encerrou a sessão, ás (20) vinte horas. — Sala das Sessões da Academia Mattogrossense de Letras, em Cuiabá, 23 de Agosto de 1934.

(assignados) *Petro Laurentino de Araujo Chaves,*
Interventor interino do Estado

Francisco, Arcebispo de Cuyabá

José de Mesquita

Philogonio de Paula Corrêa

Isac Póvoas

Amarílio Novis

Benjamin Duarte Monteiro

A. Marinho Rego

Antonio de Cerqueira Pereira Leite

Firmo José Rodrigues

Pe. Theodoro Kolczycki

Hildebrando Hervé

Francisco Fernandes dos Santos

Oscarino Ramos,

O. Barros

Gertrudes Machado Ribeiro

Anna Jacinta de Mesquita

Maria Antonia de Figueiredo

Isabel de Figueiredo Mendes

Cecilia de Lara Pinto

Luiza Elza do Carmo

Helena Deschamps Rodrigues

Lelia Póvoas

Estella Deschamps Rodrigues

Jayme Joaquim de Carvalho

Antonio de Arruda

Amamel Tocantins

Palmiro Paes de Barros

Gumerindo Cavalheiros

Arnaldo de Mattos Cabral

Joaquim A. Monteiro de Mendonça

Francisco Mendes.

Acta da decima segunda sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras

Aos (7) sete dias do mez de Setembro do ano de mil novecentos e trinta e quatro, ás dez horas da manhã, em sua séde social, casa "Barão de Melgaço," realizou a Academia Mattogrossense de Letras uma Sessão destinada a dar posse á sua Directoria eleita para o biennio 1934-1936, presidida pelo Exmo. Revmo. Senhor Dom Francisco de Aquino Corrêa, presidente de honra da Academia, que tomou assento á Mesa, ladeado pelo Exmo. Snr. Des. Interventor Federal, interino, e pelos Senhores academicos José de Mesquita, presidente da Academia, Philogonio Corrêa e Francisco Mendes, Secretarios, e Isac Póvoas. Achavam se presentes os Academicos Amarilio Novis e Oscarino Ramos, altas autoridades, exmas. familias e representantes de varias classes sociaes. Aberta a sessão, em brilhante oração explicativa dos fins daquella reunião, o Exmo. Revmo. Senhor Arcebispo, presidente de honra, deu a palavra ao segundo secretario, academico Francisco Mendes, que leu a acta da eleição, e em seguida, foram pelo mesmo Senhor Presidente da Sessão, declaradas empossadas a Mesa e bem assim as Comissões eleitas. Por ultimo, o academico José de Mesquita leu o relatorio dos trabalhos academicos no decurso do ultimo periodo social. E nada mais havendo a tratar-se, o Senhor Presidente encerrou a sessão ás onze horas precisas.

Sala das Sessões da Academia Mattogrossense de Letras, em Cuyabá, 7 de Setembro de 1934.

(assignados) *José de Mesquita*

A. Novis

Isac Póvoas

Allyrio de Figueiredo

Franklin Cassiano

Francisco Mendes.



BIBLIOGRAPHIA

Caboclo d'Agua — *romance*
D. Martins de Oliveira
Schmidt — Rio, 1938

Depois de nos dar, em 1931, *No país das carnaúbas*, premio da Academia Brasileira, *Marujada*, em 1935, menção honrosa Ramos Paz, D. Martins de Oliveira publica o seu romance, terceira obra do cyclo sanfranciscano — *Caboclo d'Agua*, de que falarei neste folhetim. Accentuei, tratando de *Marujada*, a evolução entre o primeiro e o segundo livro de D. Martins de Oliveira, evolução que mais sensível se nota agora neste romance, em que a technica do jovem escriptor e a sua linguagem como que attingem sua phase de plena maturação. O processo artistico cresce em naturalidade e vida, dando uma impressão mais forte, que foge ao que eu chamaria o "espirito do localismo" para ganhar um tom mais amplo e mais humano. Sentia-se, nos dois outros livros de Déo, a preocupação do observador, que houvesse colligido muita coisa acerca do seu sertão bahiano, e que do cabedal pacientemente armazenado, annos a fio, nos trouxesse, á guisa de contos e novellas, o que lhe parecia mais apreciavel.

Dava, assim, a impressão, comquanto animadas as scenas e coloridas as paisagens, dum filme, desenrolando panoramas, episodioando casos, um pouco a pretexto de nos mostrar a alma dos personagens, mas, no fundo, para nos dar a conhecer a terra e os costumes do valle do São Francisco. Continuando na mesma comparação, direi que em *Caboclo d'Agua* encontramos a pellicula viva, animada, já dotada da quarta dimensão. Mas creio que me exprimiria melhor dizendo que, desta para as outras obras do auctor, vai a differença que se nota do cinema para o theatro: as figuras aqui são vivas, e seu entreccho corre com a cadencia natural das cousas *que existem*, que sentimos existir. Este livro é, sobretudo, mais profundamente "humano". O que importa hoje, neste seculo trepidante, é, na arte como na vida, o senso do "humano". Os livros sabem a retalhos de carne viva e palpitante ou magnificos

documentarios de almas. E' o que *Caboclo d'Agua* nos proporciona, dando-nos, nas suas figuras typicas, sêres que vivem, soffrem, arquejam, lutam, fremem, no grande drama de todas as horas, que é a vida. Uma obra d'arte é tanto mais perfeita, hoje, quanto menos "sente a arte", no sentido de engenho, artificio, construcção mental; e quanto mais "gosto de vida" revela. O espirito moderno distancia-se do desenho, como da caricatura. Quer a pintura, a vida das côres, as tonalidades reaes, com todas as entre-côres e todos os matizes.

Os personagens do *Caboclo d'Agua* não são mamulengos ou calungas, nem esculpidos em materia inerte—são homens, são mulheres, são creaturas humanas, com toda a belleza moral e, ao mesmo tempo, com todas as fragilidades do barro terreno. O livro é pura vibração — punge e, por vezes, dá sensações terebrantes de angustia.

O romance é todo elle «vida» desde as primeiras paginas, aquella interessante viagem da Barra á fazenda "Matafome".

A gente entra logo a se interessar pelas figuras do coronel Lourenço, do Emilinho e do mulato Vicente. O dialogo corre vivo, natural, girando em torno de cousas e lendas ribeirinhas — a avó da agua, o minhocão, o caboclo d'agua «preto como tífute, baixote, grosso, todo cabelludo como macaco, de cara enfarruscada, e com um olho só bem arregalado, no meio da testa». Muita semelhança no *folk-lore* do sertão bahiano com o nosso — o negro d'agua, e o tibanaré nossos, não são, com poucas variantes, os mesmos caboclo d'agua ou rolão do S. Francisco?

Aquella «lamentação das almas» flagrantemente descripta no romance de D. Martins de Oliveira, não é a mesma "encomendação das almas" que as nossas tradições registam como em uso no Norte de Matto Grosso, até não ha muito tempo?

A tragedia de Veronica, a loucura de Francelino, as assombrações do Romãozinho, o idyllio suave de Yara, são outros tantos episodios impressivos através dos quaes se desenrola o **entrecho** do romance cheio de paginas que calam e commovem. O que resáe em todo o livro é a nota de naturalidade inteira, que não faz parecerem as suas narrações cópias da realidade, senão que a propria realidade mesma. A citar, por exemplo, aquella festa de bodas, a pag. 92, com o S. Gonçalo, o catira, **o peneira**:

Mas, de repente: tambores batendo e rebatendo sons redondos, pandeiros riscando e arripiando cadencias; violas implicantas, pinicando e tiritando arrulos; palmas estalando, palmas! E' o batuque que zumba, é o batuque que tomba, o batuque zumbumba: *bum squi-ti-bum-bum. Squi-ti-bum.* O sangue ferve no fogo ancestral, se accendendo vulcanico: os negros parecem tomados de espiritos macumbeiros.

As descrições da cheia grande (pag. 160) e da quaresma no sertão (pag. 281) são dignas de uma anthologia. Aquella scena da pag. 109, entre Francelino e Veronica, na tragica noite de suas nupcias, tem um remate admiravel:

As estrellas olhavam os matos. Maroto parecia andar voando entre elas, tão baixo lhe parecia o céu ou tão alto lhe parecia a terra.

O final do romance, a conversão de Emilio, que depois de errar por ideologias extremistas, de se fazer atheu e anti-clerical, volta á doce e acolhedora enseada da sua velha crença, pelas mãos de Yara, é o episodio culminante do livro. Emilio completa, na sua tela, a esculptura tosca de Venturano «que contemplara, menino, no oratorio da casa». Jesus acaba triumphando na mente e no coração do moço:

«Jesus continua operando milagres, e Nêle eu creio. Todas as obras devem partir Dêle, porque é o amor e a renovação perpetua».

E o romance se encerra, magistralmente, com aquellas palavras de Yara, a meiga heroína, cuja fé acabou vencendo todos os desvarios intellectuaes e moraes do seu amado Emilio:

«E Yara olhava o quadro com os olhos misticos, cheios de fervor e sem se voltar para Emilio, mas segurando-lhe a mão, murmurou: — Ele Vos descobriu. Eu o amo. Fazei de nossos corações um só coração, para vos servir, Senhor.

JOSE' DE MESQUITA

Caminhos de minha vida — poesias

Laurindo de Brito.

Rio, 1938.

Meu caro Laurindo:

Acabo de fechar o seu livro, o seu primoroso livro de versos *Caminhos de minha vida*, com esta exclamação: E' um espelho fiél da alma profundamente lyrica do autor!

O nosso contacto ali no Congresso das Academias, posto que momentaneo, propiciou-me a ventura de conhecer-lhe a alma de artista, cheia de entusiasmo e de sentimentalismo que se derramam nas suas expressões vivas e candentes, nos seus gestos joviaes e cavalheirescos, no seu porte altivo e insinuante. E o seu livro confirma as minhas impressões. Eis o estylo a retratar o homem.

Ainda me resoava aos ouvidos a tuba épica de Carlos Alberto Nunes nos seus *Brasileidas*, quando me chegaram os di-

vinaes harpejos da sua lyra em que, como “na alma daquelle violino divino”,

*“Ha suspiros de arroio e effluvios de paysagens,
Florindo ao luar;
Mysteriosas linguagens
De garças brancas sobre o azul do mar.”*

Ha, nos seus maviosos cantares, notas tão sentidas, tão delicadamente lyricas, que se communicam a nós, dominando nos inteiramente. Sentimo-nos verdadeiramente enlevados e como que, em ondas de sonoridades.

*“A’ patria sempiterna dos amores,
Em que eu diviso,
Sonhando,
Jesus falando
Às creanças, aos passaros, e ás flôres.”*

Desprezando artificiosos dogmatismos que peiam o sentimento, comprehendeu V. os verdadeiros intuitos da Arte, que é a manifestação livre, espontanea, sentida das emoções produzidas pelo Bello e que a belleza da Arte é a mesma da natureza. “Tudo que está na natureza está na Arte.”

Os seus versos lhe são ditados pelo sentimento, pela sensibilidade, pela emoção, de maneira singela e espontanea, sem desfigurar as suas impressões individuaes. Elles exprimem a sua maneira propria de sentir, traduzem fielmente o seu estado de alma.

Simple e espontaneos, irrompem suavemente, limpidos e cantantes como os regatos mansinhos da minha terra, e cheios de melodia e de ternura como o canto do sabiá em meio a um roseiral florido.

São elles doces confidencias, perfumes de rosas que se entreabrem, são

*“Confissões de amor, cantigos melodiosas,
Quando a noite é um jardim e as estrellas são rosas”,*

em que á originalidade soube alliar-se tão bem a delicadeza do estro, a graça, a naturalidade e o sentimento, ou hymnos de vibrante emotividade, repassados de amor ardente á sua querida terra natal, a grandiosa Paulicéa

“Sob os confettis frios e humidos da garôa

esse S. Paulo glorioso,

*“Tumulo dos jesuitas e berço dos bandeirantes,
Que vencendo os sertões, as feras e as tempestades,
Sob os estandartes da cruz, aos ventos trapejantes,
Plantaram villas e aldeias, freguezias e cidades”,*

ou ainda gritos estigmatizadores, condenção vehemente e sincera, que lhe irrompem do peito, contra o orgulho, a vaidade e a riqueza

*“Desta gente,
Que não comprehende, sequer,
A symphonia de Deus creando a Natureza.”*

Em tudo são os seus versos admiraveis. Nada ha ahi forçado. Tudo natural e encantador. A inspiração ala-se em surtos possantes, a grandes alturas, sem peias, sem estorvos. E a sua alma cheia de delicadas subtilezas, eleva-se nas azas côr de rosa do sentimento, e

*“Transforma as agonias do Universo
Na belléza immortal de um céu aberto.”*

Os seus versos, pois, são para fino paladar. São iguarias para dias de festa. E a gentilissima offerta, com que V. tanto me penhorou, constitue a melhor lembrança que levo do 2º Congresso das Academias. Com os meus agradecimentos mui cordeaux, sou seu

NILO POVOAS

Manoel Alves Ribeiro

José de Mesquita.

Cuiabá, 1938.

Sem as pretensões de critico, desejo entretanto em traços rapidos acentuar a minha singela opinião sobre um novo livro de José de Mesquita, que recentemente appareceu à publicidade. Estudo biografico, sintetico e interessante.

“Manoel Alves Ribeiro” é o titulo da obra em apreço, que essa notabilidade cultural deste Estado de Mato-Grosso, escreveu brilhantemente afim de prestar um grande auxilio à juventude, com uma obra marcante e digna de encomios.

Esse vibrante autor de «A Cavalhada», pela sua alta cultura, pelos seus meritos, pela sua pujança, pela sua espontaneidade de escrever bem, pelo seu talento, pela sua erudição e emfim por sua complexa estrutura literaria, conquistou perante as letras nacionais um logar de prestigio e valor, honrando sempre com a sua pena cintilante e magnifica com produções de rara valia e grandeza.

Tanto o poeta, como o cronista, o conteur e o jornalista

já eram bastante conhecidos no temperamento sobrio desse escritor de fino quilate. Apenas restava, para maior firmeza de sua vida, os estudos psicológicos pessoais, de profundas especulações. Eis agora portanto que nos aparece com esse ensaio que é bem uma confirmação dos primeiros que escreveu. É deste modo uma exibição segura, de que trilha num caminho, onde tudo lhe é conhecido.

Analisa em linhas gerais debaixo de uma rigorosa documentação, a figura caudilhesca do falecido chefe de Poconé. Acho que essa figura para os ilustres matogrossenses, é bastante conhecida, desde quando foi ele nos tempos imperiais, um vulto de larga projeção na politica, tendo subido aos maiores postos politicos de então. Descendente de lavradores e oriundo de bracarenses, Manoel Alves, poconeano dos maiores daquele tempo, foi sempre um ativo e conhecido rival de Poupino, politico de grande evidencia tambem daquele tempo.

Estuda psicologicamente os traços mais salientes desse extraordinario vulto de Mato Grosso, que depois de tomar a direção dos Liberais em 1840, foi sempre em continua ascensão, galgando posições sempre elevadas e honrosas. Dominando o campo politico do partidarismo, tornou-se mais tarde Deputado, Senador, Comendador, e até Presidente da então Provincia por duas vezes, embora interinamente.

A sua ascendencia sem dissabores, trouxeram-lhe victorias marcantes, sem jamais apresentar-lhe o reverso da vida, o lado do fracasso e das angustias. Trilhou sempre a estrada oposta de João Poupino Caldas—seu grande rival politico.

Enquanto Poupino projetava-se como um «dissipado, um perdulario»—Manoel Alves, ao contrario, não se lhe apontam deslises ou escandalos na vida privada. Sobrio, reto, algo frio no trato, era sempre um contraste do primeiro.»

Vitorioso desde as primeiras investidas, o filho de Poconé encontrou na pena do dr. José de Mesquita um arguto comentador e um fluente e poderoso psicologo.

Observando com uma soma prodiga de conhecimentos e uma farta documentação, o insigne autor de «Espelho d'almas» ofereceu-nos nesta hora um trabalho de rara curiosidade que deve ser lido atentamente por todos quantos desejam conhecer a lhures da historia dos homens valorosos de Mato Grosso.

"MANOEL ALVES RIBEIRO" é portanto um belo ensaio cheio de flagrantes pitorescos da vida do poconeano prestigioso, que dirigiu em duas ligeiras etapas os destinos da Provincia Mattogrossense.

Segundo declara o seu fino psicologo, — «Tudo lhe propi-

ciava a facil ascensão: — a linhagem, das melhores, quer a sua, quer a da mulher; os haveres que, facil, enthesourara; o poder de mando, as qualidades de bravura pessoal e de sedução envolvente, que no consenso dos que o conheceram, formavam a aureola do prestigio.»

Assim portanto nesse estilo acrisolado, sem o jogo encantado das historias romanceadas, sem a fantasia das novelas e sem os artificios e enredos romanticos, deu-nos um retrato claro da vida vitoriosa do filho do velho guarda-mór André Alves da Cunha.

Teve assim uma vida gloriosa crivada de varias conquistas e de expressivos triunfos. Mas... a morte tirou-lhe a vida preciosa num dos melhores e mais heroicos apoteoticos momentos de sua existencia. Estava no apogeu do poderio e do prestigio quando ela lhe bateu à porta.

Poupino como ele sofrera do mesmo mal num momento grandioso do seu viver. E, assim, ambos deixaram o mundo tristemente. Se Poupino, numa noite fria, nostalgica e escura, tombava ao solo abatido por tiros mortais, vitima de um crime que pretendia ficar impune e na penumbra da justiça, Manoel Alves, anos varios após, desaparecia tragado pelos bacilos da febre amarela, sem os sofrimentos longos e sem enfermidades demoradas—De um dia para a noite, foi-se, deixando as conquistas e os laureis. Despediu-se do mundo deixando o prestigio e a força, a grandeza e o nome, que adquiriu à custa de tentativas espetaculares, de investidas afoitas e heroicas.

E assim repentinamente, sem martirios prolongados, Manoel Alves Ribeiro,—«o meteoro—se apagava, em pleno zenith, no mais sensacional e imprevisto dos eclipses».

Eis, portanto, em linhas ligeiras, uma visão rapida do notavel ensaio do dr. José de Mesquita, figura literaria das maiores que Mato Grosso possui nesta hora de incertezas para o mundo. José de Mesquita é um biografo excelente e a biografia de Manoel Alves é, portanto, uma obra de muito valor e erudição.

RAIMUNDO MARANHÃO





Publicações recebidas

(1938 e 1939)

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações :

I — Periódicas

a) JORNAIS :

Diario Oficial	}	de Cuiabá
O Estado de Mato Grosso		
A Cruz		
Pena Evangelica		
Correio da Semana		
A Batalha		
A Voz do Norte		
O Operario		
Gazeta de Noticias	}	do Rio
O Rádical		
A Ronda		
Correio da Noroeste — de Baurú	}	de Campo-Grande
Jornal do Comercio		
O Progressista		
Gazeta do Comercio — de Tres Lagoas		
A Razão — de Caceres		
A Tribuna -- de Corumbá		
O Intelectual — de Porto-Alegre		
Correio da Ásia — Yokoama (Japão)		

b) REVISTAS E ANUÁRIOS

Revista do Instituto Historico de Mato-Grosso
Pindorama

A Violeta (órgão do Gremio Julia Lopes)

O Liceu (órgão do Liceu Salesiano)

Anais Forenses do E. de M. Grosso

Revista do Gremio Alvares de Azevedo

Revista do Gremio José de Mesquita

} de Cuiabá

Anuario de Corumbá

O Éco — de Campo-Grande

O Garimpeiro — de Lageado

Revista da Academia Brasileira de Letras

Revista das Academias de Letras (órgão da Federa-
ção das Academias)

Anuario Brasileiro de Literatura (Pongetti) 1º e 2º vo-
lumes 1938 e 1939

Publicações da Academia Carioca de Letras

Revista de Cultura — direção do P. T. Fontes

Revista de Cultura e Técnica

Revista Militar Brasileira

Revista da Sociedade de Geografia

Revista do Serviço Publico

Bôa-Nova

} do Rio

Revista da Academia Paulista de Letras

Revista da Faculdade de Direito

Letras (da Faculdade de Filosofia, da Universidade

Ciências e Letras (órgão da Academia de Ciências e
Letras

Brasil-Novo (do D. P. P. do Estado

Gazeta Clinica

} de
S. Paulo

Revista da Academia Paranaense de Letras

Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes

Nirvana

} de Campinas

Revista do Instituto do Ceará

Correio do Depº de Cooperação Intelectual—N. York

Think — N. York

Boletim Linotipico — Brooklin

} Estados
Unidos

} A. Norte

Revista Geografica Americana — Buenos Aires

Boletim da Bibliotheca Ibero-americana e de Belas Artes—Mexico

II — Livros e folhêtos:**a) DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO:**

Autos de devassa da Inconfidência Mineira — 7 volumes.
 Historia da Companhia de Jesus no Brasil—P. Serafim Leite—2 vls.
 Historia do teatro brasileiro — Lafayette Silva.
 Conferencias na Europa — Gilberto Freyre
 Teatro padrão de cultura — A. Sá Pereira
 Teatro brasileiro e teatro infantil — Joracy Camargo
 O Governo e o teatro
 Relação de linguística americana
 Panorama da educação nacional

b) OBRAS DE ACADEMICOS:*D. Aquino Corrêa:*

Pae e Mestre da juventude (pastoral)
 Preparando a acção catholica (pastoral)
 La Parola de Dio (oração sacra)
 Bispos do Brasil (discurso)

José de Mesquita

O sentido da literatura matogrossense — (conferência)
 Piedade (romance)
 Manoel Alves Ribeiro (these)
 Administração da Justiça (relatorio)
 O sentimento de brasilidade na Historia de Mato Grosso (discurso)
 De Livia a D. Carmo (these)

Virgilio Corrêa Filho:

Alexandre Rodrigues Ferreira (biografia)
 Mato-Grosso (2ª edição)

Tolentino de Almeida:

Romeiros do Ideal (poesia)

Raimundo Maranhão:

Ronald de Carvalho (discurso)

D. Martins de Oliveira:

Caboclo d'agua (romance)

Lobivar Matos:

Sarobá. (versos)

Laurindo de Brito:

Caminhos de minha vida (poesias)

c) DE DIVERSOS

- Teresa Maria Llona* — Encrucijada (poesia) — Lima (Perú)
Manuel Anselmo — A poesia de Jorge de Lima
Exupero Monteiro — Musa Mulata (poesias) e Tobias Barreto (ensaio)
João C. Ferreira — Palavras de uma época
Academia Carioca de Letras — Alcides Bezerra (em memoria)
Federação das Academias de Letras -- Conferencias (1º vol.)
Gabriel Pinto de Arruda — Um trecho do Oeste brasileiro
Fernando de Aquino Ribeiro — A luta do comercio das pedras preciosas
Rodrigo Junior e A. Plaisant — Antologia Paranaense
Carlos Alberto Nunes — Os Brasileidas (poêma)
Ministerio da Marinha — Subsídios para a Historia Marítima do Brasil (oferta de Didio A. Costa)
Francisco Morato — Divisas S. Paulo-Minas-Gerais (monographia)
Frederico Rondon — Na Rondonia Ocidental e Estatutos do Instituto de Colonização Nacional
Florentino de Meneses — Influência do clima nas civilizações — Tratado de Sociologia — Discurso no Ateneu Pedro II
A. Julius Schmidt — Verzeichniss Geographischer Eigennamen
Cel. Laurenio Lago — Brigadeiros e Generaes de D. João VI e D. Pedro I no Brasil
João Ramalho — A Cathedral
Heraclio Pereira — Soldados do Espirito Santo
Rodrigo Junior — Juvenilia (versos)
Laurenio Fernandes — Caiobá
Vieira Souto — (L. F.) — Antonio Carlos Gomes, Cruz e Espada, Estrelas cadentes e Caducêo
M. Carlos — Psicologia
Vieira da Silva — Consolação
Maria Nicolas — Amor que redime (novela) e Meus Apontamentos (ensino de verbos)
Lidio Machado Bandeira de Melo — O Problema do Mal e Minutos de meditação
João Hamilton Rocha de Matos — Elogio de José Barnabé de Mesquita
João B. Martins de Mello — Elogio de Leovigildo de Mello

Academia Brasileira de Letras—Anthologie de quelques conteurs
brésiliens

Centro Paulista — Como se faz uma instituição.

D. P. S. Paulo — Um ano de Governo

D. E. P. do E. Paraíba — As homenagens da Paraíba á passagem do X aniversario do Presidente Vargas e Comunicados 1 a 27

S. D. da Polícia Civil do D. Federal — Carta a El-Rei D. Manoel, por Pero Vaz de Caminha, em 1º de Maio de 1500.

Museu Paranaense — Resenha historica.

